



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)/ UNIVERSIDADE FEDERAL DE
CATALÃO (UFCAT) em implantação.
FACULDADE DE EDUCAÇÃO.
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO.
PPGEDUC – MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ALAN RODRIGUES DOS SANTOS

5 X COLETIVOS UNIVERSITÁRIOS: JUNTOS NÃO ESTAMOS SÓS

CATALÃO
2022

**UFG**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE EDUCAÇÃO**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE
TESES****E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

[x] Dissertação [] Tese

2. Nome completo do autor

Alan Rodrigues dos Santos

3. Título do trabalho

5 X COLETIVOS UNIVERSITÁRIOS: JUNTOS NÃO ESTAMOS SÓS

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento [x] SIM [] NÃO

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Pereira De Araújo, Professor do Magistério Superior**, em 26/04/2022, às 18:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por **ALAN RODRIGUES DOS SANTOS, Discente**, em 27/04/2022, às 15:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2852577** e o código CRC **838E97CC**.

ALAN RODRIGUES DOS SANTOS

5 X COLETIVOS UNIVERSITÁRIOS: JUNTOS NÃO ESTAMOS SÓS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Goiás (UFG) / Universidade Federal de Catalão (UFCAT) em implantação, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação. Linha de pesquisa: Políticas Educacionais, História da Educação e Pesquisa (auto) biográfica.

Orientadora: Prof.^a Dra. Juliana Pereira de Araújo.

CATALÃO
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFCAT.

Santos, Alan Rodrigues dos
5 X COLETIVOS UNIVERSITÁRIOS : JUNTOS NÃO ESTAMOS
SÓS / Alan Rodrigues dos Santos. - 2022.
138, f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Pereira de Araújo.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Catalão,
Faculdade de Educação, Catalão, Programa de Pós-Graduação em
Educação, Catalão, 2022.
Bibliografia. Apêndice.
Inclui siglas, fotografias, abreviaturas, lista de figuras, lista de
tabelas.

1. Educação. 2. Juventudes. 3. Coletivos Universitários. I. Araújo,
Juliana Pereira de, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ATA DE Nº.196 SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO.

ATA DA COMISSÃO EXAMINADORA DESIGNADA PELA COORDENADORIA DO PPGEDUC PARA JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DE ALAN RODRIGUES DOS SANTOS.

Aos trinta e um dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e dois, às 09:30 horas, à distância por meio de webconferência, reuniram-se os componentes da banca examinadora, a Profa. Dra. Juliana Pereira de Araújo - PPGEDUC/FAE-UFG/UFCAT (Em transição) - Orientadora; Prof. Dr. Wender Faleiro da Silva - PPGEDUC/FAE-UFG/UFCAT (Em transição) - Membro Interno; Prof. Dr. Bruno Gonçalves Borges - FAE-UFG/UFCAT (Em transição) - Membro Externo, para, em sessão pública de exame de Defesa de mestrado, de Alan Rodrigues dos Santos, discente do Programa de Mestrado em Educação – PPGEDUC da FAE-UFG/UFCAT (Em transição), área de Concentração Educação, com trabalho intitulado “5 X COLETIVOS UNIVERSITÁRIOS: JUNTOS NÃO ESTAMOS SÓS”. A sessão foi aberta pela presidenta da banca, que fez a apresentação formal dos membros da banca. Em seguida, a palavra foi concedida ao discente que, procedeu a apresentação da Defesa. Terminada a apresentação, cada membro da banca arguiu o examinando. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. Terminada a fase de arguição, foi suspensa a Sessão Pública e, em Sessão Secreta, os arguidores atribuíram seus conceitos. Reaberta a Sessão Pública foi anunciado o resultado final: DEFESA APROVADA, fazendo jus, portanto, ao título de Mestre em Educação, de acordo com o artigo 57 do Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Educação - Regional Catalão/UFCAT Em transição. A Banca Examinadora de Defesa Pública de Dissertação foi realizada em conformidade com a Portaria da CAPES n. 36, de 19 de março de 2020, de acordo com seu segundo artigo: Art. 2. A suspensão de que trata esta Portaria não afasta a possibilidade de defesas de tese utilizando tecnologias de comunicação à distância, quando admissíveis pelo programa de pós-graduação stricto sensu, nos termos da regulamentação do Ministério da Educação. O PPG encontra-se vinculado à UFG, pois não houve ainda migração pela CAPES à UFCAT (criada pela Lei 13.634 de 20 de março de 2018, por desmembramento da Universidade Federal de Goiás-UFG). Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Programa de Pós-Graduação em Educação da FAE-UFG-RC/UFCAT Em transição, trinta e um dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e dois.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Pereira De Araújo, Professor do Magistério Superior**, em 01/04/2022, às 07:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Bruno Gonçalves Borges, Professor do Magistério Superior**, em 01/04/2022, às 08:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Wender Faleiro Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 01/04/2022, às 08:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2797541** e o código CRC **7B801A57**.

Referência: Processo nº 23070.014175/2022-90

SEI nº 2797541

AGRADECIMENTOS

A Deus.

À minha família: Erly, Zilda, Alex e Gleiziele pelo apoio e dedicação.

À Profa. Dra. Juliana Pereira de Araújo. A querida “mamis” pelo apoio neste trajeto acadêmico.

À linha de Pesquisa Políticas Educacionais, História da Educação e Pesquisa (Auto) Biográfica: Com os professores Cida Almeida, Fernanda Barros, Rita Erbs, Wolney Honório pelo acolhimento e pelos momentos de formação.

Aos professores Wolney e Loucura, o meu agradecimento singelo pelas contribuições, direcionamento na produção da dissertação durante a qualificação. Agradeço aos professores Wender e Bruno pelo acolhimento e dedicação neste processo final de defesa.

Aos colegas de linha – turma 2020: Fabiano Ferreira, Gêssica Cristina, Gilberto Caetano, Lucas Lino, Maria Amélia, Neide Abadia, Olinda Inês, Thatiany Santos e Thiago Augusto pelos momentos de alegria e apoio. Para a turma 2021: Leiliane, Jeovanira e Erica, o meu muito obrigado.

Aos amigos de profissão: Raquel Lucas, Aline Abreu, Ediene Lima, Danusa Lima e Pedro Paulo. Aos de longa estrada Joice Silva e Joingre Alves.

À uma amizade que não está materializada entre nós e que sempre me apoiou no caminho acadêmico – Naura Delfina minha gratidão.

E aos Coletivos Universitários pela participação na pesquisa.

*Não te rendas, ainda estás a tempo
de alcançar e começar de novo,
aceitar as tuas sombras
enterrar os teus medos,
largar o lastro,
retomar o voo.*

*Não te rendas que a vida é isso,
continuar a viagem,
perseguir os teus sonhos,
destravar os tempos,
arrumar os escombros,
e destapar o céu.*

[...]

Autor: Mário Benedetti (1920-2009).

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Post do Instagram do Coletivo LGBTQ+ UFJF-GV.....	41
Imagem 2: Ata de consolidação do nome do Coletivo.	56
Imagem 3: <i>Postagem no Instagram do Coletivo LGBTQ UFJF-GV</i>	80
Imagem 4: <i>Postagem no Instagram do Coletivo LGBTQ UFJF-GV</i>	80
Imagem 5: <i>Postagem do Instagram do Congresso de Gênero e Sexualidade</i>	81
Imagem 6: Postagem no Facebook do Coletivo Agroecológico Lourenciano	86
Imagem 7: <i>Postagem do Instagram do CEQ</i>	91
Imagem 8: <i>Recepção dos calouros indígenas e quilombolas</i>	92
Imagem 9: <i>Sala CEQ</i>	92
Imagem 10: <i>Postagem do Instagram do coletivo todas putax</i>	97
Imagem 11: <i>Postagem do Instagram do coletivo todas putax</i>	97
Imagem 12: <i>Postagem do Instagram do coletivo todas putax</i>	98
Imagem 13: Imagem 11: Postagem do Instagram do coletivo Mocambo	104
Imagem 14: Destaque do Instagram do Coletivo Mocambo (Artes)	104

LISTA DE FIGURA

Figura 1: QR Code do vídeo Assombro do Sobrado.	44
Figura 2: QR Code da Página do Facebook do coletivo Agroecológico Lourenciano.....	45
Figura 3: QR Code da declamação do poema “A Palavra” de Eduardo White.....	46
Figura 4: QR Code da Página do Facebook do coletivo Agroecológico Lourenciano.....	86
Figura 5: Qr Code do Instagram do Coletivo Agroecológico	87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Logo do Coletivo LGBTQ+ UFJF-GV e do <i>campus</i> UFJF-GV	75
Quadro 2: Caixa Nº 1: Coletivo LGBTQ+UFJF-GV. Conteúdo: A Origem.	76
Quadro 3: Caixa Nº 2: Coletivo LGBTQ+UFJF-GV. Conteúdo: Formas de Atuação/Atividades.....	77
Quadro 4: Caixa Nº 3: Coletivo LGBTQ+UFJF-GV. Conteúdo: Organização	78
Quadro 5: Caixa Nº 4: Coletivo LGBTQ+UFJF-GV. Conteúdo: Relações.....	78
Quadro 6: Caixa Nº 5: Coletivo LGBTQ+UFJF-GV. Conteúdo: Sensações.....	79

Quadro 7: Documentação Fotográfica do coletivo LGBTQ+UFJF-GV	80
Quadro 8: Logo do Coletivo Agroecológico Lourenciano e da FURG	81
Quadro 9: Caixa Nº 1: Coletivo Agroecológico Lourenciano. Conteúdo: Origem.....	82
Quadro 10: Caixa Nº 2: Coletivo Agroecológico Lourenciano. Conteúdo: Formas De Atuação/Atividades.....	83
Quadro 11: Caixa Nº 3: Coletivo Agroecológico Lourenciano. Conteúdo: Organização.....	83
Quadro 12: Caixa Nº 4: Coletivo Agroecológico Lourenciano. Conteúdo: Relações	84
Quadro 13: Caixa Nº 5: Coletivo Agroecológico Lourenciano. Conteúdo: Sensações	85
Quadro 14: Documentação Fotográfica e de Vídeo do Coletivo Agroecológico Lourenciano	86
Quadro 15: Logo do Coletivo de Estudantes Quilombola e da UFOPA.....	87
Quadro 16: Caixa Nº 1: Coletivo de Estudantes Quilombolas. Conteúdo: Origem.....	87
Quadro 17: Caixa Nº 2: Coletivo de Estudantes Quilombolas. Conteúdo: Formas de Atuação/Atividades	88
Quadro 18: Caixa Nº 3: Coletivo de Estudantes Quilombolas. Conteúdo: Organização.....	89
Quadro 19: Caixa Nº 4: Coletivo de Estudantes Quilombolas. Conteúdo: Relações	90
Quadro 20: Caixa Nº 5: Coletivo de Estudantes Quilombolas. Conteúdo: Sensações.....	91
Quadro 21: Documentação Fotográfica do Coletivo de Estudantes Quilombola	91
Quadro 22: Logo da UFCat.....	93
Quadro 23: Caixa Nº 1: Coletivo Todas Putax. Conteúdo: Origem.....	93
Quadro 24: Caixa Nº 2: Coletivo Todas Putax. Conteúdo: Formas de Atuação/ Atividades	94
Quadro 25: Caixa Nº 3: Coletivo Todas Putax. Conteúdo: Organização.....	95
Quadro 26: Caixa Nº 4: Coletivo Todas Putax. Conteúdo: Relações.....	95
Quadro 27: Caixa Nº 5: Coletivo Todas Putax. Conteúdo: Sensações.....	96
Quadro 28: Documentação Fotográfica do Coletivo Todas Putax.....	97
Quadro 29: Logo do Coletivo Mocambo e da UFOB	98
Quadro 30: Caixa Nº 1: Coletivo Mocambo. Conteúdo: Origem	99
Quadro 31: Caixa Nº 2: Coletivo Mocambo. Conteúdo: Formas de Atuação/ Atividades ..	100
Quadro 32: Caixa Nº 3: Coletivo Mocambo. Conteúdo: Organização	101
Quadro 33: Caixa Nº 4: Coletivo Mocambo. Conteúdo: Relações	102
Quadro 34: Caixa Nº 5: Coletivo Mocambo. Conteúdo: Sensações	102
Quadro 35: Documentação Fotográfica do Coletivo Mocambo	103

LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS

AAUIF	Associação Atlética União Igualdade e Força
CA	Centro Acadêmico
CAC	<i>Campus</i> Avançado de Catalão
CAL	Coletivo Agroecológico Lourenciano
CEPI	Colégio Estadual de Período Integral
CEQ	Coletivo Estudantil Quilombola
CONSUN	Conselho Universitário
DCE	Diretório Central dos Estudantes
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ERGA	Encontro Regional de Grupos de Agroecologia
FOQS	Federação das Organizações Quilombolas de Santarém
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
IFMSA	International Federation of Medical Students' Association
LGBTQIA+	Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transsexuais, queer, intersexuais, assexuais e outros grupos de gênero e sexualidade
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PNAES	Plano Nacional de Assistência Estudantil
PPGEDUC	Programa de Pós-Graduação em Educação
PSEQ	Processo Seletivo Especial Quilombola
Sisu	Sistema de Seleção Unificada
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
UFCat	Universidade Federal de Catalão
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFJF-GV	Universidade Federal de Juiz de Fora <i>Campus</i> Governador Valadares
UFOPA	Universidade Federal do Oeste do Pará
UFPA	Universidade Federal do Pará
Unicamp	Universidade Federal de Campinas
UNIFAL	Universidade Federal de Alfenas

RESUMO

Este trabalho parte de leitura, escrita e vivências de um jovem aventureiro em relação a presença e atuação dos Coletivos Universitários, admitindo-os como fenômenos recentes e pouco explorados no campo da pesquisa em educação, em que parto da seguinte questão: Quais compreensões sobre os Coletivos Universitários se estruturam nas e pelas narrativas de suas juventudes? Para realização de uma pesquisa de mestrado. É a partir dessa questão que se impõe como objetivo compreender os coletivos universitários pela perspectiva de suas juventudes. Assim, esboçada, a pesquisa se alinha a um conjunto de esforços conectados pela busca de elementos para compreensão dos fenômenos contemporâneos permitindo-me dizer que ela concorre para a História do Tempo Presente. Seu substrato teórico agrupa os estudos sociológicos sobre a pós-modernidade (cenário temporal), sobre as juventudes e de algum modo envereda ainda pelas reflexões sobre a Universidade, o que explica o diálogo com autores como Luiz A. Groppo (2000 e 2017), Michel Maffesoli (2003; 2005; 2010a; 2010b; 2011 e 2018), Juarez Dayrell (2003), Alain Touraine (1994 e 2009), Anthony Giddens (1991), e Marialice Foracchi (2018). Por conseguinte, estas escolhas enfeixam as bases para um percurso metodológico zeloso da subjetividade, da linguagem e do cotidiano que encontra concretude na pesquisa qualitativa, de campo. As narrativas (produzidas a partir de grupos focais com jovens integrantes de cinco coletivos universitários, sendo um de cada região do país: a) o Coletivo LGBTQ+ UFJF-GV de Universidade no Sudeste, b) o Coletivo Todas Putax de Universidade no Centro Oeste; c) o Coletivo Agroecológico Lourenciano de Universidade no Sul, d) o Coletivo Estudantil Quilombola de Universidade no Norte; e) o Coletivo Negro Mocambo de Universidade nordestina, possibilitam compor um corpus denso e rico. Os resultados evidenciam a fluidez e a transição de hierarquia desses movimentos, mas avançam no sentido de pensar a juventude como alavancas para potencialização de uma outra Universidade, sujeitos e sociedade, já que não desconsideram os ganhos da experiência inclusive no sentido do desenvolvimento de habilidades valiosas ao mundo adulto, pós-universidade. O que espero é contribuir com o debate sobre os Coletivos Universitários e as juventudes pós-modernas.

Palavras-chave: Educação. Juventudes. Coletivos universitários.

5 X UNIVERSITY COLLECTIVES: TOGETHER WE ARE NOT ALONE

ABSTRACT

This dissertation starts from reading, writing and experiences of a young adventurer in relation to the presence and performance of University Collectives, admitting them as recent and little explored phenomena in the field of research in education, in which I start from the following question: What understandings about the Are University Collectives structured in and through the narratives of their youth? To carry out a master's research. It is from this question that the objective of understanding university collectives from the perspective of their youth is imposed. Thus, outlined, the research is aligned with a set of efforts connected by the search for elements to understand contemporary phenomena, allowing me to say that it competes for the History of the Present Time. Its theoretical substratum groups sociological studies on postmodernity (temporal scenario), on youths and, in a way, still embarks on reflections on the University, which explains the dialogue with authors such as Luiz A. Groppo (2000 and 2017), Michel Maffesoli (2003; 2005; 2010a; 2010b; 2011 and 2018), Juarez Dayrell (2003), Alain Touraine (1994 and 2009), Anthony Giddens (1991), and Marialice Foracchi (2018). Therefore, these choices bundle the bases for a careful methodological course of subjectivity, language and everyday life that finds concreteness in qualitative field research. The narratives (produced from focus groups with young members of five university collectives, one from each region of the country: a) the LGBTQ+ UFJF-GV Collective of a University in the Southeast, b) the All Putax Collective of a University in the Midwest; c) the Lourenciano Agroecological Collective of a University in the South, d) the Quilombola Student Collective of a University in the North; e) the Coletivo Negro Mocambo of the Northeastern University, make it possible to compose a dense and rich corpus. The results show the fluidity and hierarchy transition of these movements, but they advance in the sense of thinking of youth as levers for the potentialization of another University, subjects and society, since they do not disregard the gains of experience, including in the sense of developing valuable skills. to the adult, post-university world. What I hope is to contribute to the debate on University Collectives and postmodern youth.

Key words: Education. Youths. Collectives university.

SUMÁRIO

CARTA-CONVITE	17
Carta aos Intercessores.....	23
Bilhete de passagem.....	31
MERGULHOS	35
1.1 A partida.....	35
1.2 O Mar.....	43
1.3 Os consecutivos goles	51
1.4 Palavras não dão conta.....	63
1.5 A volta ao mundo em 155 dias	69
INVENTÁRIO DE EXPEDIÇÃO	75
1º Baú – Coletivo LGBTQ+ UFJF-GV	75
2º Baú – Coletivo Agroecológico Lourenciano	81
3º Baú – Coletivo de Estudantes Quilombolas	87
4º Baú – Coletivo Todas Putax	92
5º Baú – Coletivo Mocambo.....	98
GARRAFA AO MAR	105
No princípio, quando Deus criou o céu e a terra, a terra estava sem forma e sem ordem. (BÍBLIA, Gênesis, 1,1).....	106
Taca-le pau, taca-le pau, taca-le pau!.....	113
Ordem, hierarquia, disciplina, são valores estéticos. (Nicolás Gómez Dávila).....	118
Reage, bota um cropped.....	122
A experiência é o lugar onde tocamos os limites de nossa linguagem. (Giorgio Agamben)	125
Última Carta.....	129
REFERÊNCIAS.....	132
.....	136
APÊNDICES	137

Os Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu em funcionamento na Universidade Federal de Catalão (UFCAT), em virtude de procedimentos técnicos relacionados à CAPES, continuam provisoriamente vinculados à Universidade Federal de Goiás (UFG), por isso, todos os elementos pré-textuais do trabalho apresentado estão identificados como Universidade Federal de Goiás/Universidade Federal de Catalão em implantação, em função da migração da BDTD ter ocorrido a partir de 16 de agosto de 2021, assim como pelo fato das pesquisas e produtos serem realizados na UFCAT.

CARTA-CONVITE

[...]

Todavia tome Vossa Alteza minha ignorância por boa vontade, a qual bem certo creia que, para aformosentar nem afear, aqui não há de pôr mais do que aquilo que vi e me pareceu.

Da marinhagem e das singraduras do caminho não darei aqui conta a Vossa Alteza -- porque o não saberei fazer -- e os pilotos devem ter este cuidado. E portanto, Senhor, do que hei de falar começo:

[...]

A carta de Pero Vaz de Caminha

Catalão, 06 de março de 2022

Para: Queridos leitores

Olá! Quero a princípio fazer uma autodescrição minha, portanto me apresento descrevendo fisicamente e espiritualmente para as pessoas que lerão futuramente estas cartas e que não tiveram nenhum contato comigo. Sou Alan Rodrigues dos Santos, natural de Catalão no sudeste goiano, tenho a pele na tonalidade moreno clara, cabelo curto e na maioria das vezes com degradê nas laterais e penteado no topo para o lado. Gosto de usar algumas demarcações nas laterais do cabelo o famoso “risquinho”, suponho que busco algo juvenil neste corte de cabelo.

Uso óculos e por detrás tenho olhos pretos e atentos as coisas ao meu redor e sinto toda a energia que emana destes locais. Tenho 28 (vinte e oito) anos, estatura alta com índice de massa corporal baixa, tenho 1,89 m (um metro e oitenta e nove centímetros) e cerca de 72 kg (setenta e dois quilogramas). Sou do signo de peixes, no horóscopo é considerado uma velha e sábia alma, que experimenta um amor ilimitado com sua sensibilidade e emoção, vive em outros mundos criados por ele e está em sua última fase de aprendizagem neste mundo. Algo ruim que carrego dessa espiritualidade pisciana é a distração e a perda de foco. Mas a escrita de cartas a vocês me seduz e me faz sonhar em outros mundos.

Agora, quero contar-lhes minha história: a história de um jovem professor viajante pelo mundo MIX. Para isso, viajarei no tempo e no espaço, pensando nos pequenos fatores que me levaram a estudar os coletivos universitários e as juventudes, revelarei as experiências que me fizeram sujeito e deslocaram as características de um professor de Matemática (cartesiano) para um jovem sensível, voltado para as juventudes.

É anos 90 (noventa) ou simplesmente década de 90 (noventa), década do primeiro SMS (*Short Message Service*) do celular NOKIA 1011 ou do Windows 95 (noventa e cinco), mas estamos nos modernizando. O que fazia durante esse tempo?

Nasci no ano de 1994 filho de um tratorista, o Sr. Erly José dos Santos e da dona de casa Sra. Zilda Rodrigues da Silva Santos. O progenitor da família foi um trabalhador muito calmo, só ouvíamos algumas palavras dele e quando saía eram palavras ditas em uma voz muito baixa. Ao contrário do meu pai, minha mãe é uma mulher que gosta de rir e conversar. Quando você tiver um assunto, sente-se porque ela conversará com você por horas. Quanto aos irmãos? Eu tenho um, o Alex mais velho, quatro anos, e que dividíamos por longos anos o mesmo quarto, o mesmo guarda-roupa, os mesmos brinquedos e inclusive as mesmas roupas. Esta época era marcada pela simplicidade, pela pouca coisa que tínhamos. Recordo neste momento o chão de cimento queimado na tonalidade vermelha, o qual deixava as marcas em nossos pés e até mesmo as falas de minha mãe pedindo para esfregarmos com um pedaço de coberta o chão para dar aquele brilho. Eu e meu irmão pegávamos cada um seu pano e saíamos brincando de escorregar pela casa toda.

Que bom, recordar estes momentos! Eu cresci nesta família com amor e carinho. É chegada a hora de ingressar no Ensino Fundamental. Em meados dos anos 2000, ingresso no Ensino Fundamental o chamado “prezinho” no Colégio Estadual Abrahão André, próximo a minha residência. É ano 2000, ou simplesmente fim do mundo? Caros leitores lembram que do ano de 2000 não passaríamos ou até mesmo não chegaríamos neste ano? Ou do Bug do Milênio? E hoje estou aqui escrevendo uma carta a vocês no ano de 2022. Uma carta diferente de Pero Vaz de Caminha que abre está. A vigente carta é escrita em uma página de word, mas procurando a essência e o cheiro da escrita em papel à tinta.

Neste Colégio transcorro toda a minha vida escolar. Nestes doze anos de estudo participo de várias transformações físicas da escola, além das mudanças de corpo docente e administrativo. Até mesmo posso considerar, que está escola tem uma presença marcante na minha vida, pois foi local em que meu irmão e meu pai enquanto aluno da Educação de Jovens e Adultos – EJA estudaram. Geralmente, os mesmos professores que ensinaram para o meu pai e o meu irmão eram os meus. Durante o Ensino Fundamental e médio fui representante de sala por vários anos, devido ser um aluno com notas boas. Mas, também, já me envolvi com brigas, troquei de respostas de provas com os colegas e a criarem as nossas primeiras formas de agrupamentos – como o clubinho atrás da escola em que agrupávamos por certos gostos e algo nos unia como a amizade. Esta primeira fase denomino de “Manga”, pois era meu apelido

durante boa parte do Ensino Fundamental e Médio, utilizado por amigos e até mesmo professores, os quais na hora da chamada dizia: “Alan? Ops! Manga.”. Um adolescente/jovem que se encontrava na fronteira entre os “nerds” e os “bagunceiros”, transitando constantemente por estas duas facetas.

Os jovens e adolescente que compõe a sociedade dos anos 2000 são aqueles da inserção às plataformas de mídia social como o MSN Messenger (Windows Live Messenger), Orkut e no final da década o *Facebook*. Eu cresci nesta geração tecnológica. Venho da Geração Y ou Geração Millenium. Nesta geração da *Internet* procuro redes, afeto e comunicação através de dispositivos tecnológicos. Com 12 (doze) anos já tinha o meu primeiro aparelho de telefone. Um pouco tarde em comparação com alguns dos jovens da minha época, portanto essa época em que o mundo tecnológico está evoluindo e a globalização tomando forma, cresço e desenvolvo como sujeito.

É chegado o ano de 2011 e a decisão de escolher a profissão do futuro. Sentia naquele momento de aflições e indecisões. “Qual profissão vou seguir? Não sei.” Neste momento tenho dois caminhos para o ingresso no Ensino Superior: O Sistema de Seleção Unificada – Sisu e o processo seletivo. Por conversas de alguns professores da instituição escolar, decido pelo curso de Engenharia de Produção no processo seletivo. Mas, não sou aprovado. Devido à nota no SISU, escolho Matemática Licenciatura buscando uma ponte entre a Engenharia de Produção.

Dessa forma, dentre as poucas possibilidades enveredo pelo caminho da licenciatura em Matemática, porém como uma relação de uma bicondicional, descubro a beleza e o mundo da Matemática. Ingresso no ano de 2012 no curso de Matemática licenciatura na Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, participando de projetos de extensões como o Projeto de Iniciação à Docência – PIBID, Projeto de Iniciação Científica – PIBIC, Seminário Semanal de Álgebra – SSA e os Workshops de Álgebra da UFG-CAC, entre outros, desenvolvendo e publicizando novas pesquisas no *campus* da Matemática e da Educação Matemática. A imagem do jovem “Manga” dedicado e com um toque de travessura perde forças neste ambiente e surge o eu “matemático”. Esta persona carregada deste entre lugar de axiomas, teoremas e postulados que me solidificam e encontro forças e sustento para romper o eu “matemático” no pós-estruturalismo de Ubiratan D’Ambrósio e na pedagogia Freiriana lidas e trabalhadas no PIBID.

Foram 4 (quatro) anos de muitos estudos e de noites em claros resolvendo listas extensas. Valeu a pena? Digo que sim. Hoje me realizo enquanto professor e percebo a importância da minha função para a formação dos jovens e adultos, é onde quero estar, ao lado das juventudes. Cada sorriso e cada realização pessoal e profissional dos meus mais de 800

(oitocentos) jovens que passaram pelas minhas aulas de Matemática ou Física me reafirmam enquanto professor, me emancipando e humanizando o meu ser. Retorno, leitores que naquele momento da graduação a universidade tornava-se para mim um novo mundo com regras e seres desconhecidos. Marcando-me a multiplicidade de “tipos” e a gama de cores, sonoridades e formas de expressão.

Após estes anos de formação e estudo. Assumo, no ano de 2017 a início de 2019 como professor substituto no CEPI – Colégio Estadual de Período Integral Zulca Peixoto de Paiva na cidade de Cristalina – GO e sentia atraído por esta juventude e suas tribos, era momento em que juntavam nas horas dos intervalos com os grupos de jovens os quais escutavam as músicas sertanejas e os ditos “modão”, ou transitavam nos grupos de alunos (as) “nerds” para auxiliarem nas disciplinas de Matemática e Física, em que na maioria das vezes era o professor responsável desta disciplina. Naquela época não compreendia este universo das tribos e das redes e participava (in) diretamente deste processo.

Atualmente, sou professor de Matemática para a EJA na unidade integrada SESI (Serviço Social da Indústria) / SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) e professor do curso de administração na Secretária Municipal de Educação – SME para o Programa Jovem Aprendiz no Centro de Convivência do Pequeno Aprendiz – CCPA. Portanto, os jovens e as juventudes se tornam algo corrente no meu dia-a-dia. São eles que me instigam, me alegram e animam-me a buscar entendê-los.

Feitas as introduções iniciais, expresso o desejo que vocês se encontrem bem e saudáveis. Aqui em Goiás, no mês de setembro fez um imenso calor e seguia baixa a umidade do ar. Em certo momento contemplando uma paisagem de minha janela senti que ela penetrava meu peito e foi reconfortante perceber-me assim escrevendo cartas a vocês. O tempo! A escrita! Estar presente é o contemplativo do mundo!

Mesmo não sabendo ao certo quem são as pessoas que leem essas cartas e escritos, penso que ainda poderemos trocar cartas. E talvez possam como eu se apresentarem, me contar de onde são e como se fez nosso encontro epistolar. Espero que sim. Considero que essas trocas de cartas entre pessoas que se acolhem e compreendem-se como diferentes, mas se complementam como uma aprendizagem contínua.

Nesta aventura aos Coletivos Universitários estou acompanhado de Juliana Araújo, conhecida como Ju, ou carinhosamente utilizados pelos seus orientandos como “mamis” algo bem afetivo e materno. Ela é orientadora, mãe de 2 (dois) filhos e de 13 (treze) orientandos, geminiana, amante das juventudes e filha espiritual de Michel Maffesoli. Essa geminiana

seguir comigo todo o tempo e sua curiosidade, e facilidade de conhecer, de conversar e ouvir pessoas com as quais nunca convivi foi fundamental para concluir o projeto. Como é Ju? Farei uma descrição. Atualmente, ela tem os cabelos castanhos claros e curtos no tamanho do ombro. Pele clara e olhos castanhos esverdeados. Estatura média para alta, sorriso envolvente e cativante. Como uma boa geminiana, até o fim do processo das cartas pode ser que tenha mudado o cabelo.

Cartas são às vezes formais, às vezes fluidas com seus respectivos movimentos de reflexão, exposição e de diálogo. A troca de cartas é gesto de compartilhamento e de formação, tornando-se espaços na construção de diálogos de caráter político, pessoal e/ou profissional. Criando pontes de reflexão, abrindo caminho e o retornando determinada imagem e/ou diálogo. Em primeiro momento as cartas fluíam de forma lenta e hoje consigo escutar a minha respiração e o som dos meus pensamentos. Uma preocupação está curiosamente ausente de tudo isso: cartas como forma de relatar a história e como método historiográfico.

Com a valorização das demais fontes a partir da Escola de Annales passamos a ter novas abordagens e novas metodologias, também um diálogo com outras disciplinas. Antigamente, a história estava enfatizada em narrativas e na historiografia de grandes acontecimentos históricos, não se pautando nas questões cotidianas da vida pública e privada de cidadãos comuns. Portanto, nesse caso, reforçando a importância da proteção dos recursos e da composição do acervo, a pesquisa com metodologia de cartas ou como Albuquerque Júnior (2019) intitula de ensaios em que ele não pretende enunciar verdades absolutas, mas que em forma da prática de tecelagem os ensaios se entrelaçam e cai no âmbito da epistemologia e dos materiais históricos. Sim, sei que se trata de uma dissertação de mestrado, mas compreendam que é desse jeito que encontrei prazer e autoria. É apenas um jeito de seguir falando de ciência, literatura, arte sem perder de vista o objeto que persegui no rigor da pesquisa.

E essa é a primeira de 3 (três) cartas que designo de trilogia (tri – três vezes e logia – palavras) que possui sua raiz na Grécia Clássica nas festas em honra ao deus do vinho, Dionísio. A proposta desta trilogia é de três cartas, três cartas dramáticas, três cartas imaginárias. Ela substitui aquilo que convencionalmente designaríamos de “introdução” se tivéssemos optados por uma dissertação formal e clássica. Depois desta haverá a Carta aos Intercessores e a Carta que chamei de Bilhete de passagem. Lidas juntas e em sequência montam uma imagem que revela o autor, seus pais intelectuais e os caminhos da pesquisa.

Penso que somos caminhantes da aurora e do crepúsculo, almas que viajam pelo mundo carregando afetos, emoções das amizades construídas, se encantando pelo universo das

juventudes, da Pós-Modernidade e do Mundo Mix. Por agora, quero falar deste mundo que chamo de mundo MIX cuja reflexão original me foi dada por Professor Wolney, ainda na qualificação (sou-lhe grato!).

Só com os olhos atentos à cultura, bêbado dela é que enxergamos o mundo mix. Não é o mundo cartesiano que se identifica com a elite, com os rigores da erudição, tampouco um mundo atrelado ao que vem da massa. É um tudo junto e misturado (daí o mix) onde transitam, por exemplo, os LGBTQIA+, os hipsters, os nerds, os cringes, os velhos, os loucos. O que isso me diz é sobre vivermos em uma sociedade a qual se torna cada vez mais complexa, fluida. Nela, segundo um de meus intercessores que é Michel Maffesoli não há uma identidade fixa que conhecemos na modernidade, mas sim a possibilidade de assumir múltiplas identidades, viver em constante processo de identificações o que fazemos pelas personas ou personagens deste grande *Theatrum Mundi*.

Pelo mundo mix existe a comunicação entre pessoas e mundos. A troca, a mutação, a mistura. Quando percebi o Mundo Mix? No mesmo momento em que nas minhas viagens os jovens deram-me a honra de me contarem sobre o fenômeno em questão. A universidade é um lugar onde em maior ou menor grau o mundo mix pode ser notado. A democratização desse lugar, torna-se um espaço público para novas formas de sociabilidade, de indignação e de esperança. Abrindo novas possibilidades para as manifestações em geral e em particular entre os jovens que se abrigam nela guiados pela expectativa de seus corpos diversos, desobedientes e inexistentes considerados historicamente como rebeldes, violentos e desocupados.

Considero dois verbos para pensar esse mundo: Transfigurar e Pertencer. O primeiro da etimologia, *transfigurare*, de modificar, de converte-se ou de alterar. O segundo, *pertinescere* refere-se a ser propriedade, ser parte e estar contido. Contudo, para que aflore o mundo mix, os indivíduos precisam transfigurar a sua dor, buscando o estar-junto. Quando isso ocorre o indivíduo transfigura-se e passa a pertencer a este mundo.

Em pleno século XXI, esse mundo mix permite o crescimento de ideias e valores compartilhados, fazendo aumentar a ideia de pertencimento. Numa época em que a crença numa sociedade ordenada, racional e previsível é incerto, há o que os sociólogos definem como uma saturação do individualismo, da confiança nas instituições, da vida privada com a emergência de uma nova sociedade. Pensamos como uma metamorfose em que a sociedade pautada no mito do progresso e na imagem do deus Prometeu, o deus do fogo e do trabalho, que está sendo substituído por Dionísio, Deus da fertilidade, do vinho e da loucura, para contextualizar a sociedade pós-moderna pautada na “urgência”, nos rituais e na vida cotidiana.

Com isso o conceito de mundo mix dá as pessoas algo a ser vivenciado. Tempo este marcado pelos avanços tecnológicos, pela inovação e pela mudança social. Logo, este mundo mix levam estes jovens a novos caminhos imaginativos e com certa imprevisibilidade. Neste mundo mix a fragmentação social nas juventudes traz consigo o pluralismo cultural através dos coletivos universitários – sendo transitórios, fluidos e “dionisiacos”.

Os coletivos universitários fazem parte desse mundo mix estabelecido em porções de pluralismo e de diversidade e revelam uma outra forma de agrupamento juvenil na universidade. Não são grêmios, nem diretórios acadêmicos. O que serão? Como serão?

Inspire.

Segure.

Me siga.

Alan Rodrigues dos Santos

Carta aos Intercessores

Catalão, 29 de janeiro de 2021

Para: Luiz Antônio Groppo, Marialice Mencarini Foracchi, Michel Maffesoli, Juarez Tarcísio Dayrell, Olivia Cristina Perez e Alain Touraine.

Antes de partir necessitava de me alimentar. Necessitava fazer uma refeição e a fiz acompanhado por minhas memórias. Devorei livros como um pesquisador cujo estômago beirava abismo profundo. Tudo se esclarece e agora entendo a aventura-descoberta dos Coletivos Universitários.

Vocês são meus intercessores e agora no momento que rememoro os nossos encontros acontecidos por leituras feitas nos meus quase dois anos de mestrado. Dialogando com as vossas pesquisas agora me sinto em um jantar e em boa companhia. Parece que os vejo e os ouço a meu lado. Mesa posta. Digo em auto e bom som. O jantar está pronto!

Senta aqui comigo à mesa o professor Luís Antonio Groppo, docente da Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG) e doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campinas (Unicamp). Como me auxiliaram suas pesquisas sobre a questão das juventudes, sobre o movimento estudantil e questões relacionadas a sociologia e a educação em diferentes ambientes. Digo-o que acompanhei os seus textos e até mesmo as suas *lives* no *Instagram* e *Youtube*. Como foi importante ler em seu livro “Introdução à sociologia da juventude”, sobre

as juventudes que em nossos tempos cede os elementos tradicionais da modernidade e os feitos das proposições do tribalismo e das socializações ativas nas sociedades contemporâneas. Foi magnífico!

A própria concepção sociológica de juventude implode. Um a um, os elementos tradicionais desta concepção são colocados em causa: a transição linear da juventude à idade adulta, a socialização como obra das gerações mais velhas que integra o sujeito jovem em uma estrutura social consolidada, a moratória social como postergação do direito ao exercício da sexualidade, do consumo e da participação social pelos jovens, a associação clara entre cada categoria etária e determinadas funções e instituições sociais, entre outros (GROPPO, 2017, p. 93).

A experimentação deste livro me fez viajar em uma juventude que inventa, que foge dos padrões e atravessa pela intensa vitalidade e força dos jovens. Algo típico das juventudes! Portanto, é a sociologia das juventudes buscando as tentativas de abandono de certezas e determinações sobre as juventudes e tateando novos conceitos para as contemporâneas. E como fiquei exultante quando me falou sobre os coletivos universitários explicando-os como:

Esse micro-espço público se torna lugar de vivência de uma identidade que se assume ou se constrói – tal qual a jovem negra que deixa de se identificar como branca ou “parda” e não mais alisa seu cabelo, ou o jovem que pode assumir sua homossexualidade e vivenciá-la em relacionamentos com outros sujeitos desse espaço. Torna-se um espaço que pré-figura, ao menos em parte, uma sociedade sem racismo, machismo ou LGBTTFobia. Daí, também, a grande vigilância de militantes, em especial mulheres, negras e negros e LGBTTs, contra manifestações destas intolerâncias no interior dos coletivos (GROPPO, 2019, p.1033).

Nessa fala vi minha metáfora do mundo mix entre o *inter mundos*. É neste micro-espço público – a universidade que tenho o meu primeiro encontro com os Coletivos Universitários. Convém destacar que a designação pública, segundo Groppo (2019) refere-se a tornar-se visível, exposto e aparente. Na perspectiva de Maffesoli (2018) seria uma potência subterrânea em que alguns momentos se tornam visível como as revoltas, as apresentações e as rodas de conversas e em outros momentos se concentra na vivência por eles mesmo.

No que se refere a constituição da nomenclatura, o autor utiliza em alguns dos seus textos o termo organização juvenil. Groppo (2017) traça os coletivos auto-organizados de jovens estudantes da universidade, sendo resultado da questão de que os coletivos formados dentro da universidade não têm sempre a necessidade de ocupar cargos institucionais e a sua

origem não é totalmente instituída dentro da universidade, podendo ter sido criado fora do *lócus* da universidade.

Alguns coletivos são gerados, espontaneamente, no contexto das universidades, formados por um grupo de pessoas que buscam se socializar.

Coletivos universitários, por conseguinte, são grupos auto-organizados, oriundos da comunidade acadêmica, independentes e não institucionais, que nascem pela percepção de que a organização ou eleição formal de representantes discentes não é suficiente para garantir a representação de uma causa (MEDEIROS, 2017, p.168).

Com essas observações iniciais, nota-se que os coletivos universitários possuem um objetivo de curto prazo, sua organização é variável não possuindo uma organização formal e concreta e os movimentos são horizontais.

Foi você, Groppo, que me mostrou que a atual conjuntura exige e potencializa outras formas de luta. E só entendi esse “diferentes” quando acessei as lutas das juventudes universitárias a partir do olhar de outra nobre companheira neste banquete que é nossa socióloga Marialice Mencarini Foracchi (2018).

Professora Foracchi, sei que não está mais presente entre nós, mas ainda assim desejo que possa de algum modo saber que foi lendo seu livro “A Juventude na Sociedade Moderna” que reencontrei a Universidade de décadas passadas e ainda hoje. Aquela uma tida tal qual baluarte da sociedade moderna, ocidental. Aquela, estratificada por classes, marcada por acentuadas especializações. Aquela, em que os movimentos estudantis se faziam partidários, elitistas e formados na sua maioria por estudantes dos cursos de humanas. Talvez gostasse de saber que essa universidade se democratizou um tanto ainda aquém do que precisamos, mas um tanto. Só assim chegaram a elas gente outrora não bem-vinda. Negros, pobres, indígenas, trans e outros muitos barrados de cor, de nascimento, de geografia

Mas te escutei, me dizendo daquela universidade que é a nossa ainda de algum modo. Aquela e essa que:

dilacerada, pela natureza da sua vinculação, a uma sociedade “tecnológica”, ela se converte também numa sociedade “pluralista”, com grupos de interesses contraditórios aos quais falta um compromisso maior com os valores da cultura, polarizados que estão pelo compromisso persistente de comercialização do seu produto. Sob esse aspecto, ela reflete a sociedade privilegiando, com recursos intelectuais e humanos de que dispõe como instituição, a aquisição de técnicas especializadas. A formação técnica e profissional é colocada no lugar da formação humanizadora e crítica e a

substitui em vez de suplementá-la. Com isso, a universidade falha em criar um corpo estudantil que respeite valores intelectuais, que os encontre nela criados ou nela formulados, para não ter que procura-los e formá-los em setores extrauniversitários [...] (FORACCHI, 2018, p. 66).

Teria Foracchi assentido com o pensamento de Groppo (2017) quando fala da concepção de dialética da condição juvenil. Penso que haveria boa parceria nesse sentido, sobremaneira se tomassem a discussão de Groppo sobre a moratória Social a qual são submetidas as juventudes. O controle de gerações mais velhas.

Defende-se aqui o que se chama de concepção dialética das juventudes modernas e contemporâneas. Por meio desta, concebe-se o processo de modernização também como a tentativa de instituições sociais “moldarem” a juventude: escolas, orfanatos, grupos juvenis controlados por adultos (ligados a Estados, partidos, igrejas etc.), universidades, mídias eletrônicas e indústria cultural (GROPPO, 2017, p. 839).

Segundo Groppo (2017) o termo dialética da condição juvenil, se relaciona a uma construção de uma sociologia da juventude em que se subdivide em três: O primeiro, o estrutural-funcionalismo que é o estudo voltado ao ponto de integração funcional dos jovens no processo de socialização. Atenta-se que nessa teoria a juventude é uma classe etária e homogênea. A segunda a dialética das juventudes é a teoria que afirma sobre as instituições como a escola agregam os jovens e os sujeitos por idade semelhantes, mas os jovens desenvolvem identidades e valores fora dos padrões esperados pelas instituições modernas. Por fim, as teorias pós-críticas que utilizo neste trabalho.

Nos conceitos das teorias pós-críticas inspirada no pós-modernismo, torna-se mais, preciso falar sobre as juventudes na forma plural, porque leva em consideração os diferentes estilos de vida da juventude na sociedade, valorizando o valor da diversidade.

O referencial teórico das teorias pós-críticas da juventude reestrutura a concepção tradicional de juventude, formada pelas teorias do estrutural-funcionalismo e da dialética da condição juvenil. Este referencial da sociologia da juventude firmada pelas teorias do pós-modernismo e dos pós-estruturalismo dão caminhos para pensar nas identidades, nas tribos e nas socializações flexíveis.

Uma das características das juventudes nas tendências pós-críticas é o tema da transição não linear entre infância, juventude e idade adulta. A socialização ativa ou flexível também é uma das características das teorias pós-críticas da juventude. Ao se pensar na primeira modernidade onde a socialização ocorria em que as gerações mais velhas transmitiam

experiências às mais novas, na segunda modernidade devido ao grande fluxo de mudanças, as socializações ocorrem em um mundo mutante. Em geral, os sujeitos não são jovens apenas pela idade, mas porque assumem o valor signo da juventude.

Meus queridos intercessores! Graças a essas prosas cheguei ao pensamento de que os coletivos formados na universidade fogem a moratória quando rechaçam a necessidade de ocupar cargos institucionais e a anunciam saberes do extramuros e do mundo mix mesmo dentro da instituição. Digo a vocês que eles nascem espontâneos pelo acalanto dos que se buscam.

Sinto imensa alegria por compartilharmos ideias, conceitos e discutirmos sobre sociologia da juventude. Com vocês caminhando ao meu lado sinto energia e vida. Busco como arqueólogos artefatos e monumentos para a reconstrução dos movimentos e percursos dos autores. Falemos um pouco sobre a pós-modernidade! O tapete abaixo de meus pés contemporâneos. O que vejo como tempos.

Se acheque a mesa professor Michel Maffesoli, sociólogo francês e professor de Sociologia na Sorbonne, em Paris. Aquele que foi orientando de Gilbert Durand pelo o que carrega traços de uma antropologia do imaginário. No Brasil é reconhecido por várias obras como “O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa; O Tempo Retorna - Formas Elementares da Pós-Modernidade, A Sombra de Dionísio, dentre outros”. Como gostei de ler as suas obras e que semelhança observo com os Coletivos Universitários. Leitura que não cessa de produzir encontro com o objeto com as juventudes e com a sociedade atual.

Ah Maffesa (permita-me essa proximidade) como fez sentido para mim sua noção de que estamos em uma sociedade ocidental, que vive ou encaminha-se para a era pós-moderna (segunda modernidade), sofrendo profundas mudanças no processo de identificação e socialização. Não foi fácil, porém optar por suas noções, porque reconheço que mantinha conversas com dois grandes grupos de autores nas teorias pós-modernas: os que a consideram uma mudança de dentro para fora sem uma ruptura imediata das sociedades modernas como Alain Touraine, Zygmunt Bauman e Anthony Giddens e aqueles que consideram uma mudança radical da modernidade para a pós-modernidade como você. Sabe o que foi decisivo? Quando você me falou da volta de determinados arcaísmos. Quando você definiu a pós-modernidade assim:

Não é esse o traço que caracteriza o corporeísmo místico das novas gerações, seu presenteísmo que corre paralelo com inegáveis formas de generosidade, seu hedonismo profundo que concorda facilmente com o sentido das realidades não menos evidente, seu surpreendente mimetismo tribal conjugado com a busca furiosa da realização pessoal? Poderíamos multiplicar ao infinito a lista de tais sinergias. E já que se trata justamente disso, onde dominava a separação, a distinção, a autonomia, tende a reinar a reversibilidade, a mistura, a heteronomia (2003, p.11).

Tão impactante foi para mim, ler o que você falou sobre a socialidade que marca o espírito do tempo, dos nossos tempos ressaltando que hoje somos confrontados “com uma forma de “comunhão dos santos” que acontecem pelas “mensagens por computador, as redes sexuais, as diversas solidariedades, os encontros esportivos e musicais são todos indícios de um *ethos* em formação (2018, p.132). São estes escritos feitos pelo o autor que passam a dar vazão a pensarmos em o que une e mantêm a sociedade é a empatia e a proxemia. É nesse sentido que para o autor a proxemia serve de cimento e consiste em estar em um local (estar-junto), a partir de um processo de afinidade, atração ou até mesmo a repulsão.

A começar pela experiência e emoções compartilhadas que impulsionam o estar-junto que se materializa no que o autor designa de “Cimento Social”. É o que está nas potências subterrâneas que se hiperconcentra nas redes e tribos. É tudo que está na ordem do sentimento e do imaginário que se manifesta em grandes eventos e na vida cotidiana.

Tribalismo, presenteísmo e hedonismo são elementos que vejo em todo lugar.

A leitura do livro “O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa” do autor Michel Maffesoli (2018) me fez contato com o conceito de tribalismo. Neste livro podemos perceber que temos a queda do individualismo para a inversão para as comunidades tidas emocionais e que passam a lógica do indivíduo para o coletivo. É lindo o conceito de tribalismo feitos por novas socialidades, em que podemos reconhecermos no outro (exterior) e a nós mesmo (interior/identificação), feito e pensado no nosso tempo presente - presenteísmo.

As neotribos não buscam a perspectiva da eternidade e do futuro, buscam viver com intensidade o presente, o hoje. “Presenteísmo que vai se exprimir no hedonismo, na busca do prazer aqui e agora, na exacerbação do emocional e do sensível” (Maffesoli, 2010, p.229). Existe uma função muito específica que é aquela velha frase: “Só se vive uma vez, uma única vez.”, é o hedonismo e o presenteísmo constituindo a característica destas novas tribos, se dedicando a viver com veemência, vivendo tudo e de imediato.

Enquanto escrevo esta carta, toca o celular e aparece um texto de Juarez Dayrell enviado pela Ju e penso que ela deve estar preocupada em não esquecermos dele. Não esqueceria as contribuições deste professor aposentado da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Dayrell foi importante nas questões sobre juventude sendo dele o plural “as juventudes” assim a consideração da diversidade, de que não há um único modo de ser jovem, devido as diversas formas de ser jovem, e que a juventude tem características que marcam a vida de cada um. Ouço-lhe dizer:

Dessa discussão, entendemos a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. Assim, os jovens pesquisados constroem determinados modos de ser jovem que apresentam especificidades, o que não significa, porém, que haja um único modo de ser jovem nas camadas populares. É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes. Assim compreendida, tornase necessário articular a noção de juventude à de sujeito social (DAYREL, 2003, p.42).

Neste momento volto a mesa de jantar. Depois dessa conversa com os autores, começo a me indagar. Não sou um jovem que vive intensamente o presente, tenho intrínseco a mim a perspectiva do futuro. Todos os meus passos são calculados e até mesmos pré-determinados. Viver a juventude com toda a intensidade não foi algo experimentado por mim. Mas, percebo que essa escrita por cartas, foi o momento de liberdade e de criação. Me diverti durante os grupos focais e durante a escrita destas cartas. Os jovens, são entendidos como jovens diversos e com capacidades sociais em constante mudança. Assim, Dayrell me auxiliará a pensar os coletivos como canais para criação de cultura juvenil, espaço para experimentação e transgressão.

Um brinde agora aos que me antecederam abrindo caminho nos estudos sobre os coletivos! Recordo da noite sem nuvens na qual fazia bastante calor, quando encontrei pela leitura pela primeira vez a socióloga Olivia Cristina Perez da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Doutora em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Encontrei-a nessa trilha de buscar artigos usando descritores como coletivos, movimentos sociais, juventudes. Logo ela já me disse que:

Constatou-se que nos coletivos os jovens se juntam por objetivos comuns: geralmente o combate à discriminação e ao machismo, e por mais assistência aos estudantes. Os membros decidem de forma consensual sem a presença de lideranças. Os coletivos demonstram um distanciamento em relação aos partidos políticos, tidos como responsáveis por promover as orientações partidárias em mobilizações formadas com outros objetivos. A autodenominação coletivos é utilizada para reafirmar essa forma de mobilização horizontal, apartidária e sem lideranças.¹

Veja que Groppo e ela coaduna com a definição sobre os Coletivos Universitários considerando-os horizontais e fluidos. Do ponto de vista discursivo da autora há marcadores sociais da diferença que criam novas formas de sociabilidade, tempo e de sensações. Há aí um ponto importante. Sinto a presença de um novo intercessor.

Vós apresento *monsieur* Alain Touraine que nos ajudará a pensar sobre os marcadores sociais da diferença que criam novas formas de sociabilidade. Touraine é um sociólogo francês e um dos últimos sobreviventes de uma geração, o professor encontra-se com 96 (noventa e seis) anos. Autor importante para pensar-se sobre os movimentos sociais. Achegue-se professor a mesa.

A fase mais recente do autor se expressa nos conceitos de “cultura democrática” e “sujeito”. A primeira está relacionada com a cultura política compartilhada entre diversas identidades, assim, é pensarmos além de um sistema político formal, mas, as condições democráticas do cotidiano. O segundo está relacionado com a vontade de liberdade, apelo a razão e pertencimento a uma cultura. Esses novos atores surgem como resistência aos efeitos da modernidade, contra o poder dos administradores e dos produtores da informação. Somos então levados a pensar no pensando toureniano que o sujeito combina três dimensões indissociáveis: a resistência à dominação, o amor de si e o reconhecimento dos outros como sujeito.

A cultura democrática é a concepção do ser humano que opõe a resistência mais sólida a qualquer tentativa de poder absoluto – até mesmo validado por uma eleição – e, ao mesmo tempo, suscita a vontade de criar e preservar as condições institucionais da liberdade pessoal (Touraine, 1996, pp.155-156).

Touraine ressalva a autonomia política dos atores e sua importância como cidadãos participativos da vida coletiva. O político nessa nova roupagem de uma cultura democrática

¹ O artigo referenciado não possui paginação.

tem a função de estabelecer relações entre sociedade civil e o Estado. Portanto, a cultura democrática encontra validade nas questões próprias da vida comum.

A conversa se estende e não vemos a hora passar. Que horas são? Passa-se mais de 2 (dois) anos em diálogo entre nós. Estou alimentado e há um paradoxo aqui. Devorar as ideias de vocês me despertou ainda mais fome. Suponho que haverá outros jantares. Assim seja.

Agora posso seguir. Devo-lhes gratidão. É preciso honrar nossos encontros. Vou agora. Contar o que vivi. Viajar. Ganhar mundo mix para ver os coletivos de perto.

Bilhete de passagem

Catalão 30 de janeiro de 2021

Para: Os novos viajantes

Na minha última carta, pedi permissão aos intercessores para dizer que estava prestes a partir. De fato, estive em viagem por alguns meses. Minha orientadora, assim como as palavras de meus intercessores estiveram comigo.

Mas agora posso levá-los por onde estive, contar-lhes o que vi, aprendi, conclui. Esta carta é como bilhete de passagem. Sem ela não poderá me acompanhar, pois, ela é embarque. Ela mostra aonde chegaremos e o itinerário traçado.

Escuta o som do apito e corre comigo em direção ao navio. Aonde iremos? Para *‘intermundos et mundos’* (Mundo entre mundos) e com um mapa marcando 5 (cinco) locais em 5 (cinco) regiões do Brasil.

Porque viajar para esse lugar-lugares? Pois, o objetivo é “Compreender os Coletivos Universitários pela perspectiva de suas juventudes”, além de “Situar os Coletivos Universitários no campo teórico delimitado pelos estudos sobre as juventudes, sobre os movimentos estudantis e num plano maior sobre a pós-modernidade”, “Descrever rigorosamente o objeto de modo a enfatizar suas características e sentidos o que implica em destacar pontos comuns e especificidades,” e por fim “Estruturar uma compreensão sobre os Coletivos que avance em relação ao que existe tendo como eixo a perspectiva de suas juventudes”

Enfim, descobri os coletivos no meu primeiro dia de aula no mestrado aqui na UFCat, me instigaram e me fizeram ir além, para conhecer este movimento recente nas universidades. Me fizeram ir de uma pesquisa local, para uma com uma ampliação geográfica, cultural e temática. Me propus a investigar o **5 X COLETIVOS UNIVERSITÁRIOS: JUNTOS NÃO**

ESTAMOS SÓS. Prometo-te panorama que amplia conhecimento de coisa que é desse tempo presente, porque o momento presente também é para a história um tempo de sentido.

O que veremos deles? Então atente a seus corpos, suas falas, suas ações, suas emoções.

Em cada uma das cinco paradas encontraremos um coletivo universitário que atua em uma universidade pública. Perguntas como viajei assim quase que solto no mundo e de onde os conhecia? Está certo, está certo. Como iriam comigo assim sem saber ao certo para onde e com quem? Entendo perfeitamente.

De fato, o primeiro coletivo que conheci foi na participação em um círculo de diálogo com o coletivo Todas Putax da UFCat, os demais coletivos surgiram de pesquisas no mundo tecnológico e virtual, este mundo que se apresenta grande, mas se torna pequeno quando conseguimos inter-relacionar com outros grupos e pessoas e foi através das redes sociais e das redes tecnológicas que identifiquei e propus a participação de jovens a esta pesquisa.

Faremos assim. Primeiro destino será Governador Valadares no Estado de Minas Gerais, cidade com cerca de 282 (duzentos e oitenta e dois) mil habitantes. Quem sabe visitaremos o Pico do Ibiturana ou as cachoeiras e corredeiras de lá? Conhecerão o Coletivo LGBTQ+ da UFJF-GV com o qual estive em 1 de fevereiro de 2021. Jovens unidos em torno da questão de gênero, alunos e ex-alunos do *Campus* Avançado funcionando em dois locais alugados pela UFJF: a Faculdade Pitágoras e a Unipac.

Após a visita a Governador Valadares retornaremos a minha cidade para encontrar o Coletivo Todas Putax. Estive com as manas no dia 22 de fevereiro de 2021. Na cidade considerada a Atenas de Goiás, com estimativa de 113 (cento e treze) mil habitantes, marcada pela sua ancestralidade como o trilho de ferros, a congada em honra a Nossa Senhora do Rosário e o Morrinho de São João, sendo uma cidade circunscrita pelo desenvolvimento tecnológico com as indústrias multinacionais. Na universidade pública desse lugar, em um estado marcado também pelo patriarcado e altos índices de feminicídio é que as “manas causam”. Arrepiei com o que falaram a respeito do grito das benzedeadas que o Coletivo Todas Putax encenou.

Depois andaremos 1.990 km (mil, novecentos e noventa quilômetros) até chegarmos na região Sul do País, mais precisamente em São Lourenço do Sul cidade marcada pela agricultura e banhada pelo Lagoa dos Patos e o Rio São Lourenço. Vamos ancorar na praia das Nereidas ou na Praia das Ondinas, ou na Praia da Barrinha. Onde estive virtualmente no dia 9 de março. Encaminharemos a conhecer os jovens do Coletivo Agroecológico Lourenciano, suas

atividades e suas histórias. Ouvir sobre as PANCs, ouvir sobre sustentabilidade e senhorinhas sabedoras de ervas e chás.

Vamos pegar as malas e voltar para o Navio. É hora de pisarmos em terra de preto. Agora é hora de conhecermos os guerreiros quilombolas do Coletivo Estudantil Quilombola – CEQ da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA. Vamos conhecer os jovens dos quilombos Passagem, Peafú, Tiningu e Murumuru nas regiões de Monte Claro e Santarém. Conhecer a ancestralidade e as lutas destes guerreiros. Por fim, ainda em terra de preto iremos à Barreiras no estado da Bahia conhecermos o Coletivo Mocambo. Cidade com aproximadamente 160 (cento e sessenta) mil habitantes, marcada por cachoeiras e pelo Rio Grande. Considerada como a "A Capital do Oeste Baiano". Lá, conheceremos o caso da política de implementação da banca de heteroidentificação e os casos dos cartazes.

Salve Groppo e Dayrell que me permitiram ver juventudes para além de idades. Ver que as juventudes dos coletivos não pode ser resumidamente ser compreendida como aquela a qual vive um preparar-se para o futuro tampouco aquela que está numa “fase de crise”. Agora que sabes onde serão levados vamos aos cuidados.

Juliana faz recomendações e direcionamentos para a grande viagem. Não à-toa a chamo de mamis. “Pergunte muito, observe muito, converse muito. Mas saiba o que perguntar, o que olhar, o que conversar”. Por isso ela me auxiliou a pensar num roteiro básico (Apêndice 1) para guiar-me nesse mergulho e neste processo de elaboração do material para garantir que não sucumbisse ao doce ato de ser ouvinte, ainda que o seja. Quase um embornal para a hora dos grupos focais porque será assim nosso encontro com os coletivos. Pensa uma roda! Há, lembrando que todos os participantes foram esclarecidos do projeto e assinaram virtualmente o TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Anexo A).

Então tenha em mente o que nos importa em meio a paisagem: a origem dos coletivos, suas principais atividades, a relação do coletivo com outros movimentos, com a universidade, com os integrantes e com a comunidade e, por fim, as sensações da compreensão da experiência vivida. 5 x coletivos lá vamos nós!

Anote tudo, registre no peito, no caderno, na alma, na memória e no computador bem salvo. Porque, será preciso para entenderem o que fiz com isso tudo. Meu inventário de expedição.

O prazer de percorrer o Brasil e a pluralidade dos coletivos universitários rejubilou minha alma e meu coração e acho que fará o mesmo com vocês. Poderá neste percurso haver jovens a me levar ao centro do mundo MIX. Mundo feito de marcadores sociais da diferença

como o ser gay, negro, quilombola e a de ser mulher. Então vamos aproveitar a viagem, o local, as amizades e a territorialidade do mundo mix. Sem fazer economias!

O dia da partida chegou.

MERGULHOS

*Wer den Dichter will verstehen
muss in Dichters Lande gehen.
GOETHE
[Quem ao poeta quer entender
A terra do poeta deve percorrer.]*

Neste capítulo a intenção é mostrar o objeto pesquisado do modo mais detalhado possível. Isso porque há a inspiração da fenomenologia a dizer-me mergulha em busca da essência e há o apreço pela pesquisa (auto)biográfica que diz - Escuta! O formato de cartas como disse antes é questão de respeitar a minha inspiração.

1.1 A partida

Catalão, 09 de janeiro de 2021

Para: Leitores de cartas e/ou dissertações

Queridxs,

Escrevo esta carta em um ano conturbado, porém sigo esperançoso de dias melhores. Continuamos em um panorama de grande disseminação da (Covid-19) sendo lenta a vacinação no Brasil. Não temos mais o toque de recolher (se é que tivemos) e meu quarto se metamorfoseou no meu lugar de estudo e trabalho. Entre os ruídos dos meus pais na residência, consigo escutar ao fundo o cantar dos pássaros e vez ou outro os sons dos meus mantras para inspiração.

Agora, escrevendo esta carta equilíbrio três mundos: o meu em que escrevo, o mundo dos coletivos relatados pelos jovens que ouvi e o seu mundo, o mundo das pessoas que leem cartas. Ou dissertações.

Estou sentado nesta cadeira já alguns dias e ao meu lado esquerdo noto vários livros empilhados enquanto à minha direita se empilham várias anotações. A todo momento recorro ao celular para rememorar alguns fatos ou para ver as fotos dos coletivos que estou pesquisando e que em algum momento apresentarei. Vou falar dessa pesquisa com os coletivos universitários e apresentar o primeiro coletivo.

Pesquisei os coletivos desde 2020 quando entrei no mestrado. Mais exatamente desde o dia da primeira aula quando, após a recepção, acompanhei minha orientadora numa roda de

conversa do coletivo feminista aqui da instituição. Segundo ela, algo naquilo ou tudo naquilo era extremamente instigante. E eu nunca havia nem percebido a existência desses coletivos.

Comecei as leituras, mas ansiava mesmo pelo encontro com os coletivos. E não me lembro com certeza há quanto tempo estou me dedicando a encontrá-los, mas provavelmente comecei em outubro de 2020. Em janeiro deste ano entrei em contato com um coletivo da Universidade Federal do Paraná – UFPR em Curitiba para convidá-los a participar da pesquisa. Obtive retorno de dois integrantes, uma já não faziam mais parte e não respondiam por ele e, o outro integrante que avisou que a maioria da “galera” estava trabalhando e não estava conseguindo gerenciar as atividades. Não rolou. Era uma estrela-cadente. Você que leu este fato pode não ter entendido muito bem e explico. Peço que pare e imagine um céu estrelado e uma estrela-cadente caindo e consumindo na atmosfera seu brilho. Assim são os coletivos. Muitos e muitos como várias estrelas emaranhadas. Uma ou outra se destaca pelo seu esplendor e brilho e quando você firma os olhos nela, em menos de alguns segundos ela sumirá do céu – temos a estrela-cadente.

O que esta imagem tem a ver com os coletivos universitários e com a pesquisa?

Os coletivos universitários se desintegram e desaparecerem às vezes sem nem serem percebidos. São fluidos. Podem ser todos e ninguém. Sorte que vivem na *internet*. Pululam nas redes como o *Instagram*.

Tenho sucesso com outro coletivo Universitário e faço meu primeiro mergulho.

Era dia 9 de janeiro de 2021, passava das 9 (nove) horas da manhã. Após várias semanas de procuras nas redes sociais de coletivos universitários, entro em contato com o Hermes e recebo um retorno. O nome Hermes refere-se ao deus grego filho de Zeus e de Maia e considerado o mensageiro dos deuses. Ele encontrava-se em isolamento devido à COVID-19 numa cidade mineira. Embora não nos conhecendo pessoalmente ele dá um *start* para mudarmos o método de coleta de dados porque existem mais dois, três, quatro ou mais integrantes do Coletivo que podiam enriquecer a entrevista. Ok, aval da orientadora dado, parto para um grupo focal a partir desta data.

Antes, porém, procuro nas redes sociais do Coletivo e faço uma viagem no tempo e espaço para conhecer o CINE que são sessões de cinema com debates com convidados sobre a temática LGBTQIA+, o orgulho LGBTQ+ com posts sobre tal e por fim, a ação *Soul Rock* com posts com borboletas coloridas e a *hashtag* zero discriminação.

Tenho o primeiro coletivo, ou melhor, temos um ao outro nessa viagem investigativa. Trata-se do Coletivo LGBTQ+ da Universidade Federal de Juiz de Fora no *campus* de Governador Valadares – UFJF-GV.

Poucos dias depois, de conversar com o Hermes conheço a segunda integrante, a Atena, que estará no grupo focal. Atenas é uma das principais deusas da mitologia grega filha de Zeus e deusa da sabedoria. Entre começos e nunca fins de conversa devido algumas atividades, ela numa mensagem no *Instagram* diz-me: - “*Olá tudo bem. E você? Pode falar, xuxu*”. Agora que as palavras saíram, elas soam-me como as de uma pessoa aberta ao diálogo. E ela esperava ouvir mais e esperava ouvir o motivo do contato. Falo a ela sobre a pesquisa e tudo mais.

Passa-se três dias desde o início do primeiro contato, desta vez o contato ocorre pelo *WhatsApp*. A voz dela é acompanhada de alguns barulhos no fundo, colocando alguns objetos, mas traz resposta: Ela super apoia a participação e diz-me que é cofundadora do Coletivo. A alegria estampa-se no meu rosto. “Que vitória! Que ganho!”. Agora preciso lhe dizer sobre o nosso encontro.

O nosso primeiro encontro é numa segunda-feira dia primeiro de fevereiro de 2021 às 19 horas. O céu em Catalão naquela noite era recortado por vários relâmpagos anunciando chuva, mesmo com um ar quente e abafado. No ambiente *online* (*Google Meet*) encontram-se, eu e minha orientadora, a professora Juliana Araújo que, carinhosamente, chamo de Ju. Depois de alguns minutos entram Hermes que é graduando em Farmácia pela UFJF-GV e que se apresenta como um homem gay cis gênero, cofundador do coletivo LGBTQ+ UFJF-GV e Presidente da AAUIF – Associação Atlética União, Igualdade e Força. Tem cabelos escuros e cacheados e está próximo a uma janela com o vento sacudindo sua cortina. Suponho que ele esteja em um apartamento pela intensidade do vento. O nosso primeiro integrante estava com uma camiseta básica preta sem nenhuma informação, na minha opinião aquela imagem expressava que o protagonismo naquele dia era do Coletivo e até mesmo em alguns momentos da AAUIF e não simplesmente dele. Tinha em seus olhos profunda confiança e características de um homem público.

Posteriormente chega Atena, graduanda em Medicina pela UFJF-GV, mulher cis gênero pansexual, cofundadora do coletivo LGBTQ+ UFJF-GV e Diretora de Comunicação da AAUIF. Tem longos cabelos castanhos, a pele muito branca, os olhos escuros igual à noite e um rosto arredondado.

Como toda conversa informal, seguimos sem muitas apresentações como se nos conhecêssemos há anos. Isso porque as apresentações haviam se dado dias antes pelas redes e

pelo *WhatsApp*. Início o grupo focal sinalizando o meu desejo de ouvir sobre o coletivo, os seus membros, a sua história. Quero mesmo compreender o que são os coletivos universitários.

Contam-me que o coletivo está num *campus* avançado da UFJV em Governador Valadares, Minas Gerais, a aproximadamente 540 km (quinhentos e quarenta quilômetros) de distância da sede, em Juiz de Fora, no mesmo estado. Explicam-me que é um *campus* alugado em uma das faculdades privadas na cidade. Por esta questão é que no período matutino e vespertino transitam nela alunos e alunas da UFJF-GV e no período noturno, alunos da faculdade particular. E numa memória dizem-me do começo do coletivo. De quando um grupo de alunos da Nutrição discutindo sobre um trabalho do curso ouve de um deles: “– *Não vou na sua casa porque você é viado*”. Com a repercussão no *campus* esse momento chega aos ouvidos de dois professores do curso de Direito que são homens gays, ativistas e militantes do movimento LGBTQIA+ e eles propõem-se a fazer alguma coisa e marcam a primeira reunião no horário de almoço entre 11 (onze) horas da manhã e uma hora da tarde.

Nos corredores da Universidade cartazes pregados informam sobre essa reunião. A sala estava lotada e nela alunos e professores compartilhavam outros casos de LGBTfobia. A universidade não tinha somente um caso específico de homofobia, mas vários, assim como também de lesfobia e bifobia dentre outros que não chegavam à ouvidoria da Universidade.

Depois foram ocorrendo outras reuniões e encaminhamentos.

Então a história desse coletivo nasce assim, da ação de dois professores do curso de Direito da própria instituição a partir de um caso de LGBTfobia no curso de Nutrição em 2017. A partir daí é que são organizadas reuniões que tratam de questões LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual e outras variações de sexualidade e gênero (conhecidos pela sigla).

No esforço de nos explicarem mais sobre o coletivo os participantes do grupo focal produziram quase que um jogral em que um complementava com mais informações o que havia sido dito pelo outro. O ponto alto desse diálogo sobre o começo do coletivo é quando mostram as imagens que estão no *Instagram* do I Congresso de Gênero e Sexualidade. Os olhos brilham com cada imagem e com cada informação desse evento que era composto por aproximadamente 16 (dezesseis) pessoas dentre elas integrantes do coletivo e da atlética, com 2 (dois) professores e mais umas 6 (seis) pessoas do IFMSA (*International Federation of Medical Students' Association*). Houve pessoas de todos os cantos como Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul com um ingresso no valor de 20 (vinte) reais. Destacaram que dentre

vários convidados esteve com eles Jacqueline Rocha Cortês que foi a primeira transexual a fazer cirurgia de redesignação sexual no Brasil.

Depois, Atena, mesmo com problemas técnicos e utilizando o celular, descreve o II Congresso de Gênero e Sexualidade que foi submetido a um edital da UFJF com o auxílio do nome de uma professora que se prontificou a cadastrar a ação como coordenadora do evento. Ganham sete mil reais de verba e na “cara e coragem” solicitaram apoio no comércio local. Os jovens abrem um novo horizonte em menos de 30 (trinta) minutos. Neste momento, eu tinha feito somente duas perguntas e o roteiro ainda estava para ser executado e na mente vinha: – *Precisamos continuar.*

A conversa continua num clima bom com momentos de gargalhadas e aquelas duas pessoas que vos apresentei durante o primeiro contato se revelam interessadas na pesquisa e aberta ao diálogo e penso que isso aconteceu porque sentiram prazer ao falar de si mesmos. Descobriram o coletivo para eles mesmos!

Seguimos e descubro que o termo coletivo veio de uma comparação de um coletivo feminista e de relatos de amigos de outras universidades que são integrantes de coletivos. Nas **palavras de Atena, o coletivo é uma associação sem fins lucrativos, que defende uma determinada ideia, com discussões e ações sem uma hierarquia e tendo uma relação horizontal.** Depois de dar essa definição, ela explica que em alguns momentos a hierarquia é necessária como no caso da execução do congresso ou algo que exija uma organização como os eventos que se abrem ao público em geral.

Quando pergunto sobre o papel do coletivo na universidade Hermes diz que **o Coletivo LGBTQ+ UFJF-GV parte de um problema e constroem uma possível solução para este...**

Aproximamos de quase uma hora de conversa a Atena e o Hércules fazem questão de contar mais sobre o que fazem, como a semana do abraço a qual aconteceu como forma de protesto contra o fato de um casal gay que estava se abraçando nos corredores da UFJF-GV e ouviram dos seguranças, comando para se afastarem. A ação do coletivo? Plaquinha pedindo abraço. Digo-lhes que eu, com toda a certeza os abraçaria e a Ju que acompanha este dia afirma que os abraçaria também.

Ju sente a necessidade de entender mais a respeito do movimento e do que são os coletivos e pede para explicarem melhor sobre a presença dos professores no coletivo e sobre a segurança que eles nos apresentam em se afirmarem ou não como LGBTs.

Ouvimos que os professores foram de suma importância para a criação do coletivo como já relatado anteriormente, junto a intensa participação nas ações tanto para certificação

nos eventos e até mesmo assumindo cargos dentro dos eventos. Quanto aos desafios de um coletivo LGBTQIA+ Hércules, conta que vem de uma família que aceitou a sua sexualidade tranquilamente e que isso facilitou a sua segurança na Universidade. Atena frisa que o coletivo não é composto somente por LGBTs tendo pessoas cis heterossexual e que só não há pessoas transexuais e não-binárie simplesmente porque não chegou ainda ninguém. O tempo já não sei onde está. Somente continuamos e não vejo cansaço nos olhares deles. Então avançamos na conversa sobre a atuação do coletivo na universidade.

Hércules reflete que uma maneira de atingir os homofóbicos seriam através de uma disciplina obrigatória nos currículos que trate as questões do universo LGBTQIA+. Diz que estão atuando nessa proposição, mas que em consequência dos trâmites legais e da dificuldade e morosidade decorrente de serem *campus* avançado dificultam a implementação desta disciplina.

Ju, observando melhor a camiseta usada por Atenas, que era rosa com as mangas azuis com uma pequena faixa branca no final da manga e próximo ao peito o logo da associação da AAUIF que é um unicórnio pergunta-a sobre essa associação. É segundo ela um “braço” para a atuação do coletivo fora da universidade.

Você ainda deve estar pensando o que deve ser a atlética.

Nos explicam que a AAUIF é uma atlética não acadêmica que parte de pessoas vinculadas ao coletivo, mas também de pessoas da sociedade, sendo iniciativa do Hermes, mas sem vínculo ao coletivo. Ela tem hierarquia, tem diretorias porque é extramuros e com processo seletivo para ingresso, porém, não se torna uma versão ampliada do coletivo.

Para uma visualização da AAUIF, o Hermes nos apresenta as imagens deste movimento com as atividades/ações com os integrantes e os seus respectivos cargos. É pela AAUIF que as atividades como a gaymada (refere-se a queimada que é um jogo infanto-juvenil em que dois grupos tentam acertar a equipe adversária com uma bola, conhecido também em outras regiões como jogo do mata, barra bola, Mata-Mata, dentre outros). Ouvimos Atena falar que Hermes mostra a atlética como se fosse um filho. Mais imagens e falas vão justificando o desenvolvimento deste trabalho pela AAUIF e os entrevistados reconhecem a parceria com o coletivo, mas também as diferenças e distâncias entre eles.

Partimos para o campo das sensações, dos sentidos em estar no coletivo, sobre ele.

E tomam como uma espécie de combustível renovável, algo que lhes propicia a sensação de realização, não somente pessoal, mas também profissional já que ele lhes proporciona uma bagagem para a vida fora da universidade com várias facetas influenciando o

trabalho como o de Hermes. Hermes nos mostra então as canecas e tirantes. Numa caneca rosa podemos ler: “Se, é livre// Se é verdadeiro// Se é leve// É Amor”, mostra outra azul e uma doleira escrita “SuperPoc” e um tirante remetendo a um arco-íris que são objetos desenvolvidos e aperfeiçoados na atlética.

Continuamos o grupo focal e o tempo da gravação, mostra há duas horas de conversa, com o relógio aproximando de 21h 30min (vinte e uma hora e trinta minutos). Perguntamos sobre um adjetivo que caracterizasse o que é ser um jovem de coletivo. **Responderam serem jovens atarefados, proativos e que põem a cara a tapa.** Sentimos agora a necessidade de pararmos para não perdermos informações pertinentes para a pesquisa. É momento de pedirmos para finalizar e é momento de marcarmos um novo encontro. Para finalizarmos agradecemos ao coletivo LGBTQ+ UFJF — e eles sugerem ao final tirarmos uma foto que foi publicada no Instagram do coletivo e no da Atlética e marcarmos um novo encontro virtual na quarta-feira.

Imagem 1: Post do Instagram do Coletivo LGBTQ+ UFJF-GV.



Fonte: Instagram @coletivolgbtqufjfgv

A gravação é encerrada, o computador é desligado e as anotações vêm em forma de áudios no *WhatsApp* e rabiscos numa folha de caderno. Será que retornaremos com os dois integrantes? Se esta carta continuar por mais algumas páginas é fato que nos reencontramos em outro momento.

Tento repousar. Com a cabeça no travesseiro a voz daqueles dois jovens ficam sussurrando no meu ouvido. Pego o meu celular e vou para as redes sociais da AAUIF, do

coletivo e dos próprios integrantes para conhecê-los mais. Entre várias vozes, fotos e vídeos consigo dormir depois deste dia. Na terça-feira, dedico-me a escutar novamente toda a entrevista e planejar o roteiro do nosso próximo encontro dentre as obrigações rotineiras de um dia a dia de um professor. É como se subisse a superfície para respirar. Mergulhei muito fundo. Respira!

É chegada a quarta-feira dia 3 de fevereiro de 2021 às 19h e 30 min. Computador ligado, sala virtual aberta e link disponibilizado para o coletivo. Coloco-me como um jovem pesquisador num campo de aprendizagem e sinto certa apreensão, pois neste dia a minha orientadora não poderá participar.

Neste dia temos a participação inicial de Hermes e Atenas. Mantemos uma conversa inicial antes de começarmos de fato o grupo focal e lhes explico a ausência da professora Juliana Araújo. Iniciamos. A primeira pergunta é sobre a saída dos professores que estavam no primeiro momento e como eles fizeram a passagem de “bastão” para os alunos. Atenas nos relembra que no coletivo não há hierarquia, então não há liderança, relata que um dos professores foi para a Bélgica e o outro para Brasília, mas que eles foram abrindo o espaço para o protagonismo dos alunos.

Ao entrar na sala virtual, Hermes está com uma roupa despojada, com uma camiseta regata azul e a Atenas nos apresenta com os cabelos amarrados e uma blusa branca, mas com um logo no braço direito. Pode ser que tenha relação com o curso de medicina, ou algo das atléticas, ou do coletivo. Não sei ao certo o que é.

Vou tomando dimensão do coletivo e entendo a saída dele como um movimento natural que acontece quando vão se envolvendo com outras atividades e outros projetos até se darem conta de que já não estão mais naquele movimento.

Retomo um pouco das ações e pergunto sobre o Cine Diversidade, quando eles começam a responder aparece uma solicitação de ingresso na sala de aula. Naquele momento acho estranho. Não estava esperando nenhum integrante. Pergunto-os sobre quem é Ártemis e me respondem ser uma integrante do coletivo. Hermes continua a apresentação sobre o cine que é uma sessão de cinema com pipoca e refrigerante com participação de professores e da “galera”, em geral.

E a Ártemis? No início ela não conseguiu uma estabilidade na conexão. Depois de algumas tentativas conseguiram vê-la. Ártemis é uma morena dos cabelos pretos, enrolados e algumas vezes apresentam os cabelos jogados por cima do ombro. Vestida com uma blusinha de alça fina, ao meu ver, de crochê e no tom marrom-claro. Apresento-me a ela e também um

pouco da pesquisa. Ela remete-me a imagem da Iara no folclore brasileiro com uma beleza encantadora e com os olhos escuros por de trás dos óculos.

Continuamos a nossa conversa e questiono como é ser jovem de uma universidade para entender o contexto da UFJF-GV e a figura do representante de sala neste contexto. Eles nos relatam sobre a defasagem de professores no curso de medicina, para a parte clínica e que a figura do representante de sala é algo de início de curso, e os outros alunos enxerga-os como referência na temática.

Senti a necessidade de voltar uma pergunta sobre como é a saída do coletivo, porque Ártemis é egressa do curso de direito e não é LGBTQIA+, mas participa no coletivo e da AAUIF. Ela me responde com uma expressão de choro e emoção ao pensar na saída do coletivo, dizendo sobre as raízes e a bolha. E a todo momento diz que quer continuar no movimento. **Sobre as experiências que o coletivo proporciona, está a de consciência política, organização, conviver, comunicação, mobilizar e interdisciplinaridade.** A conversa continua por mais de uma hora e as informações vão fluindo e vejo que conseguimos ir além do roteiro de entrevista. Peço que cada integrante faça uma livre associação com uma palavra que remete ao coletivo LGBTQ+ UFJF de Governador Valadares.

Atenas cita a palavra **União** em que é de extrema importância o trabalho em equipe. Ártemis cita **Resistência** em estar em espaços, de falar sobre assuntos que muita gente não gostaria. E por fim, **Protagonismo** dos jovens em proporem as ações, segundo Hermes.

Espero que tenha conseguido te revelar ao máximo a energia dos 3 (três) jovens e do Coletivo LGBTQ+ UFJF-GV. E que a leitura tenha sido suave como um algodão-doce desmanchando no céu da boca. Quando é que voltarei a vê-los? Não sei. Somente o destino para responder. Continuo em grande mar. Voltarei a escrever em breve. Assim que mergulhar de novo.

Grande abraço,
Viajante

1.2 O Mar

Catalão, 2 de março de 2021
Para: O assombro do sobrado

Queridoxs,

Escrevo esta carta como se fosse lançá-la em auto mar na esperança de que chegue a vocês daqui a um dia, uma semana, um mês, um ano ou daqui a um século. É uma manhã ensolarada e há aqui um silêncio profundo. Quero contar sobre meu encontro com quatro jovens do Coletivo Agroecológico Lourenciano. A música “Assombro do Sobrado” de letra de Marco Gottinari e Alan Redü, resume o reencontro com estes jovens. Navego.

Figura 1: QR Code do vídeo Assombro do Sobrado.



ASSOMBRO DO SOBRADO²
(Marco Gottinari/ Alan Otto Redü)

“Ainda ouço o rangir das velhas portas
Mas não sou o dono dessa morada
Apenas essa imagem desbotada e sem brilho
Pintada por um velho andarilho que nunca mais vi
E já não são minhas essas terras que nunca foram
Mas ainda estou aqui
Preso nessas lembranças que não me deixam seguir!”

Só vejo meus fantasmas nas escadarias
O assombro do sobrado das casas antigas
Os medos são guardados logo ao clarejar do dia
Mas quando a noite estende o manto
“Ave Maria”

E solto meus cavalos pelas pradarias
Num galope louco sopra a ventania
No tropel dos cascos, poeira ou miragem
Já não vejo mais esses crioulos
Selvagens

O rio que ainda corre em mim
Só deixará de ser rio
Quando chegar ao mar

Em 13 de janeiro de 2021, estava à procura de um coletivo na região sul pelas redes sociais. Enviei meio sem expectativa uma mensagem ao Instagram do @cal.agroeco: “Olá o coletivo ainda está ativo?”. A resposta não vinha e fui à procura de outros coletivos, porém sem sucesso. Passam-se 14 (quatorze) dias e recebo um retorno dizendo que o coletivo estava

² Link: <<https://www.youtube.com/watch?v=gFTiK-nVBus>>. Acesso em 07/05/2021.

ativo, porém sem atividades. Explico o motivo do meu contato e checo se o coletivo corresponde aos critérios de inclusão na pesquisa que é o de ser universitário. Para isso eles me apresentam o *Facebook* do Coletivo e uma publicação sobre a história deles.

Figura 2: QR Code da Página do *Facebook* do coletivo Agroecológico Lourenciano³



Me contam sobre os trabalhos que vem desenvolvendo juntamente com o Comitê Popular de Segurança Alimentar e Nutricional em São Lourenço do Sul e sobre a implementação das hortas urbanas para as famílias de pescadores artesanais. Passamos ao uso dos áudios e sugiro datas para um grupo focal e uma voz feminina responde que estão de recesso e que o coletivo ainda não tinha se reunido no ano de 2021.

Continuamos a conversa e ela me diz que ela mora com outros integrantes do coletivo e que eles aceitaram a participar do grupo focal. Continuamos o contato por mais alguns dias até que no dia 2 de março de 2021 por volta das 11h (onze horas) conheço a Gaia pelo *WhatsApp*, noto pelo tom da voz que é a mesma pessoa que conversava junto a mim pelo *Instagram* do coletivo. O nome Gaia refere-se a deusa grega terra filha de Caos e que representa a Mãe-terra e a geradora de todos os deuses. Diz-me que naquele dia iria reunir com mais duas integrantes do coletivo e pede informações sobre as perguntas direcionadoras da conversa. Às 19h (dezenove horas) chega a confirmação da participação do Coletivo Agroecológico Lourenciano — CAL na pesquisa.

Não tinha a certeza de quantos integrantes vão participar, nem quem eram. Tenho somente alguns áudios e a foto de uma das integrantes pelo perfil do *WhatsApp*, que é uma possível participante do grupo focal. Quebro as ondas. É hora de avançarmos no alto mar das palavras.

³ Link: <https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=911441682612665&id=100012405246685> Acesso em 06 mai. 2021.

Figura 3: QR Code da declamação do poema “A Palavra” de Eduardo White⁴



A Palavra
(Eduardo White)

A palavra renova-se no poema.
Ganha cor,
ganha corpo,
ganha mensagem.

A palavra no poema não é estática,
pois, inteira e nua se assume
no perfeito,
no perpétuo movimento
da incógnita que a adoça.

A palavra madura é espetáculo.
Canta.
Vive.
E respira. Para tudo isso
basta
uma mão inteligente que a trabalhe,
lhe dê a dimensão do necessário
e do sentido
e lhe amaine sobre o dorso
o animal que nela dorme destemido.

A palavra é ave
migratória,
é cabo de enxada,
é fuzil, é torno de operário,
a palavra é ferida que sangra,
é navalha que mata,
é sonho que se dissipa,
visão de vidente.

A palavra é assim tantas vezes
dia claro
sinal de paisagem
e por isso é que à palavra se dá,
inteiramente,
um bom poeta
com os seus sonhos,
com os seus fantasmas,
com os seus medos
e as suas coragens,
porque é na palavra que muitas vezes está,
perdido ou escondido,

⁴ Link: < <https://www.youtube.com/watch?v=upB0YiO87BI> > acesso em 08 maio. De 2021.

o outro homem que no poeta reside.

É dia 9 de março às 14h (quatorze horas) e recebo na plataforma *Google Meet*, 4 (quatro) jovens e a professora Juliana que é a orientadora desta pesquisa, que neste dia se apresentava cansada e enfraquecida. Ela pede desculpas aos integrantes pelo seu estado físico e mental. Na ritualística que venho consolidando para o grupo focal me apresento e falo um pouco do projeto de mestrado e dos coletivos já entrevistados. Professora Juliana se apresenta e fala sobre o Programa de Pós-graduação em Educação – PPGEDUC e as produções desenvolvidas sobre sua orientação.

Pergunto sobre a história do coletivo.

Urano, nome do deus dos céus que na mitologia era o filho e esposo de Gaia. Urano integrante do coletivo era um jovem que suponho ter entre 20 (vinte) a 23 (vinte três), calvo e com barba mais concentrada no cavanhaque e bigode, sobrancelhas curtas e um sorriso aconchegante indica que quer falar. Me chama a atenção a tatuagem de uma estrela de 6 (seis) pontas dentro de uma rosa cercada por 2 (duas) faixas que contornam todo o braço. Provavelmente está em seu quarto, pois vejo ao fundo um guarda-roupa. Começa.

Conta que coletivo agroecológico lourenciano surgiu no segundo semestre de 2016 num processo de participação no ERGA – Encontro Regional de Grupos de Agroecologia que ocorreu em Florianópolis-SC. Lembra da viagem de ônibus e de como notaram a existência de vários grupos organizados de agroecologia algo que o curso deles não tinha.

Algumas meninas do grupo também relembram que em uma roda de conversa neste mesmo evento sentiram por não terem esse tipo de organização e que isso as fez chegarem no acampamento e perguntarem para os demais se animariam de construir “um coletivo”. Coletivo, era esse o nome ouvido para mencionar esses grupos. Todos aceitaram e esse foi o momento do *start* para a criação do coletivo que desde então veio construindo e se consolidando. Começaram com algumas atividades como a feira livre nos sábados, o PANCPOP e as oficinas na semana do alimento orgânico.

Questionei sobre a participação dos professores na criação do coletivo e Urano afirma que a participação dos professores ocorreu mais tarde na forma de motivação já que eles mesmos achavam interessante um grupo para atender às necessidades dos alunos e até por não terem um centro acadêmico-CA. Então viam essa função no coletivo até que o CA fosse instituído. Ele volta a falar sobre a participação no ERGA e disse que eles só entraram como

FURG - Universidade Federal do Rio Grande, sendo uma coisa muito ampla e precisavam de uma equipe com características agroecológicas e juvenil.

Juliana pede que contextualizem a região, os cursos que estão cursando, se a universidade é da cidade e a origem dessa relação com a agroecologia. Nada melhor que uma lourenciana a contar sobre a cidade? Deméter é uma jovem que mostra atrás dos seus óculos os seus olhos arredondados e claros, cabelo ruivo na altura dos ombros com leves ondas, me remete a imagem de uma jovem americana. O nome vem da representatividade da deusa grega Deméter a deusa da agricultura. O cenário em que se encontra é provavelmente de uma sala, temos uma poltrona vermelha com almofadas amarelas, ao lado de um abajur próximo a uma janela. No fundo, um painel de madeira clara contendo algumas decorações de pássaros.

Conta que este coletivo atua em São Lourenço do Sul, município localizado no sul do estado próximo a uma lagoa, lugar com grande população rural dentre os cerca de 40 (quarenta) mil habitantes. É onde fica o *campus* novo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - FURG criado a partir de um programa de fomento para maximizar a universidade para pequenos municípios com cursos adaptados às necessidades de cada região. A FURG de São Lourenço do Sul possui os cursos de bacharel em Agroecologia, Técnico em Gestão Ambiental, Gestão de Cooperativas e Educação do Campo. Entre os integrantes Deméter é a única da cidade, o Hélios é do estado, mas de outra cidade, a Gaia de São Paulo e o Urano de Minas Gerais. Dizem que a ligação com a escolha do curso (agroecologia) não tem relação com os pais ou com posse de propriedades, mas vem de um amor pela agroecologia e pela prática com à terra. De certa forma caíram de paraquedas no curso. E frisa que o coletivo é bem o que Urano disse, ou seja, algo que vai além da agroecologia “científica”, mas um movimento social e de juventude.

Gaia nos diz que a maioria dos estudantes da agroecologia não são da região de São Lourenço e que ela mesma não tinha nenhuma relação com agroecologia e nem sua família, mas sempre teve essa relação com o meio ambiente, buscando estar no meio do mato, buscando os animais e plantas. E lembra também do retorno dos jovens do ERGA a forma como chegaram, a potência para construir o coletivo e o que foi muito surpreendente.

Deixe-me lhe falar de Gaia! Ela tem o rosto quadrado, cabelos pretos e levemente ondulados nas pontas que joga algumas vezes por cima do ombro direito. Olhos pequenos, arredondados e inquietos sobre um nariz fino e arrebitado. Chamei-a assim por conta de sua conexão com a natureza e, o fato de nos ter possibilitado apresentar os outros integrantes do coletivo.

E tinha Hélios nome do deus do sol, com seus cabelos cacheados e coloridos no tom de verde, com seus óculos e rosto arredondados e barba de comprimento de curta para média. Provavelmente da mesma forma que Urano se encontra em seu quarto devido ao guarda-roupa ao fundo. Ele me disse que sua relação com a agroecologia vem de sua vinda de uma região fronteira com o Uruguai onde vive sua família que é camponesa e de quem herda a cultura camponesa sempre muito presente na sua vida. Escolher o curso de agroecologia foi algo natural.

Sabe quando estamos em pleno mar? Estava assim o grupo focal: calmo e tranquilo. A quanto tempo estamos em viagem? Transcorreram somente 20 (vinte) minutos e já navegamos tanto.

Retomo a questão do uso do termo “coletivo” e Urano comenta que isso os instigava e se questionavam a princípio se seriam um CA, uma ONG, ou outro movimento. A decisão deveria atender o desejo que tinham sobretudo o de liberdade, pois notavam que alguns desses grupos tinham obrigações e responsabilidades específicas. Chegaram ao menor denominador comum, o coletivo, porque lhes parecia um movimento mais aberto e flexível.

Mas de onde eles tomaram conhecimento da palavra coletivo?

Eles não sabem de onde vem esta palavra, eles a adotaram pelo sentido que lhes traz e pelo fato de que é assim que os outros se denominam. Urano lembra que participou do coletivo cultivare da agronomia em Viçosa-MG enquanto cursava Física e deram a ideia com outra integrante de criarem o coletivo como o coletivo cultivare marcado pela organização mais horizontal e autogestionada. Haveria algo mais na história do coletivo? Respondem que não porque muita coisa se perdeu na linha do tempo.

Vocês devem estar se perguntando como o coletivo atua, o que ele faz? E eu também perguntei isso.

As ações acontecem movidas pela demanda o que fica prejudicado com a pandemia que dificulta a comunicação e a realização de atividades presenciais por isso segundo Deméter, a principal atividade do coletivo na pandemia foi com o Comitê Popular de Segurança Alimentar e Nutricional onde atuam várias outras entidades, pessoas físicas e pessoas públicas fazem parte com busca de soluções de curto, médio e longo prazo para a questão da fome. Ações de curto, médio e longo prazo. Tudo vai sendo tocado bem coletivamente porque como o *campus* é pequeno estão sempre conectados, difícil apenas como no caso da falta de comunicação no grupo do *WhatsApp*.

Por exemplo, nestes tempos de pandemia, o coletivo conseguiu a curto prazo um financiamento para arrecadar cestas que vão beneficiar as comunidades de pescadores, de catadores e de recicladores de materiais que possuem uma cooperativa na cidade. À média e longo prazo, seguem então se dedicando a construção de hortas para os destinatários das cestas e já conseguiram fazer as hortas com três a quatro famílias de pescadores e gostariam de ter ampliado para os catadores. Essa parceria parece ser importante para fortalecimento do coletivo já que eles falaram que muitos achavam que os integrantes do coletivo eram somente o pessoal da horta e faz diferença ter voz no comitê.

Atualmente, possuem uma representação no grupo gestor do comitê sendo Deméter a encarregada atualmente de compor este grupo. É bom, mas pelo que disseram o interesse da “galera” é pela prática e não muito em participarem de assuntos burocráticos como reuniões. Ainda assim pretendem fortalecer no ano de 2021 a relação com o comitê, pois podem conseguir financiamento para projetos de obras.

Passávamos de (30) trinta minutos de entrevistas e eu estava espantado com a conexão e proximidade entre eles. Um concluía a fala do outro e havia uma fluidez no modo como contavam as diferentes fases e acontecimentos do coletivo.

Deméter nos inquieta e instiga a fazer novas perguntas quando traz essa questão da relação com o Comitê e Juliana pergunta sobre as demandas externas a universidade vivenciada pelo coletivo como a horta citada anteriormente e questiona: Como a história dos pescadores chega até eles? E qual a leitura sobre essas relações do coletivo para fora da Universidade com instituições formais?

Deméter prossegue e nos explica que é natural a parceria porque isso está relacionado com a percepção deles de mundo que através da própria agroecologia que é visto como um sistema. É assim que enxergam o caso da criação de hortas, por exemplo, onde buscavam conhecer as pessoas, as condições sociais e os próprios problemas pessoais. Um todo. E isso reflete na visão que eles têm das redes de conexão. Para nos explicar sobre as redes, ela utiliza de novo a agroecologia em que utilizam a ideia de território, pois a solução está no território, mas ela também se conecta muito com os outros territórios e é assim que eles se fortalecem a partir das conexões e redes. Ou seja, estar num coletivo universitário não é estar fora do mundo, isolado, mas conectado. Com tudo, com todos, com o mundo.

Perguntei-lhes qual a relação do coletivo com o movimento estudantil e Hélios comentou que o coletivo, inicialmente, surgiu fazendo parte do movimento estudantil como o Urano explicou outrora. O lance do CA. Mas ele relaciona sua fala com a discussão de uma

pergunta anterior sobre a importância de um coletivo na universidade e ele utiliza-se da metáfora de uma ponte (extensão da universidade) que seria levar a extensão de coisas que discutem na Universidade para a comunidade.

Será que existe alguma forma oficial de ingressar no coletivo?

Não, eles se tornam integrante do Coletivo de uma forma natural. Vão se aproximando, vão participando e quando percebem já estão no coletivo, no corre com suas demandas. Deméter descreve essa entrada no coletivo dizendo que é quase sempre a partir de um pouco de conversa de corredor quando vão se juntando os jovens “querem além do academicismo, terem a parte prática e da vontade de participarem”. E Gaia acrescenta sintetizando que é isso, que o coletivo agroecológico é movimento estudantil, ciência e prática. Encaminhamos para quase uma hora de conversa é momento de adentrarmos no bloco das questões das sensações. Qual é a sensação de vocês estarem dentro do coletivo? O que sentem?

Para Deméter é a sensação de pertencimento, de não estar sozinha, a construção de um coletivo, o acolhimento. Gaia afirma ser um amor inexplicável, com uma pegada do estar-junto e Urano vem falar da peculiaridade de serem um *campus* pequeno que às vezes o estar-junto torna-se forçado.

Pergunto sobre as aprendizagens do coletivo, sobre o que vão levar para a vida. Gaia cita a conversa para resolução de problemas. Urano, o convívio, pelo fato do medo da reação das pessoas de ser essa coisa violenta não respeitando o espaço do outro. Hélios destaca as contribuições do coletivo para a vida profissional citando a construção de algo com a participação de todos. Trabalhar junto.

Caminhamos cerca de uma hora e meia até o final desta conversa. Pergunto quais atividades gostariam de destacar. Citam o pré-ERGA, que é um pré-encontro Regional de Grupo de Agroecologia ocorrido em 2017, em que fizeram várias atividades numa escola com uma senhora que trabalha com plantas medicinais. Eles se apaixonaram por ela e ela se apaixonou pelo coletivo. E a temática de PANC e de plantas alimentícias não-convencionais da FURG de São Lourenço do Sul que veio através do coletivo segundo Deméter.

O grupo focal acaba. Sorrisos sinceros me interessam. Agradeço a participação dos jovens. Volto ao meu mundo como que chacoalhado por uma onda. Espero enviar mais algumas cartas.

1.3 Os consecutivos goles

Catalão, 30 de março de 2021

Para: Para o mundo material e espiritual

Guerreiro do Quilombo

Mestre Barrão

Sou Guerreiro do Quilombo, Quilombola

Lê lê lê ô

Eu sou Negro dos Bantos de Angola

Negro nagô

Fomos trazidos pro Brasil

Minha família separou

Minha mana foi vendida

Pra fazenda de um senhor

O meu pai morreu no tronco

No chicote do feitor

O meu irmão não tem a orelha

Porque o feitor arrancou

Na mente trago tristeza

E no corpo muita dor

Mas olha um dia

Pro quilombo eu fugi

Com muita luta e muita garra

Me tornei um guerreiro de Zumbi

Ao passar do tempo

Pra fazenda eu retornei

Soltei todos os escravos

E as senzalas eu queimei

A liberdade

Não tava escrita em papel

Nem foi dada por princesa

Cujo nome Isabel

A liberdade

Foi feita com sangue e muita dor

Muitas lutas e batalhas

Foi o que nos despertou

Escolhi essa música para abrir esta carta porque ela me reflete a tônica do mergulho que fiz com o Coletivo Estudantil Quilombola – CEQ. “Quilombolas”. Depois do Coletivo LGBTQ+ UFJF-GV na região sudeste, e da navegação pelos mares do Sul com o coletivo agroecológico Lourenciano fui ao norte do país, lugar rico em ancestralidade e cultura daí que escrevo essa carta mentalizando sons de tambor. Quero relatar a vocês como nasce esse mergulho. Ao som do tambor faço pedido de permissão e proteção de nossos ancestrais para prosseguir nesta pesquisa.

O primeiro encontro com o CEQ ocorreu em uma tarde de janeiro de 2021. Buscava um coletivo com a temática cor-raça-etnia e encontro nas redes e por uma página do *Facebook* encontro Hades, aluno do curso de Gestão Pública e Desenvolvimento Regional na

Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA. Ele me explica que o coletivo conta com cerca de 350 (trezentos e cinquenta) alunos o que me surpreende bastante e, ao mesmo tempo, me encoraja a mantermos contato. Com uma receptividade positiva, ele me fornece seu telefone pessoal e começamos a conversar via *WhatsApp*. Depois recebo dele o contato da coordenadora do CEQ, a Themis e falo com ela em 12 de janeiro de 2021 explicando em poucas palavras o propósito do contato e pedindo a participação do CEQ na pesquisa.

Por volta das 5h (cinco horas) da manhã do dia seguinte ela me responde que se encontrava no seu quilombo e pede explicação de diversos pontos da pesquisa. Então marcamos o grupo focal para as últimas semanas de fevereiro. Ela responde que está com sintomas da COVID-19 e encontra-se monitorada e confirmará com alguns integrantes do coletivo a data recomendada. No dia 15 de fevereiro certifica a participação do CEQ no grupo focal do dia 22 de fevereiro às 10 horas e pressupõe a participação de 5 (cinco) integrantes.

É dia 22 de fevereiro de 2021. Sempre fico ansioso. Mas cada vez mais calmo e seguro na condução do encontro. Disponibilizo a Themis o link de acesso, horas antes e vejo a mensagem que não poderá comparecer devido sua mãe está hospitalizada com sintomas da COVID-19 e solicita para remarcarmos para outra data. Os tambores na minha mente silenciam. Contrariamente ouço meu coração bater forte.

Algum tempo depois, no dia 25 de março, recebo a confirmação de Themis no grupo focal que se concretizou no dia 30 de março de 2021. Os tambores voltam a bater forte. Hora do mergulho.

Poema sobre o encontro em Santarém

Por Pedro Martins

Nessa terra e nesse asfalto
nos rios e construções
somos um povo de tantas cores
uma história de tantos olhares
somos o que está passado
somos o que está futuro
somos gente, terra e água
arapiuns, jaraquis, tapajós
emaranhados em tipitis e taquaras
mundurucus, boraris
e quilombos em orquestra
anunciando direitos em trombetas
somos professores que não dormem
estudantes sem professores
operários sem transporte
santarenos sem um pôr-do-sol
somos o presente gritando por vida
somos o que é e o que ainda está por vir

Começamos o nosso encontro virtual. Themis diz que está no seu quilombo e explica que isso justifica os vários sons como o de galo ou de outro animal, de moto. Sons de quilombo. Deixe-me falar de Themis.

Themis é acadêmica em Direito e membro do “quilombo passagem” que fica no município de Monte Alegre no estado do Pará. Tem olhos arredondados e pequenos escondidos atrás dos óculos também arredondados. Ainda assim, vejo um olhar decidido, forte. Seus queixos são levemente alongados, seus lábios finos que depois vejo que soltam falas áridas carregadas da mesma determinação que vi no olhar. Emoldurando tudo o cabelo preto longo e liso. O nome da deusa grega Themis, eu escolhi para ela inspirado pela deusa da justiça, protetora dos oprimidos, do costume e da lei.

Como em uma liturgia há a apresentação do projeto e do pesquisador. Depois abro para falas, apresentações.

Nas conversas iniciais Themis afirma que veio substituir o Hades, sendo que ele foi coordenador do coletivo por uma gestão e meia, sendo a sua segunda gestão com o Eros, que optou em continuar na gestão junto com a Themis desde outubro de 2020. Percebem que a palavra gestão era inédita até então nos mergulhos? Percebi na hora!

Daí pergunto sobre a região, a universidade e o local em que se situam. Themis apresenta Eros e Apolo dizendo serem alunos da primeira turma de ingresso de estudantes quilombolas na universidade e que o *Campus* sede da UFOPA funciona onde era a antiga Universidade Federal do Pará – UFPA em Santarém. E informa que há *campus* dela em Oriximiná, em Alenquer, em Itaituba, em Óbidos e dependendo do *campus* tem cursos diferentes criados para aquela região. Tudo inédito para mim.

Deixe-me te falar sobre Eros antes de prosseguir.

Ele está em um cenário que é um ilê de matriz africana⁵ com imagens e pinturas de orixás. Não consigo descrever, mas é lindo esse cenário! Já ele é um jovem com barba levemente comprida, cabelo com um leve topete, nariz curto e arredondado, queixo levemente longo. Sua voz é suave e calma. É da cidade de Monte Alegre e da comunidade Quilombola de Peafú, ingressou na Universidade em 2015, uns dos primeiros ingressantes de estudante quilombolas na UFOPA. Afirma que anteriormente tinha somente entradas de indígenas na Universidade, sendo a primeira em 2013 e as dos quilombolas em 2015, iniciavam algumas

⁵ Ilê é uma casa e/ou terreiro do candomblé.

reuniões com a Federação. Chamei-lhe Eros pensando no deus grego da paixão que com suas flechas unem dois mundos distintos. Eros é quem conecta meu mundo, o mundo do pesquisador com o do coletivo.

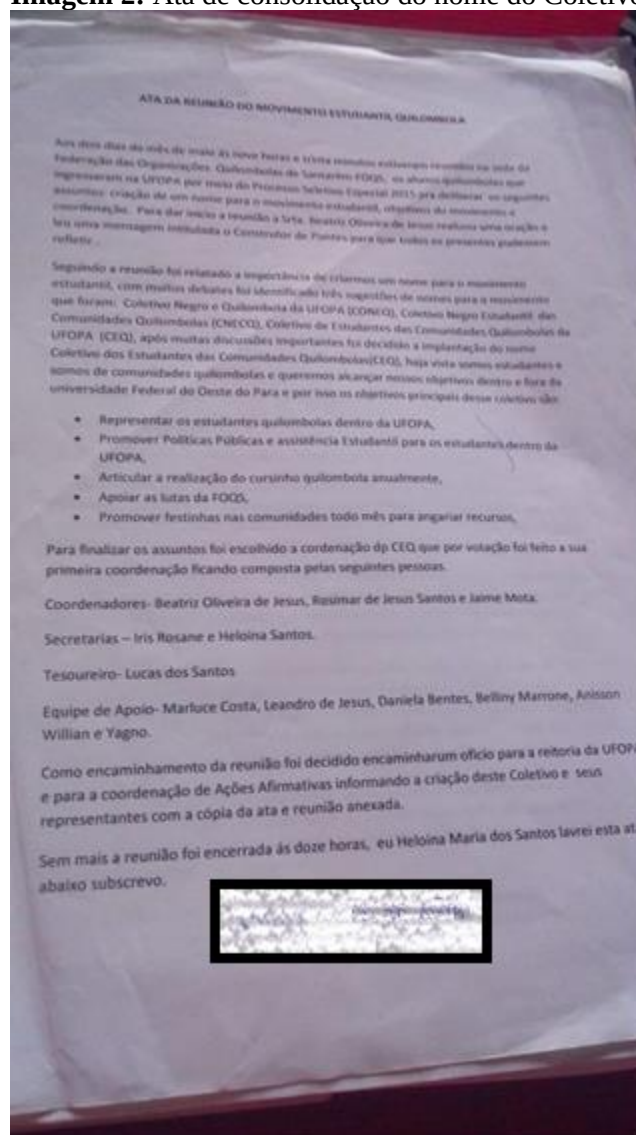
Themis interrompe e pede para Eros falar o que é federação.

A FOQS é a Federação das Organizações Quilombolas de Santarém responsável por todas as Comunidades Quilombolas. É considerada uma central que integra e auxilia todas as comunidades do Pará, ou pelo menos áreas adjacentes a Santarém. Eros diz que mesmo com o apoio dos presidentes, sentia muita dificuldade de dialogar e de entender a integração a universidade, o acesso. Não sabia onde era a sua turma e chegou a ouvir de professores que havia perdido sua vaga por não ter comparecido sem saber e nem desejar saber que ele era estudante quilombola ingressante pelo Processo Seletivo Especial Quilombola o PSEQ.

Nos corredores da UFOPA Eros encontra outros estudantes quilombolas como o Apolo que se reúnem na Federação. Surge desse encontro a ideia de criar um Coletivo para se articularem na Universidade, para terem um forte vínculo de apoio mútuo. Algumas reuniões depois nascem o CEQ. O CEQ busca um novo sistema de coordenação que se esforça para que os alunos quilombolas desempenhem uma função no coletivo, seja a do esporte, a da cultura ou outro. Penso que isso demonstra o desejo de organizar o máximo possível. Envolver e dar função a todos. Para mim, é o desejo de aparecer, ser visto, ser reconhecido, ser respeitado. Ser.

É Eros quem fala sobre o uso desse termo “coletivo”. Responde que possuem um documento no papel a partir das reuniões que fizeram no prédio da Federação. Documento feito lá mesmo, com a presença dos estudantes e alguns presidentes. Momento em que foram surgindo vários nomes. No final, foi decidido o nome Coletivo de Estudantes Quilombolas – CEQ claramente entendido como movimento estudantil.

Imagem 2: Ata de consolidação do nome do Coletivo.



Fonte: Imagem disponibilizada após a entrevista pela coordenadora Themis.

Transcrição da Imagem 2: Ata de consolidação do nome do Coletivo.

ATA DA REUNIÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL QUILOMBOLA

Aos dois dias do mês de maio as nove horas e trinta minutos estiveram reunidos na sede da Federação das Organizações Quilombolas de Santarém-FOQS, os alunos quilombolas que ingressaram na UFOPA por meio do Processo Seletivo Especial 2015 para deliberar os seguintes assuntos: criação de um nome para o movimento estudantil, objetivos do movimento e coordenação. Para dar início a reunião a Srta. Beatriz Oliveira

de Jesus realizou uma oração e leu uma mensagem intitulada o Construtor de Pontes para que todos os presentes pudessem refletir.

Seguindo a reunião foi relatado a importância de criarmos um nome para o movimento estudantil, com muitos debates foi identificado três sugestões de nomes para o movimento que foram: Coletivo Negro e Quilombola da UFOPA (CONEQ), Coletivo Negro Estudantil das Comunidades Quilombolas (CNECQ), Coletivo de Estudantes das Comunidades Quilombolas da UFOPA (CEQ), após muitas discussões importantes foi decidido a implantação do nome Coletivo dos Estudantes das Comunidades Quilombolas (CEQ), haja vista somos estudantes e somos de comunidades quilombolas e queremos alcançar nossos objetivos dentro e fora da universidade Federal do Oeste do Para e por isso os objetivos principais desse coletivo são:

- Representar os estudantes quilombolas dentro da UFOPA,
- Promover Políticas Públicas e assistência Estudantil para os estudantes dentro da UFOPA,
- Articular a realização do cursinho quilombola anualmente,
- Apoiar as lutas da FOQS,
- Promover festinhas nas comunidades todo mês para angariar recursos,

Para finalizar os assuntos foi escolhido a coordenação do CEQ que por votação foi feito a sua primeira coordenação ficando composta pelas seguintes pessoas.

Coordenadores- Beatriz Oliveira de Jesus, Rosimar de Jesus Santos e Jaime Mota.

Secretarias – Iris Rosane E Heloína Santos.

Tesoureiro- Lucas dos Santos

Equipe de Apoio- Marluce Costa, Leandro de Jesus, Daniela Bentes, Belliny Marrone, Anisson Willian e Yagno.

Como encaminhamento da reunião foi decidido encaminhar um ofício para a reitoria da UFOPA e para a coordenação de Ações Afirmativas informando a criação deste Coletivo e seus representantes com a cópia da ata e reunião anexada.

Sem mais a reunião foi encerrada às doze horas, eu Heloina Maria dos Santos lavrei esta ata e abaixo subscrevo.

Heloina Maria dos Santos

Conto-lhes sobre a criação dos outros coletivos com os quais fiz o grupo focal. Eros explica que eles estão num processo de melhoria e construção do estatuto e explica ser importante terem tudo documentado e organizado. É diferente do que eu havia visto até aqui. Então ele justifica que isso é preciso para lutarem pelos seus direitos na universidade. Diz que eles têm alguns conflitos com a universidade e estão sempre em busca de um diálogo.

A pedido de Themis, Apolo completa o que já foi dito. Apolo têm um rosto pequeno, nariz comprido e largo, olhos arredondados, lábios finos, barba bem curta concentrada no bigode e cabelos médios. É um quilombola com uma energia e luminosidade por isso a designação de Apolo o deus do sol. É do Quilombo Tiningu e ingressou na universidade no PSEQ em 2015. Complementando a fala de Eros, conta que para chegarem na palavra “coletivo” houve um processo longo. Lembra-se de que no dia em que escolheram o nome CEQ passaram uma tarde inteira para escolher este nome.

Pensaram em diretório, ou representação dos estudantes quilombolas, porém “coletivo” é algo inerente a vida nas comunidades quilombolas. Até então, não sabiam ao certo quem eram os outros alunos quilombolas na universidade e começam a busca-los a partir de um grupo não intitulado. Principalmente no município de Santarém, ele sabe que o trabalho acontece de forma coletiva. Daí a escolha por Coletivo de Estudantes Quilombolas.

Então o CEQ surgiu para representar os alunos, para encaminhar demandas para própria Universidade. Eles oficializaram na universidade dizendo que ele falaria em nome deles e as ações seriam consideradas pela coletividade dos quilombolas. Hoje o CEQ congrega alunos de comunidades quilombolas das regiões do Planalto e Várzea, que quando chegam a Santarém (cidade grande) encontram uma realidade totalmente diferente.

Devem estar querendo saber mais sobre a organização no coletivo, eu sei.

Themis afirma que ela e Eros são coordenadores e o Apolo é o coordenador de eventos com a Tácita. Ouvia nessa hora o som de uma serra elétrica que vinha do lugar onde estava Themis, mas mergulhava cada vez mais profundo. Ela explica que o CEQ é composto por coordenações de eventos, cultura, lazer. Envolve mais de 350 (trezentos e cinquenta) alunos.

Ela diz que essa liderança é importante para eles poderem caminhar em um trabalho de formiguinha. Comenta, por exemplo, de um evento anual na Universidade que é o da consciência negra composta por quilombolas e professores. E acrescenta que necessitam de uma independência do Coletivo, no sentido de se posicionar.

Por fim, diz que quando iniciou como coordenadora do coletivo ele era um coletivo que caminhava com os indígenas, mas depois viram que deveria ter um protagonismo dos jovens quilombolas. Mas atualmente os quilombolas vem tomando esse protagonismo, vem realizando alguns eventos e diz que o essencial foi aproximação com as lideranças que são de dentro da federação.

Ela retoma a fala sobre a Federação o que julguei ótimo. Descubro que a Federação representa às doze Comunidades Quilombolas de Santarém e que o apoio dessas lideranças, aliadas nos discursos, nos debates e tendo o apoio deles é essencial para o Coletivo. Faz essa ponte entre Universidade e os próprios Quilombos, por exemplo, facilitam o processo de localização dos discentes que não estão frequentando as aulas. Além desse apoio com as lideranças da federação o CEQ busca apoio com as coordenações dos *campuses* em Itaituba, Alenquer, Óbidos, Itaituba e Monte Alegre.

Os quilombos não têm acesso à *internet* ou telefone, com tudo as dificuldades que vivenciam são como os documentos para habilitação, processo seletivo ou assistência estudantil. Ela conclui falando ser difícil obter 100 (cem) colegas em uma reunião porque, apesar do grande número de alunos no coletivo, os demais não têm essa consciência de fortalecer o movimento na Universidade.

Pergunto-lhes sobre as atividades desenvolvidas no coletivo comentando sobre as atividades realizadas por outros.

De acordo com Themis, o único grande evento a que eles participam efetivamente é a da Consciência Negra nos Quilombos e na universidade, que ocorre durante 3 (três) dias. Acrescenta que com os indígenas desenvolvem a recepção dos calouros em uma escola na floresta, que se encontra literalmente na floresta. Tomaram essa iniciativa porque a universidade não dava suporte financeiro necessário para a recepção desses jovens. Nesta recepção são desenvolvidas atividades, trocas de experiências, falas sobre o coletivo com a presença das lideranças para entenderem que estão entrando na Universidade. Alertam que não é literalmente bonito, nem fácil ressaltando a importância de todos estarem somando forças.

E a recepção dos calouros é um evento que acontecia após retornarem das férias, em que se reencontravam os colegas e era um evento de muito trabalho às vezes tendo que ir nos

quilombos para a coleta de materiais. O Apolo e Eros ficavam encarregados da decoração e eram trabalhos maravilhosos e o Poseidon com outras integrantes que são da coordenação de cultura organizavam danças neste local.

Agora o som dos tambores aumenta e chegamos no ápice desta entrevista. Mar aberto.

[...]
Um espelho não guarda as coisas refletidas!
E o meu destino é seguir...é seguir para o Mar,
as imagens perdendo no caminho...
Deixa-me fluir, passar, cantar...
[...]

Além das danças e festividades, Themis revela que há brigas entre eles que contribuem para o crescimento. Acrescenta o contato que tem com os indígenas designando muitas vezes com a palavra “Nós” sendo os indígenas e quilombolas. E fala que na universidade os professores não têm consciência de quem tem alunos quilombola e a universidade não possui um programa de acompanhamento do percurso acadêmico, atualmente tem um ajuste de percurso acadêmico para os indígenas e quilombolas que já ultrapassaram e estão ultrapassando o tempo de curso, para concluírem e não perderem o tempo já dedicado.

Ela diz que quando visitam os quilombos, com o ônibus da universidade isso dá uma credibilidade para eles, mas para as visitas ocorrerem têm que enviarem um protocolo de consulta fazendo um pedido com as lideranças sobre a ida aos quilombos, informando o que vão fazer, o tempo e qual liderança vão dialogar. Voltando ao assunto, sobre os eventos comentam que o primeiro evento que fizeram foi para comemorar o aniversário da UFOPA de 11 (onze) anos, mas dizem que precisam de uma aproximação que não está acontecendo.

Devido às questões de conexão da Themis, Eros explica que seria interessante entender a questão do conflito que marca o processo histórico do Coletivo. Isso mostra e mantém a história e não deixa esquecer que houve bastante conflito, o qual é marco para o fortalecimento enquanto estudante, permitindo entender a importância do Coletivo e a importância de estar unido como acontece nas ocupações na Universidade.

Ele cita vários exemplos de conflitos em que viveu, incluindo aqueles envolvendo educação e as de entrada na sala da reitoria. Na sua percepção os conflitos são algo marcante e que ele gosta muito disso, sendo algo anterior a entrada na universidade e se torna algo para se firmarem enquanto quilombola na Universidade. Como formando do curso de antropologia sente a necessidade de colaborar, no sentido de estar presente e interessado como agora, deixando marca enquanto quilombola Peafú. Por fim, destaca que existem conflitos no coletivo,

mas eles estão sempre focados no objetivo de estarem na universidade que é uma luta contínua e uma luta pela entrada de novos alunos quilombolas.

Volto ao tema da documentação no coletivo já que isso parece algo bem específico deles.

Themis diz que o coletivo possui um *e-mail* e um *drive*. E lembra que quando entram na universidade recebem um auxílio pago pelo Programa Nacional de Assistência Estudantil - Pnaes no valor de 400 (quatrocentos) reais e uma bolsa do MEC – Ministério da Educação e Cultura, de 900 (novecentos) reais, também auxílio do Pnaes. Os alunos da turma de 2020 não receberam este auxílio do MEC devido ao contexto da pandemia. Mas o que Themis deseja argumentar é que o auxílio não é para ter aula e sim para permanência destes quilombolas na universidade. Os quilombolas permanecem em Santarém porque seus quilombos não têm acesso à *internet*. Necessitam deste auxílio.

Retomando a questão dos documentos, ela ressalta que quando fez a sua primeira reunião com as lideranças quando se tornou coordenadora, foram bem-vistos justamente por requerer a documentação das reuniões. Além disso, como graduando de Direito assim como Apolo, de certa forma vão ser cobrados por este zelo com a documentação.

Poseidon é um jovem tímido e com seus cabelos com as pontas amareladas, nariz largo, olhos pequenos e uma camiseta regata. O nome Poseidon veio do deus dos mares e protetor dos marinheiros. Em poucas palavras, ele se apresenta como coordenador de cultura do CEQ e diz ser bacharelando em Ciência e Tecnologia das Águas com ingresso em 2019. O cenário que se encontra é o mesmo de Themis, acredite um telhado. Comenta que os trabalhos desenvolvidos pela coordenação de cultura enfocam muito a questão da dança e das pinturas africanas. Lembra do que falava Themis e relata que em março de 2021 com o reitor da Universidade Hugo Alex Diniz participou das entregas de chips de celulares para auxiliarem os alunos nas aulas remotas.

Neste grupo focal tive mais problemas técnicos, porque além dos sons de serra elétrica por vezes perdemos as conexões. O tempo passa e cada fala mergulhamos mais. Perguntamos sobre a relação do Coletivo com os Centros Acadêmicos, os Diretório Acadêmicos e o próprio Movimento Estudantil.

Themis comenta que recentemente estivera no CA do direito e deixou o CA devido a conflitos, porque era difícil atender às demandas de coordenadora, de representante discente no Conselho Superior, de bolsista de projeto de pesquisa, as aulas e ainda ser mãe de 2 (dois) filhos. Mas reafirma que conseguem essa aproximação com estes movimentos, porque há uma

proximidade, sendo que vão assinar um documento conjuntamente com os centros acadêmicos na questão dos cortes de 18% (dezoito por cento) na educação e do Impeachment do Bolsonaro.

Os tambores silenciam. Ocorre perda de conexão de alguns integrantes, enquanto aguardo a entrada novamente dos jovens, converso com o Eros sobre o cenário em que estava. Comenta que atrás dele tinha uma pintura de orixás e que está em uma casa de santo e que depois me mostrará com detalhes. Depois de alguns minutos os demais retornam e continuamos as perguntas.

Themis continua a discutir as relações com outras organizações. Ele cita o caso do DCE e diz que quem representa este movimento está no Conselho Universitário - CONSUN e assim conseguem manter um diálogo. Afirmo que dão inclusive apoio sempre que solicitam, como apoio financeiro.

Pergunto-lhes se o coletivo convida os alunos? Themis diz ser necessário enfatizar o papel importante do professor negro Luiz Fernando França do curso de Letras que desde o início apoia o coletivo, tendo um projeto na Universidade voltado para a população quilombola – o cursinho quilombola. Neste cursinho os futuros quilombolas que ingressaram na universidade já têm o primeiro contato com o CEQ. Afirmo ainda que o Ensino Fundamental e Médio dos quilombolas é precário e executado no ensino modular.

Continuamos a discussão e Themis enfatiza que os membros não precisam assumir responsabilidades no coletivo embora exista uma distribuição de funções que atinge alguns mais diretamente. Ela diz que o movimento foi construído com base na amizade e que quando entram na faculdade, sempre procuram outros quilombolas para criarem um laço de amizade. E comenta sobre a construção do regimento interno, levando para as lideranças a possibilidade de uma contribuição de 20 (vinte) a 25 (vinte e cinco) reais anualmente e algumas pessoas se opõem a essa doação. Afirmo que quando entrou na coordenação pensou em desistir, porque além de ser mulher, não via seu trabalho reconhecido. Durante a eleição para coordenação, houve conflitos no grupo do *WhatsApp*, e várias pessoas, inclusive o professor Luiz Fernando, foram retiradas do grupo.

Chegamos a uma hora de diálogo, os tambores continuam a tocar e é hora de perguntamos sobre a sensação de estarem no coletivo. Eros comenta que no CEQ há desentendimentos, mas essas pessoas em instantes estão brincando e até mesmo merendando juntos. Vão juntos a festas, visitam os quilombos dos outros. E há as festas surpresas de aniversários. Themis acrescenta que já se desentendeu com o Eros e Poseidon. E recorda das vezes que no final do mês juntavam o pouco que tinham e compravam pão e faziam café na

sala do CEQ. Ou da vez que teve que se deslocar para cuidar de sua mãe, o Apolo, o Poseidon e outra integrante se responsabilizaram por seus dois filhos.

A relação do coletivo com a comunidade externa, segundo Themis é uma relação de altos e baixos, sendo que atualmente com os técnicos administrativos se distanciou devido ao fato de um técnico assediar moralmente uma indígena. Neste momento se emociona a comentar sobre este caso e afirma que se for para brigar, eles brigam mesmo pelos seus direitos. Poseidon acrescenta que tem alguns colegas de turma que não são quilombolas e nem indígenas, mas que tem a curiosidade de saber o que é o coletivo e acabam levando-os para conhecerem.

Quando perguntados sobre às aprendizagens que obtiveram no coletivo e que vão levar para a vida, Themis comenta o que aprende com as lutas constantes. Ressalta a questão de seus colegas serem de outros quilombos mostra que se ela somar forças com eles no futuro podem dar um retorno maior para a sua comunidade. Apolo vêm do movimento quilombola antes de entrar na universidade e ressalta que uma das aprendizagens é a forma de lidar, considerar e ajudar o outro.

Sinto que é hora de finalizarmos, estamos chegando a 1h (uma hora) e 30min (trinta minutos) de entrevista. Para finalizarmos, só mais algumas perguntas. Como é a saída de um integrante do coletivo? Themis comenta que ainda não tiveram ninguém saindo do coletivo e que as pessoas ainda continuam no movimento dando apoio e somando. Eles têm uma sala para o coletivo na universidade? Sim, uma sala pequena com um computador. Themis sugere para cantarem Negro Nagô, com a participação do irmão de Eros que é afro religioso. Pena que só consigo lhes dizer como que foi este momento. Nessa hora o tambor explodiu e vi que a batida dele ecoava era no meu coração.

1.4 Palavras não dão conta

Catalão, 22 de fevereiro de 2021

Para: Todas Putax

Queridxs,

Esta carta conta o penúltimo mergulho até agora. Falta-me título.

É final de uma noite não muito fria e estou com meu *notebook* sentado em um tapete com uma coberta em meus pés. Provavelmente enveredarei pela madrugada. Conto logo.

No dia 10 de janeiro de 2021 consigo através de amigos e amigas os contatos de 4 (quatro) integrantes do coletivo Todas Putax que já venho seguindo nas redes sociais. Antes

até iniciei conversas com integrantes, mas que não participam mais do coletivo. Mas aí aparece Afrodite (nome relacionada a deusa grega do amor, da sedução e da sexualidade) no dia 11 de janeiro de 2021 via *WhatsApp* e trocamos mensagens. Diz ser integrante do coletivo, mas que devido à pandemia e até as atividades retornarem estará presencialmente desvinculada, pois, a princípio não se encontra em Catalão. No mesmo dia converso com Hera (nome da deusa grega esposa de Zeus e símbolo da proteção feminina) que expressa interesse em colaborar com a pesquisa. Com Perséfone (nome da deusa da terra e da agricultura e esposa de Hades na mitologia), o contato deu-se via *Instagram* no dia 25 de janeiro com retorno apenas no dia 22 de fevereiro, instantes precedentes da entrevista.

No dia 22 de fevereiro de 2021, encaminho as integrantes o primeiro convite para um grupo focal com o Coletivo Todas Putax, por meio do *Google Meet*. Encontra-se neste primeiro dia eu, Afrodite, Hera, Perséfone e Ju, orientadora desta pesquisa.

Já devem ter percebido que tudo começa com a história do coletivo.

Afrodite elucida que no começo era uma espécie de movimento, não se intitulavam nem se entendiam como coletivo o que só veio depois. O estopim foi uma apresentação da música P.U.T.A da Mulamba no sarau da Psicologia, ato que partiu de diálogos travados nos corredores da universidade quando algumas meninas demonstraram interesse em participar. Aquela apresentação as marcou profundamente. A princípio o desejo era pôr para fora uma meia dúzia de coisas que mulheres sabem. Insuspeito foi o quanto parecem ter marcado o público.

Depois daquilo outras “minas” começaram a procurá-las querendo “fazer o que elas estavam fazendo, fosse o que fosse” e formou-se um grupo inicial. Afrodite e as demais nos contam que não se compreendiam ou se adjetivavam como feministas naquele momento, mas que sabiam que o elo entre elas vinha das questões pessoais, das histórias de vida. Sobretudo do desejo de fazer algum movimento. Alguma coisa.

Ju explora esse momento e pergunta qual era afinal a intenção quando da apresentação da performance da música P.U.T.A e ouvimos de Afrodite que a ideia era “causar” e que essa é fala vem da Afrodite artista. Assim, a performance era um grito necessário grito de alguém que necessitava gritar e que precisava encontrar pessoas. Logo, o coletivo vem de uma coisa muito artística, de levar o corpo a explorar os sentimentos da vida. E gritar! Assim, sem muitas discussões houve o grito. E para elas o grupo foi se constituindo nesse movimento de (in) permanência, próprio das artes.

Hera testemunhou essa apresentação da P.U.T.A da plateia e conta que ficou impactada. Pensou consigo mesma que queria ter essa coragem e dela munida foi participar da segunda

apresentação do grupo, naquilo que foi em um dos maiores públicos no auditório da UFCat. Cerca de umas 20 (vinte) manas (elas se chamam assim) em uma apresentação enraizada na arte. A partir dali ficaram as que se identificavam com o movimento feminista. Inevitável. Gritar era um começo. Havia mais.

Afrodite esboça 3 (três) hipóteses para a saída de muitas, após esse episódio quando o feminismo se colocou ao lado da arte. Primeiramente, que algumas se identificavam com o movimento feminista, mas não se achavam suficientemente artísticas para continuar no movimento, esta primeira hipótese é embasada em relatos de algumas manas que saíram.

A segunda hipótese se baseia nas grandes demandas e cobranças que elas têm como universitárias. O coletivo exige tempo, dedicação, comprometimento. E, por fim, a terceira hipótese a de que elas não identificavam o movimento como coletivo pela sua pegada na arte e por não terem as discussões como nos movimentos sociais.

Perséfone ainda inclui uma quarta hipótese, a de que o coletivo mesmo sendo artístico implica em um impacto que é o preconceito de fazerem parte do Todas Putax. O preço de se mostrarem e se posicionarem contra algumas coisas. Nesse sentido Hera complementa que isso seria como “mexer com as estruturas” o que acabaria sendo difícil já que envolve renunciarem ao lugar em que vieram. Para ela o porquê de ficarem no movimento é o fato de terem algo delas, estão falando de dores e vivências que as fortalecem.

E questiono sobre essa união. Hera responde que a diferença as une. Diferem aos olhos dos outros pôr a diferença ser sair da regra e do que foi posto, além das diferenças umas das outras e dessas igualdades que é pensar as diferenças juntas. Afrodite acrescenta sobre as diferenças que o sistema patriarcal e capitalista vai incidir sobre todos nós, enquanto estrutura, porém de maneira diferente e é essa diferença que as unem.

Pergunto se a universidade é opressora. Como homem estava sentindo dificuldades em acessar essa fala, mas a professora Juliana reorganiza o pensamento e as ideias apresentadas até o momento e pergunta sobre o movimento inicial de irem se encontrando na universidade e se na segunda apresentação já tinham a ideia de que seriam um coletivo e se chamaria Todas Putax.

Afrodite responde saber que existia ou começava a existir um movimento feminista na universidade e que ela e Hera chegaram a participar de algumas reuniões. Mas avaliavam que eram momentos bastante enrijecidos assumindo, porém, que talvez a ideia de criarem algum movimento tenha vindo desta experiência. Lembra que algumas meninas que participaram da

segunda apresentação já compunham este movimento feminista ou eram amigas de outras que se interessavam pelo movimento.

Em decorrência dos grupos focais executados com o Coletivo LGBTQ+ UFJF – GV questionamos em relação à participação dos professores nos dois movimentos o coletivo e o movimento feminista. Descobrimos que os dois movimentos foram criados por alunas e tiveram depois algumas parcerias com os professores, sobretudo pela necessidade de cadastros e burocracias para garantir a execução de atividades como palestras, etc.

Hera discorre que o nome do coletivo veio em decorrência do fato, em algumas apresentações, os apresentadores não conseguirem designar o que era o movimento e acrescenta que em uma reunião estavam discutindo sobre essa nomeação e chegaram nesse consenso de serem Todas Putax, em menção a primeira música que cantaram. Afrodite comenta que no dia que iriam definir o nome é o dia em que iriam apresentar a música Todxs Putxs da Ekena. Perséfone comenta que tem um vídeo em que disponibilizará em que a cantora Ekena fala do coletivo Todas Putax da UFCat. Vejam a letra!

Todxs Putxs

Ekena

[...]

Que se usa decote, é puta!
E se a saia tá curta, é puta!
E se dá no primeiro encontro, é puta!
Se raspa o cabelo, é sapa!
E se deixa crescer os pelos, é zoadá!
Se tem pau entre as pernas, é trava!
Mas se bota salto alto, é santa!
E se usa 44, é gorda!
Mas se usa 38, é muito magra!
Se sai depois das onze, vai voltar arrombada!
Porque ela pediu, né? Tava na cara!
Olha a roupa que ela saiu de casa!
E todo discurso machista continua:
"Menina, você devia usar uma roupa menos curta!"
[...]

Mantenho a pergunta sobre o uso do termo “coletivo” e respondem que isso talvez tenha vindo de uma integrante pela sua experiência em movimentos sociais em que é comum essa terminologia. Alguém menciona que estudou esta palavra na psicologia social. Tudo isso foi fortalecendo a ideia de que o que elas faziam era próprio de um coletivo.

Sobre a história do coletivo dizem que possuem alguns áudios, fotos e prints, mas não tem atas ou algo mais formal. Então como as novas integrantes conhecem a história do coletivo? Simples, só conhecem se perguntarem.

Perséfone conta que entrou no coletivo em 2018 quando ele ainda era focado mais na parte artística e que foi a partir das “benzedadeiras” que começaram a ver a possibilidade de levarem um pouco da academia para o coletivo. O que são as benzedadeiras?

Foi uma apresentação que elas fizeram a pedido de uma professora do curso de letras que havia desenvolvido um trabalho com mulheres do campo. Esta professora lhes convidou e apresentou os áudios, vídeos e as entrevistas desse trabalho solicitando que elas elaborassem uma apresentação inspirada nessas vivências.

As manas estudaram todo o material e perceberam a oportunidade de não só trabalhar com a arte até porque há meninas que não gostam de se expor artisticamente, mas se sentiriam à vontade em fazer esses estudos. Ela comentou ainda sobre o festival clitória, o qual conseguiram acessar a comunidade externa a universidade e de como nesses eventos conseguiram até a certificação da participação.

Afrodite retoma a questão da organização do coletivo e expõe que em seu ponto de vista não precisam dessa organização, que isso tornaria o grupo muito enrijecido, e tem medo dessa institucionalização muito forte do grupo a levar a uma cristalização do papel e da identidade. E retoma a experiência sobre o grito das benzedadeiras que era um espetáculo de uma hora, em que tiveram que estudar e pensar no que são mulheres benzedadeiras remetendo a história das caças a bruxas. Isso foi acontecendo sem imposições. Nas leituras dos depoimentos contidos na tese de doutorado da professora do curso de letras, foram sentindo a alteridade ao verem outras mulheres sofrendo. O grito das benzedadeiras resultou num monólogo criado e performado por elas. Estudo e arte. Movimento do artístico ao político no coletivo.

Hera avança na reflexão dessa transição de arte, a arte política influenciou na decisão do coletivo ser artístico ou não. Isso passou a ser uma questão quando começaram a estudar teoria feminista e a incluírem roda de conversas entre suas ações, buscando trilhar novos caminhos para dar mãos as outras mulheres. Mas vão sempre falar de arte porque arte é política. O cronograma das atividades é feito por demanda e de ideias surgidas no momento espontaneamente.

Peço para definirem o coletivo e Perséfone manifesta que o entende como uma construção em rede que atravessa de certa forma todas e que traz a individualidade. E diz que o melhor sinônimo de coletivo é rede. Reiterando o assunto sobre a organização do coletivo discursam que a hierarquização seria incoerente pela história que constituiu este grupo. O coletivo não tem hierarquia definida, apesar disso contam com pessoas que movimentam as

demais. Alguém assume quando parece que ele vai acabar ou quando uma atividade tida como importante corre o risco de não acontecer

Descubro serem atualmente 21 (vinte e um) integrantes, mas há muita imprecisão de saber o que vai acontecer depois da pandemia, já que algumas integrantes se formaram ou devido à pandemia estão nas suas cidades de origem. Aproveito para perguntar como acontece a saída do coletivo e Afrodite que encontra-se em outra cidade e não é mais discente da UFCat. Responde ser triste e comenta porque um grupo tem que existir por toda a eternidade.

Quando questionadas sobre enxergarem-se como movimento estudantil, elas comentam que a maioria das meninas se conheceram, são participantes do movimento e são de esquerda. E dizem que é comum no perfil delas a participação no movimento estudantil e que algumas chegam pela afinidade com alguém do movimento. As discussões se fixam na questão do padrão progressista e Afrodite cita que fizeram uma performance chamada Miss Beleza Universal com uma música da Doralyce em que apresentaram sem o sutiã e com pinturas no corpo. Essa apresentação ocorreu na época em que ocorriam as eleições presidenciais e essas imagens foram divulgadas em redes sociais. Em síntese o que a sociedade recebeu como informação é que elas estavam fazendo apresentação contra o então candidato Bolsonaro. Esquerda.

Perséfone acrescenta que nas apresentações das performances possuem 3 (três) públicos, o primeiro das pessoas que admiram, mas de uma forma passiva; as que admiram e querem participar e as que abominam. Com relação à passagem da bolha para o mundo exterior. Citam o medo e a cautela para se posicionar.

Alto mar.

Perséfone explica haver aproximações com outros movimentos ou grupos dentro do movimento estudantil. Por exemplo, auxiliam e participam do Diretório Central dos Estudantes - DCE quando é preciso tomar alguma decisão maior em prol dos discentes, ou quando tem uma convocação das atléticas e outros movimentos, e o coletivo Todas Putax é convocado.

E as sensações de estarem no coletivo? O que sentem?

Vou ouvindo: “- uma delícia!” “-fortalecimento!”, “- potência!”, “- acolhimento!”.

Aproveito esse jogo de palavras para pedir que adjetivem as relações no coletivo: “- Potência!”, “-Empoderamento!”, “-Transformação!”. Uma delas não tem palavra para expressar.

Completo 1h (uma hora) e 30min (trinta minutos) de grupo e marcamos outro encontro 2 (dois) dias depois quando converso somente com a Perséfone e a Hera. Preciso perguntar das aprendizagens que vão levar para a vida.

Hera comenta que é bom se perguntar e de sempre fazer a crítica das coisas e diz que o coletivo foi um local em que criou laços sociais e estabeleceu redes que foram importantes durante a graduação. Para ela, filha de pastor, ele foi um momento de descoberta porque ela estava saindo da igreja protestante. Diz que o coletivo ajudou nessa busca de um empoderamento e por uma “liberdade”.

Perséfone comenta o que vai levar para vida é um olhar mais sensível e atento as violências e amarras não somente ao feminismo e o agir em redes.

Hera explica que as perspectivas do coletivo no futuro é indefinida e é tranquilo de se pensar no fim do coletivo, mas é algo doloroso essa morte. E acrescenta que o coletivo contribuiu para sua formação profissional enquanto psicóloga.

Indizível a emoção sinto na fala de Hera quando fala que amou cada uma delas e cada momento com elas. Por fim, a palavra que surge quando pensam em Coletivo Todas Putax.: é acolhimento a uma escuta. “-Quando terminar (morrer o coletivo) e passar por este luto me sentirei órfã não somente do Todas Putax mais de todos os movimentos sociais”.

1.5 A volta ao mundo em 155 dias

Catalão, 6 de julho de 2021

Para: Os viajantes do tempo

Olá. Estou ainda em alto-mar e já se passaram 155 (cento e cinquenta e cinco) dias da nossa primeira correspondência, cerca de 5 (cinco) meses. Foram percorridos até o momento 7.925 km (sete mil, novecentos e vinte e cinco quilômetros) no trajeto Catalão (partida) – Governador Valadares (Coletivo LGBTQ+) – Catalão (Coletivo Todas Putax) – São Lourenço do Sul (Coletivo Agroecológico) – Santarém (Coletivo de Estudantes Quilombolas).

Embora a viagem tenha sido cansativa, a vontade de conhecer mais sobre os coletivos acendem o desejo de encontrarmos um coletivo universitário na região nordeste. Entre procuras nas redes sociais e nas redes de amizades, Ju encontra o contato via *WhatsApp* do professor Ari, que fornece o contato de 4 (quatro) lideranças de movimentos da Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB. Entre contatos, escolhemos o Coletivo Mocambo como próxima

parada. O objetivo da escolha deste coletivo étnico-racial é pensarmos e entendermos um pouco sobre a cultura e o movimento negro na Bahia e algo que acrescentará nas temáticas abordadas nos outros coletivos, pensando também nos critérios de inclusão propostos pela pesquisa.

Estamos em alto-mar, velejando em direção à Bahia. O primeiro contato acontece no final de junho com duas jovens – Héstia e Cibeles. Cibeles é a deusa mãe e representa todas as mulheres da humanidade e Héstia deusa do fogo e a guardiã das chaves do Olimpo. Explico-as inicialmente pelo *WhatsApp* o projeto, digo-as que o contato delas foi fornecido pelo professor Ari e marcamos o nosso encontro para o dia 6 de julho de 2021.

Havíamos partido com um tempo calmo e aconchegante. Clima para uma boa viagem turística, ou seja, conhecermos o Coletivo Mocambo. O prazer de ter conhecido 4 (quatro) coletivos me deixou mais confortável e em harmonia com o meu ser físico e espiritual. É hora de velejarmos e pisarmos em terra de preto. Que Olodumaré, nos proteja.

Protesto Do Olodum

Olodum

[...]

Vai com a nordestóia (na Bahia)

Na Bahia existe Etiópia (sim)

Pro Nordeste o país vira as costas

Mas mesmo assim

E lá vou eu

E lá vou eu, e lá vou eu, e lá vou eu

Nós somos capazes (e o Pelourinho)

Pelourinho a verdade nos traz (e o monumento)

Monumento da força e da paz

Mas mesmo assim

E lá vou eu

E lá vou eu, e lá vou eu, e lá vou eu

[...]

Iniciamos às dez horas. Sala aberta e link enviado para as duas integrantes do coletivo. Hora de aguardarmos. Na sala, entra 2 (duas) jovens negras a Héstia e Cibeles. Héstia tem o rosto fino, longo e retangular, olhos pequenos e nariz levemente avantajado, lábios carnudos e cabelo crespo na tonalidade castanha. Apresenta-se uma mulher forte e determinável. Cibeles tem o rosto arredondado, olhos pequenos, nariz levemente largo dos lados, lábios carnudos e cabelo crespo na tonalidade preta com um sorriso aconchegante e apresenta-se ser uma mulher guerreira.

Como de práxis, explico e sano as dúvidas sobre o projeto. E pergunto-as sobre o início do coletivo e de onde vem o nome Mocambo. Elas decidem que uma comentará sobre a história

do coletivo e a outra sobre a história do nome. Respondem que em 2018 a partir do presidente do DCE (Diretório Central dos Estudantes), chamaram para conversar e disse sobre a necessidade de existir um coletivo negro. Na universidade já existia um coletivo LGBTQIA+, o ‘Desenho Arco-Íris’ e um coletivo feminista bastante atuante, mas não tinham um coletivo negro, sendo que nesta região carrega-se ainda uma ideologia embranquecida e situações de racismo na universidade. Ju lembra haver necessidade de perguntar sobre a composição e dimensão da UFOB e a presença dos alunos negros neste ambiente.

Héstia comenta que na Universidade de Barreiras, cidade onde o coletivo atua, existem cursos de História, Geografia, Ciência e Tecnologia, e cursos mais elitistas como Direito, Engenharia e Medicina. Com relação aos alunos negros, mostra que estes estão mais presentes no período noturno e que os cursos elitizados são compostos predominantemente por pessoas brancas. Comentam, também, sobre uma pessoa negra vestindo uma blusa preta que lhe diziam estar muito camuflada com essa roupa e de outros fatos silenciados na universidade que fizeram que o presidente do DCE e elas abraçassem para formarem o coletivo.

O que me tocou nessas falas além do racismo, foi a presença de um representante do DCE na criação do coletivo. Agora instigo-as sobre este presidente. Afirmam que o presidente foi um aluno negro desta universidade e hoje não se encontra mais lá, porém, a ideia foi dele, mas o protagonismo foi delas. Após a conversa com o presidente, fizeram um cartaz e publicaram no *Instagram*, chamando pessoas negras para construir um coletivo negro, além do cartaz, chamaram algumas pessoas específicas para participarem da luta e uma delas foi a Cibebe. Após essa divulgação reuniram em uma sala da universidade e conversaram sobre a criação do coletivo.

Retorno-as para saber de onde vem o nome Mocambo. Dessa vez quem fala é a Cibebe. Ela conta que depois de uma vivência dela, no ‘Quilombando’ sendo um projeto de extensão criado por 2 (dois) professores com participação da UFOB, da UNEB (Universidade do Estado da Bahia) e da UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia) em que neste projeto vão para Bom Jesus da Lapa e passam uma semana em algumas comunidades quilombolas. No primeiro ano de vivência no Quilombando, ela conheceu a comunidade Araçá-Cariacá, no território do Vale Chico. Em que uma moradora no primeiro dia a pergunta: “Como é pisar em terra de preto?”, após esse questionamento ela começa a pensar sobre essa pergunta e reflete que na UFOB necessita de um espaço de preto com uma construção de afeto. Ela não consegue de primeiro momento respondê-la.

Ju fica instigada com o “Pisar em terra de preto” e pergunta como foi o final da história, com isso Cibeles diz que descobriu esse pisar em terra de preto somente no final da vivência. O pisar em terra de preto é poder chamar esse lugar de seu e de retomar à história. Quando ela volta em 2019 do Quilombando com o seu Trabalho de Conclusão de Curso em andamento ela busca mudar para a construção de sindicatos de trabalhadores rurais a partir da perspectiva do seu avô, um dos fundadores do sindicato. E finalizando que pisar em terra de preto é potência.

É hora de voltar ao roteiro, ao som dos tambores do Olodum na alma e no coração. Antes de continuar, quero dar a vocês uma amostra do que estas duas jovens me proporcionaram. São discursos recheados no que Cibeles diz no pisar na terra de preto é ter/ser potência. Sinto que saio do meu navio e piso nesta terra com as falas destas jovens.

Continuando sobre a dimensão do coletivo as meninas comentam que tem um novo integrante que está liderando o coletivo, pois, as duas estão finalizando a sua trajetória na universidade, trazendo a questão do negro LGBTQIA+. E reafirma que estar no coletivo não é tomar uma falsa militância, mas sim de ter uma base teórica, para discutir, para bater de frente e é nestes encontros que as pessoas se dispersam.

A partir destas falas sobre as atividades. Sinto a necessidade de escutar mais os sons da caixa, atabaque e do tamborim. Pergunto-as quais são as outras atividades que fazem. Cibeles pega o calendário que seria das atividades antes da pandemia e diz estarem com a ideia de um sarau do coletivo, mesa redonda, visitar crianças na escola do mocambo e alguns textos já encaminhados. Outro fato, relatado por elas são da visita delas à reitoria em relação às fraudes das cotas e que o coletivo se tornou um local de denúncia dessas fraudes. Por fim, dizem que as atividades eram propostas na lógica: discutir, construir um pensamento e se reunir para trocar afetos, e também construir campanhas nas redes sociais.

Héstia pede que gostaria de comentar sobre o ponto levantado da denúncia as cotas nos cursos elitizados e que fizeram uma ação em todos os *campus* em que na época o professor Ari estava à frente do programa de ações afirmativas – Afim em que tiveram um suporte para falar sobre o racismo e a fraude as cotas. E um dos marcos mais importante dessas lutas foi quando confeccionaram cartazes com a frase: “Onde estão os negros da Medicina?” e colocaram nos prédios onde tinha aula dos cursos de saúde, porém, o cartaz foi retirado. Com isso, começaram uma política de incentivo à denúncia de fraudes nas cotas e conseguiram a implementação na UFOB da Comissão de Heteroidentificação com a participação de um integrante do coletivo na comissão.

Cibele complementa alguns casos em que viveu de silenciamento e de racismo na universidade. Em uma aula de História da arte o professor diz: “Ah, eu me deito numa rede, eu me sinto índio”, e ela discorda do posicionamento do professor sendo chamada racista reversa; e que em uma avaliação deste mesmo professor em que afirmava que deu sua nota, pois, ela tinha uma escrita poética.

Héstia comenta da vez em que escreveram um cartaz escrito: “Fogo nos racistas”, e um grupo de pessoas brancas importantes da UFOB questionaram porque que elas pregavam a igualdade se propagavam uma apologia à violência. Da mesma forma relembra da faixa escrita “Todo poder ao povo preto” e em uma aula de um professor negro que não sabia que ela era do coletivo e questionou os alunos na sala de aula porque o poder somente para o povo preto, logo o povo branco não pode ter poder.

Retoma Cibele, novamente, e diz da época em que participavam do coletivo feminista onde as pautas raciais nunca eram debatidas e que o feminismo negro era um filhinho do feminismo. Diz que uma das integrantes do coletivo feminista chegou a pedi-la para fazer uma mesa redonda sobre a mulher negra, e ela recusou, devido que nunca foi discutido o papel da mulher no coletivo e queriam mostrar ser uma pauta do coletivo feminista, e deste momento em diante rolou conflito entre as duas.

Não sabíamos o que dizer a essas duas mulheres negras que vivenciaram episódios de racismo e de embranquecimento. Sinto-me tocado, emocionalmente, por essas duas, sou jogado ao chão, mas preciso me recompor e terminar essa última viagem. Pego as forças de meus ancestrais e continuamos nesta terra tentando desbravar um pouco mais sobre o Coletivo Mocambo.

Questiono como está estruturado todo o registro do coletivo. Afirmam que elas possuem registro dos cartazes, citados anteriormente, e dos eventos executados e que tem um documento assinado por Héstia, validando a criação do Coletivo para ficar institucionalizado e quando a universidade solicitasse teriam um documento garantindo a validade do coletivo, além dos registros no *Instagram*.

Ju pergunta qual o papel de Ari no coletivo e que elas comentassem um pouco sobre o documento de criação do coletivo. Héstia comenta que Ari estava à frente do Afim e conseguiram através deste programa realizar mesa redonda, palestra no *campus* da UFOB. Com relação ao documento comenta que na época da criação do coletivo a universidade estava passando por troca de reitorias e que esta garantia uma estabilidade para eles e se algum

momento disser que eles não são institucionalizados e/ou que não podem participarem de comissão, eles possuem um documento legal o qual garante.

Estamos carregados de sensações e perguntamos sobre tais. Héstia cita o afeto, uma busca aos seus povos e um olhar diferenciado. Com isso afirma sobre suas redes de afetos em que construiu no coletivo, como Cibeles ela pensava em uma especialização em Genética e hoje o desejo é trabalhar com anemia falciforme, sendo uma doença de herança afrodescendente. Cibeles complementa que acha a construção de rede de afeto algo potente e o coletivo mostra o que o seu povo produz conhecimento, podendo ela utilizar este conhecimento e não ficar somente nas teorias de brancos e se for preciso ela vai utilizar como analogia as encruzilhadas de Exu.

Héstia comenta que colocou inclusive no Currículo Lattes que é integrante do coletivo. Neste momento é questionada do que significa colocar ser integrante do coletivo Mocambo no currículo. Responde que é dizer que fez parte desta construção e que independentemente da pessoa se vier com desaforo recebera desaforo de volta.

Tentamos pisar e entrar nesta terra de história, cultura e de sofrimento de jovens pertencentes ao coletivo Mocambo sendo chegada a hora de finalizarmos, fecharmos as malas e partimos de volta para a casa. Foram 155 (cento e cinquenta e cinco) dias da nossa primeira viagem e hoje retorno para casa com vários baús. É hora de retirarmos tudo que foi recolhido.

INVENTÁRIO DE EXPEDIÇÃO

Catalão, 08 de novembro de 2021

Sei que escrevi muitas cartas sobre os coletivos. Aliás, te mandei uma de cada. Fiquei sem jeito com o tamanho. Mas olha só, eu guardei tudo da viagem. Eu organizei tudinho. Para guardar, para pensar, para pesquisar que não esqueci o começo e fim disso tudo, embora o meio seja o melhor. Quem foi comigo antes e quem segue comigo agora não ficará sem ver o que vi, ouvir o que ouvi, sentir o que senti muito embora não seja a mesma coisa.

Neste momento encontra-se 5 (cinco) baús para assenhora-se. Esses baús assemelham-se a um porta joias com várias divisões que representam as caixas neste inventário e as joias são as conchas, as estrelas, os orixás, as lembranças, dentre outras como o meu grande tesouro guardado. É momento de colocarmos todos os pertences para o balanço. Todas as caixas estão cheias, e preciso separar em seus respectivos destinos e conteúdo. Para isso, escrevo o inventário dividido em caixas com a Origem, as Formas de atuação/atividades; a organização; o contato com outros movimentos e por fim as sensações.

1º Baú – Coletivo LGBTQ+ UFJF-GV

Quadro 1: Logo do Coletivo LGBTQ+ UFJF-GV e do *campus* UFJF-GV



Fonte: < <https://www.instagram.com/coativolgbtqufjfgv/> > e < <https://www2.ufjf.br/gv/> >

O primeiro baú tem uma caixa de madeira colorida com as cores do arco-íris. Arco-íris – Imagem rica em contos, lendas e história como a do cristianismo em que representa a aliança entre Deus e o homem ou na mitologia grega que é representado pela deusa Íris a mensageira dos deuses do Olímpio, sendo que sua principal função era levar as mensagens dos deuses aos homens personificados pelo arco-íris. A imagem que se encontra no baú é uma composta por

6 (seis) cores que representa o símbolo do orgulho, do reconhecimento e da cultura LGBTQIA+. É neste baú que guardo nele a Origem do Coletivo LGBTQ+ UFJF. Pense nele como um prisma em que uma luz branca (o meu primeiro contato com o coletivo) ao passar por este prisma irradia decompondo nas cores do arco-íris a depender de como o olho.

Podemos ver em numa das faces um caso como a gota d'água, de outro 2 (dois) professores, de outro uma reunião na hora do almoço em uma sala abarrotada de gente ou a face com brilho forte do estouro de tanta coisa guardada, tanto caso de tanta coisa.... Descrevo para ti:

Quadro 2: Caixa Nº 1: Coletivo LGBTQ+UFJF-GV. Conteúdo: A Origem.

Um caso	Dois professores	Na hora do almoço	Homofobia, lesbofobia de tudo ali
<i>[...] a gente teve um caso de homofobia no curso de nutrição onde um estudante tinham se um grupo de alunos que iriam fazer o trabalho na casa de alguém e aí um desses alunos falou: 'Que não iria na casa daquela pessoa porque aquela pessoa era viado' e não iria frequentar aquele ambiente e tals e aí depois na sequência esse rapaz ele até com a repercussão do caso, ele até deixou a Universidade foi para outra Universidade e tals. (Hermes, 2021)</i>	<i>[...] o que, que rolou dois professores do direito resolveram que tava na hora de debater esses assuntos com os alunos que passam por LGBTQfobia e aí por causa disso eles pensaram: "Não, a gente precisa fazer alguma coisa né" [...] (Atenas, 2021)</i>	<i>[...] a gente teve no primeiro momento, a primeira reunião disso tudo né, foi no horário de almoço nosso entre onze horas da manhã e uma hora da tarde e a sala que foi reservado, foi uma sala pequena e a sala assim explodiu de gente né, foi muita gente nessa primeira reunião, subsequentemente nós tivemos outras reuniões e nessas outras reuniões a gente percebeu que foram caindo a quantidade de pessoas que estavam indo e participando, mas, mesmo assim era uma quantidade considerável de pessoas né? Isso foi bem legal né. (Hermes, 2021)</i>	<i>[...] De homofobia, lesbofobia de bifobia de tudo ali e a gente viu que não era um caso isolado né, que estava acontecendo dentro da Universidade ... (Atenas, 2021)</i>

Fonte: organizado pelos autores.

Assim por esse prisma a origem se mostra num tom de urgência, de saturação em relação a intolerância, de cansaço. Ao mesmo tempo, mostra como o coletivo nasce a partir da sacada do evento como oportunidade e como tal ela se desenrola meio sem jeito, meio sem sala. A universidade tem pouca sala para as oportunidades além dos campos habituais de ensino, pesquisa e extensão, sobretudo para aquelas que tratam dos eventos, os quais para a maioria não são urgentes, nem violentos como as intolerâncias e o preconceito.

Neste baú representa as 6 (seis) cores em que: o roxo representa “O espírito, o desejo de vontade e a força!”; o azul a “Artes e amor pelo artístico!”; o verde “O amor pela natureza e amor pela mesma!”, o amarelo “O sol, a luz e a claridade da vida!”, o laranja “A cura e o poder!” e o vermelho “O fogo e a vivacidade!”. Algo bem representativo do que encontrei com o Coletivo. Como um arco-íris no fim de um dia de chuva agraciado pelo sol, vemos como no mito um baú de tesouros ao fim do arco-íris sendo as formas de atuação pelos *networkings* e as atividades como o congresso, um cartaz e outras tantas.

Quadro 3: Caixa Nº 2: Coletivo LGBTQ+UFJF-GV. Conteúdo: Formas de Atuação/Atividades.

Partem de um problema	Relacionam através de networking	Pedem apoio	Criam discussão sobre o assunto
<i>Então a gente tem problema e a gente precisa traçar estratégias para resolver esse problema: “O que a gente pode fazer para tentar resolver esse problema”, a gente pensou então de colocar um cartaz escrito: “Coloque aqui uma vez que você sofreu LGBTfobia e descreva no cartaz” e colocamos esse cartaz na entrada desse hall da Universidade, da faculdade que a gente fica alugada que é alugada. [...] (Hermes, 2021)</i>	<i>[...]Então no primeiro evento, a gente fez o que, a gente entrou em contato com a UFBA através do Lucas Andrade. O Lucas Andrade tinha um certo network lá dentro e aí ele pegou e conseguiu 10 passagens aéreas e 10 hotéis. Então a gente já tinha ali custeado isso: 10 passagens aéreas e 10 hotéis. Além disso que eu fiz, aí eu entrei em contato com o diretor aqui do nosso Instituto o Ângelo Denadai, aí falei assim Ângelo eu tinha um bom network com ele e tal [...] (Hermes, 2021)</i>	<i>[...] Como que vamos pagar a comida para galera lá? E tal tem que ser de graça. Ótimo né que é democrático, aí foi na garra: Batendo em padarias para pedir um bolo, pão para o coffee break. Sabe? Batia em algum lugar assim de comida sabe? [...] (Atenas, 2021)</i>	<i>[...] “Vamos colocar então uma disciplina obrigatória que discuta sobre, não pode ser eletiva também, porque se for eletiva vai cair no mesmo problema.”, “O cara que precisa escutar. O cara que precisa discutir. A pessoa que precisa discutir sobre isso ela não vai tá lá., ela não vai querer fazer isso.” [...] (Hermes, 2021)</i>

Fonte: organizado pelos autores.

Os raios que se propagam pela fonte são feixes de luz divergentes, partindo de um mesmo ponto e se afastando enquanto se propaga, buscando atividades na universidade acolhedores em meio as experiências de lgbtfobia. Universidade que é invisível e não acolhedora para estes sujeitos. É nos cartazes, no congresso e nas discussões que gritam a este ambiente.

A terceira caixa remete a um espelho refletindo a luz da organização do coletivo. Da mesma forma que um rio de águas cristalinas sem movimentação se aproxima do que seria um espelho. Vejo a imagem do arco-íris em uma brisa suave. É hora de mergulharmos e vermos a organização do Coletivo:

Quadro 4: Caixa Nº 3: Coletivo LGBTQ+UFJF-GV. Conteúdo: Organização

Reuniões	Ações
<i>[...] Mas, geralmente a gente fazia uma reunião e aí nessa reunião a gente estipulava algumas coisas para até a próxima reunião. A gente já deixava assim mais ou menos, não necessariamente um dia específico marcado, havia que daí há duas semanas ou se tivesse necessidade na semana seguinte. Ou, enfim geralmente eram a cada duas semanas as reuniões, mas nem sempre, às vezes passavam três semanas, porque alguém não podia, chegamos a ficar um mês sem reunião, chegamos a ficar até um pouco mais que isso também, depende do fluxo de ações. [...]</i> (Atenas, 2021)	<i>Não, isso era a maior parte, mas a gente tinha algumas ações também planejadas, né não sobre demanda, como o congresso, como o Cine Diversidade que é um outro projeto nosso que a gente passava um filme ou um documentário, levava alguém que tinha domínio daquela área ali, para falar daquilo, por exemplo, a gente passou um documentário que falava sobre homens gays negros e a solidão da bixa preta sabe? Falando sobre isso e aí a gente foi levou um professor de história que é gay, que é preto para falar sobre isso que estuda sobre isso também. Aí a gente promovia discussões, então assim depende sabe? As nossas ações aumentavam com a demanda, mas a gente sempre mantinha fazendo alguma coisa. (Atenas, 2021)</i>

Fonte: organizado pelos autores.

Prosseguimos na ênfase sobre a universidade e a construção do coletivo. Em termos mais profundos o coletivo torna-se algo por demandas, ou seja, os integrantes usam de necessidades para construir suas agendas, tornando espaços simbólicos de lutas e de aproximação entre eles.

Portanto, o coletivo surgiu como uma expressão amplamente de urgência, refletiu sobre os espaços híbridos de socialização e por fim da construção de agendas por demandas por lutas simbólicas e de aproximação em uma universidade pautada por marcadores sociais da diferença. Os *networkings* tomam força e é necessário abriremos a caixa das relações, caixa como uma lupa em que possui a capacidade de criar imagens virtuais ampliadas. Hora de abriremos a próxima caixa.

Quadro 5: Caixa Nº 4: Coletivo LGBTQ+UFJF-GV. Conteúdo: Relações

Relação com o IFMSA	Relação com os professores	Relação com o Movimento Estudantil	Relação com a Atlética
<i>É porque o que aconteceu, a gente fez uma parceria com a IFMSA Brazil UFJF-GV. Quem é a IFMSA? É uma associação internacional de estudantes de medicina, e aí a IFMSA daqui UFJF- GV tem um comitê de diversidade sexual e aí a galera né,</i>	<i>Os professores foram muito importantes, primeiro para o surgimento do coletivo né? Sem eles eu não sei se teríamos um coletivo LGBT aqui hoje, pode ser que sim né, criado de outra forma, mas, então foi graças a eles. Então no primeiro momento eles foram</i>	<i>[...] O Hermes já foi do DCE, quando o Hermes era do DCE a gente conseguiu ter uma aproximação maior com o diretório né? Com o Movimento Estudantil porque a gente tinha alguém que participava das duas coisas, aí acabou que mais pessoas do DCE</i>	<i>Ela está com essa camisa que é de uma atlética que a gente fundou também então tem o coletivo que é algo mais interno dentro da universidade e extramuros, fora da universidade temos a atlética que é uma organização voltada para a comunidade</i>

e os estudantes que são desse comitê da IFMSA é foram parceiros nossos, então teve muita gente do coletivo, muita gente da IFMSA tanto que nós disponibilizamos 2 (dois) certificado: o da UFJF e o da IFMSA que é um certificado internacional e foi muito massa. [...] (Atenas, 2021)	cruciais e depois eles foram também importantes para algumas ações, porque a gente precisa registrar aquele evento que vai acontecer, muitos alunos eles acabam atraídos pelo certificado também. [...] (Atenas, 2021)	também entraram no coletivo e o contrário também. Então assim, quando ele saiu a gente continuou tendo mesmo vínculo né? Porque esse vínculo já tinha sido criado, então a gente tem muita coisa que a gente consegue pelo DCE e tem muita coisa que é na cara e coragem [...] (Atenas, 2021)	LGBT também, mas que atua de uma forma geral, não só dentro da universidade, mas para tentar mudar a realidade do cenário da sociedade valadarense, que é a cidade que a gente está inserido. [...] (Hermes, 2021)
---	--	---	--

Fonte: organizado pelos autores.

Como uma lupa os raios convergem para um único ponto o de que o Coletivo LGBTQ+ UFJF-GV não é um movimento isolado e sim formado por várias relações. Neste território – a universidade o coletivo necessita de instituições formais para a organização, caracterização, validação ou constituição de alguma atividade. Mas, somente a relação com a universidade não garante o alcance dessas demandas necessitando passar pela mediação de instituições e agentes formais até chegarem ao extramuros.

É fim de um dia e ao jogar água para as flores, vejo o reflexo de um arco-íris e nas gotas fixas em cada botão de rosa, vejo as cores, vejo as sensações de estarem no coletivo, nas atividades e nas relações com outros movimentos. É hora de abirmos a última caixa desta primeira parte do inventário.

Quadro 6: Caixa Nº 5: Coletivo LGBTQ+UFJF-GV. Conteúdo: Sensações

Relação de amizade	Combustíveis renováveis	Impacto nas futuras profissões	Protagonismo
Eu acho que o coletivo ele proporcionou, tipo assim pelo menos eu, é que a gente tenha essa relação de amizade sabe? Eu acho que foi assim, se não tivesse coletivo provavelmente eu não ia conhecer a Atenas e o Hermes então é claro que a nossa relação foi para fora do coletivo, para fora das reuniões relacionadas ao congresso. E é isso assim. Igual a Atenas	[...] Eu acho que elas são combustíveis, eu considero combustíveis renovável para continuar fazendo o que a gente faz. Como a Atenas falou e a Atenas bem pontuou, que é estressante no dia que a gente está desenvolvendo, é estressante ali naquela hora, a gente desgasta e tal. Mas no final a gratificação, a sensação, a emoção de ver tudo realizado, a emoção de ter um congresso realizado, de ver a TV Globo né indo lá no nosso	[...] E assim é um sentimento de realização não só realização pessoal, mas é em saber também que isso ali pode impactar a minha carreira depois sabe? Porque isso ali pode me abrir portas também, por exemplo, os dois congressos a gente teve uma gama de pessoas que, às vezes, não foram ao congresso, mas ficaram sabendo de tudo que aconteceu sabe? [...] hoje eu tou no projeto que chama 'Projeto Saúde para Todes' que a gente	[...] eu também penso em protagonismo, não tem como pensar em coletivo sem pensar em protagonismo né? E ainda mais agora né, no formato que nós estamos hoje, por exemplo sem ... a gente tem os professores que são ... se a gente recorrer eles vão nos ajudar a gente sabe disso, mas, o protagonismo é inteiramente nosso né, é a gente que está indo para cima, é a

falou assim, no ambiente lá a gente estava brigando quase se matando lá para o congresso sair, aí depois aqui “Vamos beber”. Era tipo isso entendeu? (Ártemis, 2021)	congresso e entrevistar um dos nossos palestrantes mostrando isso para uma cidade extremamente conservadora, que existem um grupo de pessoas discutindo sobre gênero e sexualidade, que existem pessoas buscando essa desconstrução, já é um grande passo para nós. [...] (Hermes, 2021)	tá buscando estratégias para poder orientar melhor os profissionais de saúde aqui da cidade sobre pessoas trans né? Uso de nome social, pronomes, condutas, o que que aquela pessoa tem direito, etc, etc. E eu tenho certeza que eu entrei nesse projeto, porque eu tenho essa bagagem entendi? [...] (Atenas, 2021)	gente que propõe, então quando a gente propõe um congresso, quando a gente propõe uma ação a gente já chega com a ação praticamente pronta para o professor [...] (Hermes, 2021)
--	--	---	--

Fonte: organizado pelos autores.

Retirei deste primeiro, todos os recursos e bens a fim de o avultado inventário. Tomamos que os integrantes estabelecem vínculos afetivos e a universidade torna-se um local de sociação. Além de uma causa específica para a origem do coletivo temos dimensões afetivas que unem e explicam o movimento identitário – o movimento do mundo MIX. Além das caixas a fim de a partilhar temos a documentação fotográfica e lembranças do Coletivo LGBTQ+ UFJF-GV. Segue:

Quadro 7: Documentação Fotográfica do coletivo LGBTQ+UFJF-GV

Imagem 3: Postagem no Instagram do Coletivo LGBTQ UFJF-GV



Legenda: Link para inscrição na bio!

O evento ocorrerá no Núcleo de Prática Jurídica da UFJF-GV às 18:30h.

(R. Leonardo Cristino, 3400 - Centro) 🍷🍷 Vai rolar pipoca 🍷🍷 Marque o @ do seu amigo para assistir o filme conosco! Ainda vamos contar com uma roda de conversa com a professora Doutora @NaraCarv_insta. O evento vale horas! Vagas limitadas se inscreva se realmente for ao evento!

Fonte: <https://www.instagram.com/p/BwA-c-clIxb/> (2021)

Imagem 4: Postagem no Instagram do Coletivo LGBTQ UFJF-GV



Legenda: Campanha #ZeroDiscriminação em parceria com a @quintauniversitariagy e @soulrockoficial

Fonte: https://www.instagram.com/p/Bv3xDlgFz8X/?utm_medium=copy_link (2021)

Imagem 5: Postagem do Instagram do Congresso de Gênero e Sexualidade



Legenda: Um pouco do que foi o 1º dia do II Congresso de Gênero e Sexualidade! Nós estamos amando muito e agradecemos a todos pelo carinho e apoio ao nosso evento! 🌈❤️😊 Prepara que hoje tem mais!

Fotos: @caianasfotos 📷

Fonte: <https://www.instagram.com/p/B317wieh6qM/?igshid=1glhqm5sblazm> (2021)

Fonte: elaborado pelos autores.

2º Baú – Coletivo Agroecológico Lourenciano

Quadro 8: Logo do Coletivo Agroecológico Lourenciano e da FURG



Fonte: < <https://www.instagram.com/cal.agroeco/> > e < <https://www.furg.br/> >

O segundo baú é uma caixa de madeira na cor azul-marinho com as alças e fechaduras douradas, cravejado de imagens de ostras, estrelas-do-mar e peixes. Objetos guardados de uma

viagem em alto mar que são postos e listados neste inventário. O tempo está magnífico com o céu azul e calmo. É hora de abrir e vermos os bens a partilhar.

Segundo a lenda, as estrelas-do-mar estavam no céu e foram hipnotizados pelos animais marítimos e hoje estão enfeitando o oceano. Com as suas 5 (cinco) pontas remetem a 5 (cinco) viagens feitas e a sua capacidade de regenerar faz alusão a origem do Coletivo Agroecológico Lourenciano.

Quadro 9: Caixa Nº 1: Coletivo Agroecológico Lourenciano. Conteúdo: Origem

Um encontro	Uma energia	As primeiras reuniões
<i>[...] Foi no evento agroecologia em 2016 ainda não tinha informados ... estavam engajando ainda o processo aqui na cidade e a gente teve um encontro que foi o ERGA lá em ... É o Encontro Regional de Grupos de Agroecologia que foi feito lá em Florianópolis e aí saiu um ônibus daqui com os estudantes de agroecologia. [...] Então e aí no momento onde não tinha mais eventos que todo mundo se reuniu ali no nosso acampamento, no nosso núcleo, chegou a perguntar-se todos se animariam de construir um movimento, de construir um coletivo, se todos estavam com essa vontade. E no coletivo ali todos decidiram que sim, que seria interessante da gente iniciar esse processo em São Lourenço do Sul. [...] (Urano, 2021)</i>	<i>[...] E foi muito massa, porque logo depois que o pessoal chegou do evento lá de Florianópolis, eles estavam num gás. Porque eu infelizmente eu não pude ir no evento em Florianópolis. Mas eles chegaram com um gás, uma vontade, uma força de construir o coletivo que foi incrível. E aí a partir disso a gente fazia as reuniões dentro da Universidade e foi quando a gente começou a ter uma visibilidade né, pelos professores que até confundiam o coletivo como um Centro Acadêmico, né? A gente não tinha Centro Acadêmico eram pouquíssimos estudantes da agroecologia e a gente começou a partir do Coletivo ter uma representação né? Os alunos começaram a ser vistos e ouvidos isso foi incrível. Incrível! (Gaia, 2021)</i>	<i>[...] Nas primeiras reuniões a gente não entendia como que seria esse grupo: Seria um Centro Acadêmico? Seria um movimento? Seria uma ONG? Seria, sabe várias possibilidades? A gente teve essas reuniões para saber: “Qual a identidade que a gente queria? Qual que é a liberdade?” Se fosse um CA teríamos certas obrigações e certas responsabilidades e certos limites. Se fosse uma ONG, se fosse uma associação, se fosse uma cooperativa, se fosse ... teriam outras. E aí depois de vários debates e várias reuniões a gente decidiu que fosse o coletivo o movimento mais aberto assim, né? A gente tem flexibilidade para agir da forma como a gente teria e foi depois de algumas reuniões. Justamente deste gás que a Gaia disse, né? [...] (Urano, 2021)</i>

Fonte: organizado pelos autores.

Assim o brilho dessa estrela, o brilho da origem e a noção tal como pensada pelo CAL de uma necessidade de auto-organização, de uma representatividade dentro e fora da universidade torna-se o estopim. Torna-se local de energia, de força e de vitalidade na constituição de um coletivo. É preciso considerar que, embora a construção do coletivo venha de uma necessidade de auto-organização, eles são submetidos a escolha de valores e modelos de movimentos distintos para a constituição de seu movimento dentro de um ambiente – a universidade.

É hora de revirmos um pouco mais o baú. A segunda caixa remete a uma concha com seu labirinto espiral que amplifica os sons e neste caso as imagens, as formas de atuação e as

atividades. Coloco no ouvido e consigo escutar o som do mar e ao fundo o som dos jovens lourencianos.

Quadro 10: Caixa Nº 2: Coletivo Agroecológico Lourenciano. Conteúdo: Formas De Atuação/Atividades.

Atividade com o Comitê	PANCPOP	Pré-ERGA
[...] E participando do comitê foi diferente, porque esse comitê várias outras entidades fazem parte, né? Outras pessoas físicas também que também já são pessoas públicas na cidade, né? E geralmente têm uma forma diferente de organização que não é de alto gestão, né? Então, foi bem legal assim esse processo inicial de participar do comitê, porque o comitê ele foi criado para ter soluções de curto e médio e longo prazo. Então a curto prazo a gente conseguiu um financiamento. Agora não lembro com quem foi. Para arrecadar cestas para as pessoas, né? E a médio e longo prazo o pessoal do coletivo iria trabalhar para construção de hortas com essas mesmas pessoas que estavam recebendo as cestas, né? No caso a gente tava trabalhando com os pescadores, que são uma comunidade muito forte aqui na região, né? [...] (Deméter, 2021)	[...] É o que eu ia falar e que vale ressaltar também, que toda essa temática de PANC e de plantas alimentícias convencionais aqui na Universidade ela veio muito através do coletivo, né? Porque o que que acontecia quando a gente tinha alguma atividade ou então em semana de acolhida de estudantes, o coletivo trazia esses alimentos, né? E mostrava para as pessoas o que que eram as PANCs e isso acabou com que a gente participasse ... Eu não estava no coletivo nessa época, mas vou falar a gente. Que a gente participasse em Semana de Alimento Orgânico na feira, né? E através de toda essa iniciativa que uma das nossas professoras que é botânica, né? Ela sempre se apropriou. Não. Ela se aproximou das PANCs e hoje ela criou/construiu junto com toda essa galera esse projeto que é nacional agora, né? Conhecido nacionalmente como PANCPOP. [...] (Deméter, 2021)	[...] e aí a gente teve esse reconhecimento de poder construir um pré encontro Regional de Grupo de Agroecologia do ano seguinte, né Urano? Foi em 2017? E aí foi muito massa, porque a gente desenvolveu várias atividades numa escola de uma senhora que trabalha com plantas medicinais e ela se apaixonou pelo coletivo. Ela é uma das pessoas que mais comenta sobre o Coletivo, que conta da nossa história. [...] (Gaia, 2021)

Fonte: organizado pelos autores.

A ideia de atividades presente é constituída pela articulação, pela ideia de comunidade fundada na liberdade, igualdade, autogestão e pela ideia de poder popularizar as temáticas e identidades presentes no coletivo. As atividades estão pautadas no aqui e no agora, mas também em uma relação à comunidade vulnerável como no caso os pescadores e os catadores.

Na terceira caixa remete ao azul da caixa em que simboliza a água do mar, suas ondas e seus sons. Água é fonte de vida, fertilidade e purificação. (Re)vejo o reflexo do momento em que me contaram sobre a organização do Coletivo. Este mar tranquilo e calmo mostra que:

Quadro 11: Caixa Nº 3: Coletivo Agroecológico Lourenciano. Conteúdo: Organização

Por demandas ...	Agroecologia é rede ...	Com quem aparece ...
------------------	-------------------------	----------------------

A gente funciona muito pela demanda assim, né? Mas, agora com a pandemia tá totalmente parado tudo assim. [...] Aí a gente tá meio assim, meio parado, funcionando quando alguém chama a gente, né? E a gente até fala: “Há, quem inventa aguenta”. Então o Alan me mandou mensagem lá no Instagram, eu encaminhei para o grupo do Coletivo e quem respondeu tá aqui. Quem não respondeu infelizmente não né, não demonstrou interesse e não veio mesmo. [...] (Gaia, 2021)	[...] Então eu acho que quando a gente pega uma demanda para fazer, pelo menos no coletivo, a gente pega a demanda de fazer as hortas, por exemplo. Mas, a gente não quer fazer só as hortas, a gente quer conhecer as pessoas, a gente quer saber quais são os cenários sociais que elas estão envolvidas, como é o nome dos vizinhos dela, se ela tem algum problema de saúde. Aí a gente também quer fazer, por exemplo, um banco de sementes, para poder dar para essas pessoas, para elas alimentares suas hortas, a gente quer fazer um viveiro de mudas. Então assim as demandas acabam surgindo e a gente trabalha muito com a questão das redes assim né de conexão. Porque agroecologia ela trabalha com território, porque você tem que olhar para dentro do seu território, a maioria das vezes a solução tá dentro do território, mas ela também se conecta muito com os outros territórios, né? [...] (Deméter, 2021)	É bem isso essa preocupação. É a gente trabalha com quem aparece. Né? Se a gente precisasse de mais dois e tem só dois aqui, a gente trabalha com esses dois e o trabalho vai ser dobrado. Sabe? Não tem essa. A gente cansa de puxar: “Não, vamos participar!”, “Vamos junto!”, mas a gente não pode obrigar as pessoas a fazer o que elas não querem, né? Então a gente trabalha com as pessoas que estão afim, que nem o que está acontecendo hoje, né? Participa quem quer. E é isso! Não dá para ficar puxando as pessoas, porque uma hora cansa, né? Não dá pra ficar falando, falando, falando e não ser ouvido. É basicamente isso assim, a gente faz aquilo que a gente pode com quem a gente tem e com quem quer. (Gaia, 2021)
--	--	---

Fonte: organizado pelos autores.

Superficialmente indica-nos: as demandas, as redes e desenvolvem as atividades com quem aparece para participar. Todavia, o que se nos afigura é uma perspectiva de estar próximo, de estar junto e criarem suas ligações. A articulação do coletivo na universidade e fora dela tende a nos oferecer a visibilidade das ações, pois o coletivo assume explícito e publicamente tal articulação como algo não definido internamente.

Como um farol a iluminar o caminho do navio em alto mar, temos que na quarta caixa representa um farol. Farol que os navios utilizam para guiar-se, neste momento utilizo desta metáfora para entender e colocar neste inventário a relação do coletivo com outros movimentos.

Quadro 12: Caixa Nº 4: Coletivo Agroecológico Lourenciano. Conteúdo: Relações

Universidade pequena	Participaram do Movimento Estudantil	Trabalho com o Comitê de Segurança Alimentar
É. Isso é uma coisa positiva do campus ser pequeno, né? A gente realmente tem uma relação muito boa com todo	Movimento estudantil ... eu acho que todo mundo aqui já fez parte do CA, né? Eu e o Urano a gente fez parte	[...] Que nem agora na pandemia nós como Coletivo, pelo menos no ano passado, no final do ano passado. Acho que inteiro, né? No meio para o final a gente trabalha com

<i>mundo assim, né? Então professor ele não é só um professor ele também é seu amigo, a gente às vezes da rolê junto também. Então é isso assim, sabe? A gente sabe que embora o Coletivo não tenha essa função institucional, né? Se a gente tiver alguma questão, alguma coisa assim a gente pode chegar no professor se tiver alguma dúvida, ou enfim se quiser uma parceria, uma ajuda para alguma coisa, né? E eu vejo a relação assim com os técnicos também bem parecida e com os outros estudantes eu não sei. Eu vejo como algo normal assim, sabe? [...] (Deméter, 2021)</i>	<i>de uma chapa a Deméter também e o Hélios participou de uma outra chapa depois. Mas, atualmente movimento estudantil mesmo eu faço parte só do coletivo. (Gaia, 2021)</i>	<i>o Comitê de Segurança Alimentar aqui da cidade, trabalhando na produção de hortas urbanas. Então tá ajudando na logística de entrega de cestas, também separamos em duplas para poder ajudar algumas famílias daqui a começar uma horta urbana, né? A ideia era voltar agora depois da pandemia. Eu não sei se o povo chegou a falar isso aqui já. Já falaram? Ainda não. Massa! Mas era só para não ficar repetitivo. A ideia era de voltar os trabalhos depois da pandemia, mas acabou que voltou em partes, assim as meninas é como a Gaia disse: “Algumas pessoas continuam trabalhando”. A Gaia é a Gaia (não é apresentando o apelido da Gaia para não identificação da mesma). Continuam trabalhando ativamente, né? Que nem a Deméter e a Gaia que estão ali no comitê que tão recrutando outras entidades também, mas a marca do Coletivo é agora com as mensagens da Gaia tá voltando à ativa. (risos) (Urano, 2021)</i>
---	--	--

Fonte: organizado pelos autores.

Quanto mais procuramos o farol buscamos examinar o léxico empregado por eles. Esse léxico é marcado por termos como universidade pequena; participaram do Movimento Estudantil; entidade e produção de hortas. Percebe-se que a uma extensão da universidade para a comunidade e que a participação destes jovens nos coletivos vem de participação em outros movimentos anteriores.

O baú encontra-se pesado. Tem algo aqui. Procuo entre tantas coisas que trago dessa viagem e vejo uma âncora. Acredita? Âncora que no arquétipo remete a estabilidade e mantém nos firmes em alto mar. Foi o que me fez mergulhar nas sensações e na subjetividade.

Quadro 13: Caixa Nº 5: Coletivo Agroecológico Lourenciano. Conteúdo: Sensações

Um amor	Amizade	Medo	Pertencimento
<i>Isso é um amor inexplicável, né? Somos uns amigos que se amam muito e a gente se encontra sempre que a gente pode, sempre que a gente consegue. É bem o que a Ju falou a gente quer tá junto, né? Independente pro que seja fazer se tá todo mundo junto vamos fazer, né? A Deméter falou pode ser uma coisa que a gente não goste, mas a gente vai tá junto: “Então vamos”. É muito</i>	<i>Eu acho que o que mais me marcou assim foi as nossas conversas, né? É isso que eu quero levar para nossa vida. Tudo a gente conseguia resolver na conversa, né? A gente não brigava, não tretava entre nós. Né tinha aquele estranhamento, mas que era logo resolvido por uma conversa</i>	<i>[...]No começo para mim as situações difíceis era se reunir e eu tinha medo da reação das pessoas de ser essa coisa violenta. Eu acho que é uma coisa covarde minha mesma do medo da discussão das pessoas não conseguirem acalmar o coraçãozinho entender o espaço do outro. E no coletivo é</i>	<i>Ah! Eu posso dizer por mim assim que é de pertencimento assim. Sabe? Tipo quando eu entrei na Universidade eu tinha muita pouca ideia do que que era agroecologia. Se era aquilo que eu realmente queria fazer. Tipo eu tinha 17 anos, né? Então sai do médio e fui direto para a Universidade e</i>

amor assim. A agroecologia trabalha muito com a morosidade, né? É difícil a gente ter um outro tipo de relação a não ser esse. (Gaia, 2021)	amorosa, né? A gente é amigo, a gente não pode se deixar abater por conta de brigas dentro do coletivo, né? As nossas relações elas vão além do Coletivo então essa é um aprendizado que eu vou levar para vida, né? Conversa. Tá com alguma intriga, algum estranhamento. Para, senta na frente dessa pessoa e troca uma ideia. Ali as coisas vão se resolver. (Gaia, 2021)	diferente: As reuniões é a que menos me cansa e que menos tem um problema típica. O ambiente que o coletivo proporciona para eu me expor e enfim ter respaldo a crítica dos meus amigos. Até a crítica é uma crítica diferente. Quer dizer não sei se é uma crítica diferente, mas é uma crítica que tem o cuidado de não me ferir e me ajudar a crescer, sabe? [...] (Urano, 2021)	quando eu conheci o Coletivo eu me senti pertencente alguma coisa. Sabe? Eu sempre tive muito o padrão (sinaliza gestualmente aspas a referir ao padrão) de trabalho com o coletivo. Eu nunca consegui e não nunca quis e nunca gostei de fazer nada sozinha assim. Sabe? Então essa sensação de pertencimento de que eu não estou sozinha e de construção coletiva para mim é fundamental. Sabe? [...] (Deméter, 2021)
---	--	---	---

Fonte: organizado pelos autores.

Os coletivos são espaços emocionais. A experiência da emoção através do espaço e da fluidez do corpo associado na coletividade com outros corpos torna-se e vincula-se a linguagem como construção para a práxis. Há um prazer inexplicável pelos sujeitos em estarem associados em comunicações, ligações e conexões. Fecho o baú do CAL. Gostaria muito de mostrar tanta coisa nesse inventário, mas coloco sobre a mesa o essencial neste momento e acrescento agora fotos e vídeos. Lembre-se ainda temos três baús para organizarmos. Vamos Lá!

Quadro 14: Documentação Fotográfica e de Vídeo do Coletivo Agroecológico Lourenciano

Imagem 6: Postagem no Facebook do Coletivo Agroecológico Lourenciano



Legenda: Estamos prontos pra trip! Vem ENNEA, vem ENGA, Vem CBA!

Fonte:

<https://m.facebook.com/photo.php?fbid=340453456378160&id=100012405246685&set=pb.100012405246685.-2207520000..&source=42> (2021)

Figura 4: QR Code da Página do Facebook do coletivo Agroecológico Lourenciano



3º Baú – Coletivo de Estudantes Quilombolas

Quadro 15: Logo do Coletivo de Estudantes Quilombola e da UFOPA



Pego entres os 3 (três) restantes um baú de madeira dourada e bem rústico, mas com alguns detalhes em ouro. Toco-o e sinto algo em alto-relevo. Posso sentir a figura de um tambor. Recordo agora que neste baú há a intenção de guardar algumas caixas do meu encontro com o CEQ. Hora de abrir! Como um tambor e sem saber tocar este instrumento, toco-o e escuto os sons dos jovens quilombolas comentando sobre a origem do coletivo.

Quadro 16: Caixa Nº 1: Coletivo de Estudantes Quilombolas. Conteúdo: Origem

No corredor ...	Reconhecer o outro quilombola ...
[..]E daí eu fiquei bastante frustrado e aí eu encontrei pelos corredores outros estudantes quilombolas o Apolo, vários eu não vou lembrar agora. E a gente começou a reunir na Federação e a partir disso surgiu essa ideia de criar o Coletivo para gente se articular melhor na Universidade. Já que a maioria das vezes a gente tava indo na reitoria, né falar com o reitor ou atrás da nossa turma a gente ia junto: 'Ah, é curso de antropologia', não interessava a gente andava a galera mesmo todo mundo se ajudando. Então a partir disso eu acredito o Apolo pode complementar melhor a gente criou o Coletivo que é o CEQ, né? Várias reuniões, escolhemos o nome e aí o Coletivo cresceu muito e todo, na verdade quase 100% dos Estudantes quilombolas que entram na Universidade de Santarém até o momento, até o ano passado essa regra era bastante comum em Santarém, né? [...] (Eros, 2021)	[..]Aí uma hora chegou a dizer assim: 'Ah, a gente tá todo mundo perdido aqui, a gente não sabe quem é os outros quilombolas nossos companheiros. Vamos tentar aproximar essa galera. De que forma? Montando um coletivo, montando uma representação, montando alguma coisa.' A gente nem sabia qual o nome colocaria. Alguma coisa pra chamar a galera e saber quem que é. E a gente reunia realmente na Federação das Organizações Quilombolas de Santarém como o Eros falou ele falou inúmeras às vezes. Eu lembro que quando foi para escolher o nome do CEQ a gente passou uma tarde toda. Uma tarde toda só para escolher o nome. E a Universidade também ela não é um ambiente educacional que vai tratar de forma igualitária: 'Tu que tem que te virar para saber quais são as políticas que tem lá dentro e como fazer para ter acesso.' Então o CEQ surgiu a partir dessas demandas de representar os alunos, de encaminhar demandas para própria Universidade (e) qual que era o nosso interesse. [...] (Apolo, 2021)

Fonte: organizado pelos autores.

A música no candomblé é um meio de se aproximar das divindades e no mesmo ritmo pensamos os significados e desdobramentos da união e da procura do irmão quilombola no ensino universitário. A entrada de novos alunos no Ensino Superior marcados pelos marcadores sociais da diferença intensifica uma universidade mais plural, porém o fato de compartilharem um perfil étnico-racial, fora do elitismo e do branqueamento fortalece a relação para criação de um movimento como o coletivo.

A segunda caixa é como uma guia (colar usado pelas religiões de matriz africanas), utilizados pelos filhos(as) das casas de santo nas sessões e giras. Cada cor para uma entidade e uma linha das religiões de matriz africana, sendo um instrumento religioso que liga o material ao divino. Coloco no pescoço e sinto os jovens falando sobre as formas de atuação e as atividades do coletivo.

Quadro 17: Caixa Nº 2: Coletivo de Estudantes Quilombolas. Conteúdo: Formas de Atuação/ Atividades

União com os irmãos indígenas
[...] Assim como eu falei o único evento grandioso que a gente participa efetivamente são os da Consciência Negra dentro dos quilombos e também dentro da Universidade é feito um evento de três dias. [...] e a gente (problemas no áudio) faz juntamente com os indígenas a recepção dos calouros, né? A gente tava fazendo no ano que eu entrei em 2019 dentro do espaço da Universidade e a gente conversou com as colegas indígenas que é o Diretório Acadêmico Indígena e a gente perceber assim: 'Pô! a Universidade não tá dando tanto apoio para gente então se a gente tem que correr atrás de recurso, então vamos fazer fora.'. E aí a gente foi para uma escola da floresta e o nome é escola da

floresta e fica realmente dentro da floresta. E a gente levou esses alunos para lá e passamos dois dias com eles lá, fizemos várias atividades, falamos do Coletivo (e) trouxemos as lideranças para dentro desse ambiente de acolhimento, para fazer com que eles percebam que eles estão entrando na Universidade, mas não tá tudo bonito não. Que a gente ... (problemas no áudio) tem muita dificuldade que a gente precisa dessa força, né? Assim como a gente tava junto lá, a gente precisa que eles se aproximem possa estar junto né com a gente para somar força. E aí a gente faz tipo uma troca de quem já tá no curso que é veterano e para esse que já tá entrando tipo: 'Olha, eu tivesse essa dificuldade caso tu tenhas', 'Ah! No meu curso é assim', 'O professor ele ajuda as outras já outros menos', 'O outro que é do curso de exatas ele já tem uma dificuldade com cálculo. Ah! Tenho com cálculo, mas talvez tu não tem eu posso te ajudar aqui. Tem que procurar essas pessoas.' E aí esse era um evento muito, muito, muito legal de fazer, porque a gente tava voltando das férias, a gente tava se reencontrando com os colegas e era trabalho mesmo, trabalho de virar a noite fazendo as coisas, sabe? Vindo nos quilombos pegando o material. [...] (Themis, 2021)

Fonte: organizado pelos autores.

A guia une duas pontas a primeira ponta composta pelos indígenas e os quilombolas, dois povos marcados pelas desigualdades e lutas, pela conectividade dos conflitos dentro e fora da universidade acende uma luz de união. Na outra ponta, as instituições formais como mecanismo de fortalecimento e o papel de pressionar o poder público para apoiar as demandas dos quilombolas e dos indígenas. No entanto, isso não significa abrir mão de aliados, especialmente nas lutas e atividades.

Na companhia do som de um Agogô formado por 5 (cinco) sinos usado no candomblé para Orixá Ogum recorremos para o inventário e para a terceira caixa. Ogum é um orixá guerreiro que é cultuado no candomblé pela sua coragem e força e é o orixá que abre os caminhos da organização do coletivo.

Quadro 18: Caixa Nº 3: Coletivo de Estudantes Quilombolas. Conteúdo: Organização

Múltiplas Coordenações	Trabalho de formiguinha	Criação do estatuto
<i>[...] Na verdade, quando eu e os demais estão aqui e outras pessoas que fazem parte da coordenação e a gente resolveu assumir logo depois do Hades, a gente decidiu não fazer uma coordenação com cinco, seis pessoas. Então a gente já deu um novo olhar assim para o que é uma coordenação de estudante quilombola. Então envolvendo vários outros estudantes quilombolas também para eles terem uma função dentro do coletivo, seja do esporte, da cultura, enfim várias outras coisas. E não só aquele padrão de como se fosse uma secretaria enfim. [...] (Eros, 2021)</i>	<i>[...] Sim e aí tem as coordenações de eventos, cultura (e) lazer, porque eu acredito que dentro de toda essa grandiosidade de alunos que é até mais de 350 alunos, a gente precisa sim, tem muitos trabalhos, né? Só que eu acredito que a gente precisa ter essa liderança para que a gente possa tá chamando esses colegas, tá fazendo esse trabalho de formiguinha. [...] (Themis, 2021)</i>	<i>É importante colocar que a gente tá em um processo também de organização do estatuto, né? [...] Só que em algumas questões que a gente ainda tá trabalhando, tá reunindo e desde a pandemia deu uma freada. É aquele momento de votação de alguma coisa, aquele momento de, sabe? Então a gente tá trabalhando na melhor forma possível de estabelecer, né determinadas ... até onde a pessoa pode participar efetivamente do coletivo, até onde ela pode votar. Enfim é uma coisa que ainda está amadurecendo. (Eros, 2021)</i>

Fonte: organizado pelos autores.

Os filhos de Ogum são líderes, corajosos, impulsivos e destemidos. Estes filhos se organizam dentro da universidade ainda com resquícios de movimento estudantil, pois sentem necessidades de um diálogo institucional para o reconhecimento de direitos e na elaboração de políticas públicas dirigidas aos grupos quilombolas. Nessa perspectiva, a universidade sinaliza que os movimentos e os coletivos busquem uma institucionalização e mecanismo formais de comunicação.

A próxima caixa remete ao calor de algumas velas coloridas para os orixás. O fogo consome a vela que escorre pelas laterais remetendo sobre as relações do coletivo com outros movimentos. De um lado quente, de outro a federação, os professores e o movimento estudantil.

Quadro 19: Caixa Nº 4: Coletivo de Estudantes Quilombolas. Conteúdo: Relações

Aliança coma federação	Papel de um professor negro	Relação com o DCE
<i>[...] O Eros tava falando de Federação e a Federação ela representa as dozes Comunidades Quilombolas de Santarém. Então a gente ter o apoio dessas lideranças para tá ali aliando. Aliando como é que se diz, discursos, debates e tendo o apoio deles dentro do Coletivo e também fazendo essa ponte entre Universidade e os próprios Quilombos, porque tinha muita coisa que ficavam à margem da liderança. [...] (Themis, 2021)</i>	<i>Eu acho que também é importante destacar o papel importante de um professor que desde o início apoia a gente que é o professor Luiz Fernando França. Ele é um professor negro e ele é do curso de Letras e ele inclusive ele tá dentro do grupo do nosso WhatsApp. E ele tem dado um apoio muito grande, ele tem projetos dentro da Universidade que é voltado para atender a população quilombola. É o cursinho quilombola que é uma preparação anterior ao ingresso desses alunos na Universidade, então muitos alunos que acabam conseguindo ser aprovado de certa forma passaram lá pelo cursinho. Eu fui uma. [...] (Themis, 2021)</i>	<i>[...] Ter o Diretório Central dos Estudantes e que a gente consegue ali uma relação porque também quem representa esse diretório tá dentro do CONSUN falar como representante discente. Inclusive eles também nos dão um apoio sempre que a gente solicita, sabe? Até apoio financeiro; a gente recebeu uma doação de 6 (seis) resma de folha ultimamente para de alguma forma dá apoio para os alunos imprimir apostila. Porque essas aulas virtuais aí acaba sobrecarregando a gente ninguém consegue estudar no computador (e) muito menos pelo celular a qualidade é muito ruim. Então é isso a gente sempre tá ali em conjunto construindo e brigando. A gente se desentende, mas na hora que a gente percebe que as nossas causas são as mesmas, a gente se reúne e vai para a reivindicação digamos assim. (Themis, 2021)</i>

Fonte: organizado pelos autores.

A ponta do pavio brilha nas cores azul, vermelho e laranja, ligando o mundo material com o mundo espiritual. Sendo assim, essas instituições desempenham um papel intermediário e facilitador na aliança com o CEQ. Portanto, são entendidos não apenas como canais de participação nos assuntos da comunidade quilombola, mas também como meios de reorganização interna do próprio movimento.

Por fim, a última caixa tem algo de emoção de sensações e nelas vejo os orixás dentre elas o Oxalá, que é o orixá da vida, da criação do mundo e dos seres humanos. A próxima imagem é a do guerreiro Ogum e, por fim, a imagem de Xangô o deus da justiça e da sabedoria, que me remete a imagem do pertencimento ao coletivo.

Quadro 20: Caixa Nº 5: Coletivo de Estudantes Quilombolas. Conteúdo: Sensações

Aprendizagem	Amizade	Lidar com as pessoas	Deixar uma marca	Resistência
[...] Então quando vem essas críticas é muito bom e tá em contato com os indígenas aprendendo com eles, participando do ritual deles, a gente também tá aprendendo muito, porque eles tenham um contato com a terra e a gente também tem muito essa troca. A gente sempre coloca ‘Nós’ a gente geralmente se fala muito, né: ‘Nós indígenas e quilombolas’ a gente fala geralmente assim. [...] (Themis, 2021)	Mas, é uma relação muito boa assim e eu acho muito até engraçado, as vezes no CEQ tem gente que diz assim: ‘Eu não gosto muito de fulano’ ... fulano dentro do coletivo aí se a gente se distanciar um pouco e olhar aquela relação a pessoa tá ali brincando, merendando junto, rindo, sabe? [...] É aniversário surpresa: ‘Meu Deus!’, só não fizeram para mim porque o meu eu tive a infelicidade de ser em julho. [...] (Eros, 2021)	[...] E a gente aprende ao longo do movimento, principalmente do Movimento Estudantil – do coletivo muitas formas de lidar com as pessoas e também se importar com as outras pessoas, porque não basta apenas você ter uma dificuldade de saber de uma dificuldade do outro colega, sem ajudá-lo ou tentar ajudá-lo, para que possa melhorar. E nossa! Eu aprendi muita coisa. Muita coisa! Trabalhar em equipe, ajudar um ao outro. (Apolo, 2021)	[...] um problema de grade que por isso ainda não me formei, mas mesmo estando no finalzinho ali eu entendi a necessidade de colaborar: ‘Na onde que eu acho que vai fazer diferença? Não. Mas de colaborar, de você está ali. Igual hoje nessa reunião aqui então de tá interessado.’ Então eu sentia necessidade de estudante quilombola de deixar uma marca enquanto quilombola Peafú aqui da cidade de Monte Alegre, sabe? [...] (Eros, 2021)	E eu acho que é resistência porque mesmo quando a gente entra ou sai independente do movimento, a gente precisa resistir muito, né? A gente precisa resistir por ser mulher, por ser LGBT, por ser negro, por ser ... enfim até por vestir uma roupa a gente às vezes muitas das vezes precisa resistir. A gente é muito julgado e talvez isso é o que faz com que a gente sofra tanto nessa diferença, né? E enfim é isso. (Themis, 2021)

Fonte: organizado pelos autores.

O pertencimento, a sensibilidade, o “nós” comunitário e a resistência articulam o nó de um ideal presente nas comunidades quilombolas. Desses traços ressalta que o quilombo é uma comunidade e espaço de interação de um com o outro. Existem características que são reexperimentadas no coletivo para suavizar as dores e o distanciamento da comunidade dentro de uma universidade.

Quadro 21: Documentação Fotográfica Coletivo de Estudantes Quilombola

Imagem 7: Postagem do Instagram do CEQ



Legenda do Instagram: Na manhã do dia 26 de outubro, a Coordenação do Coletivo de Estudantes Quilombolas (CEQ) reuniu-se com a Federação das Organizações Quilombolas de Santarém (FOQS) para apresentar a Nova Coordenação do Coletivo e falar de assuntos de interesses de ambos bem como firmar parcerias.

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CG0KzqHpVXW/?igshid=199tkqvclzb87> (2021)

Imagem 8: *Recepção dos calouros indígenas e quilombolas*



Fonte: Imagem disponibilizada pela Themis (2021)

Imagem 9: *Sala CEQ*



Fonte: Imagem disponibilizada pela Themis (2021)

Fonte: elaborado pelos autores.

Fecho este baú e recorro cada momento com uma ritualística do candomblé e das religiões africanas. E me despeço do CEQ: O meu muito obrigado. “Axé pra quem é de axé, amém pra quem é de amém”.

4º Baú – Coletivo Todas Putax

Quadro 22: Logo da UFCat



Fonte: < <https://catalao.ufg.br/> >

Estamos quase finalizando este inventário. No quarto baú encontra-se um grande tesouro como os outros. O baú é de cor envelhecida e com folheado de ouro e cravado na tampa as máscaras da Comédia e Tragédia. Penso haver uma relação com algum coletivo artístico. Hora de desvendar o mistério. Abro e encontro cinco caixas como as demais, pego a primeira que como uma máscara de gala com detalhes em lantejoulas e penas danço em um baile ou de outro lado participo de uma apresentação da música Puta. Recordo neste momento do Coletivo Todas Putax e da sua origem.

Quadro 23: Caixa Nº 1: Coletivo Todas Putax. Conteúdo: Origem

Início em um corredor	Todas Putax	Eram do Movimento Estudantil
<i>[...] Como isso começou: estava eu no corredor com a Ângela, uma amiga minha, e a gente queria fazer uma apresentação no sarau de Psicologia. Eu queria muito apresentar uma música que chamada 'Putax da Mulamba'. E eu canto e gosto de declamar, de teatro. E a Ângela gosta do teatro, mas a Ângela não cantava. E aí, a 'mulamba', e essa 'performance' específica da 'puta', ela é falada e ela é cantada. Então, foi 'Ângela, é você e eu, vamos lá, a gente faz isso só no vocal também, se não tiver ninguém, a gente nem precisa de instrumento'... comentando disso no corredor. E aí, a Kaya ouviu a gente conversando sobre isso no corredor e disse: 'Nossa, essa música, eu queria muito apresentar essa música também! O que vocês acham de a gente se apresentar juntas? E eu conheço a Raíssa, a Raíssa toca, vamos chamar a Raíssa.'... E surgiu</i>	<i>Sim, eu, pelo que eu me lembre, o coletivo já existia há algum tempo. A gente já tinha alguns apresentações quando a gente conseguiu nomear, e surgiu o coletivo, e dizer que é assim: 'somos um coletivo de feministas, e aí a gente precisa de um nome'. Por quê? A gente ia nas apresentações e aí eles não conseguiam chamar pela gente, 'Vocês se chamam o quê?', 'O que a gente fala que vocês são?', 'Um coletivo feminista está vindo aí cantar'. Mas o que é isso, não é? Então, a gente teve... eu me lembro de uma reunião, inclusive, que a gente tava discutindo sobre essa nomeação. E aí, a gente chegou nesse consenso de ser 'Todas Putax', acho que talvez pela primeira música que a gente cantou... A música se chamava "Todas Putax", também, se seria dessa... (Hera, 2021)</i>	<i>[...]Está (bem), mas onde eu quero chegar com isso: é que algumas dessas meninas, mulheres, que foram participar, depois, nessa segunda apresentação eram algumas das que já compunham esse movimento. Não todas, mas algumas dessas já compunham, e aí, talvez, eram amigas de outras que se interessaram pelo nosso movimento. Então já tinha uma ligação, e posso dizer que, prioritariamente, se não todas as mulheres que participaram dessa segunda apresentação, elas já tinham um despertar para esses assuntos. (Afrodite, 2021)</i>

basicamente nesse movimento. [...] (Afrodite, 2021)		
--	--	--

Fonte: organizado pelos autores.

Como em uma peça de teatro temos um convite que no coletivo surge meio informal, no corredor de uma universidade e de experiências em outros movimentos, mas estes não respondem as necessidades e a estrutura buscada. E usam de uma máscara, de uma apresentação para gritar sem falar, mas usando o corpo e a teatralidade sobre um patriarcado e autos índices de feminicídio em um estado conservador.

Ao fim da tarde, em uma praça escuto o som de um violino e acompanhado de uma taça de vinho. Abro a segunda caixa deste baú e me recordo das falas das “manas” sobre as formas de atuação e das atividades desenvolvidas pelo coletivo.

Quadro 24: Caixa Nº 2: Coletivo Todas Putax. Conteúdo: Formas de Atuação/ Atividades

Artístico	Estudo	Grito das benzedeiras
Então, aí a gente se uniu e, inicialmente, era uma coisa muito artística, de apresentar, de levar o corpo para o mundo sem muitas discussões, a gente ainda não fazia a roda de conversa, mas a gente trocava experiências, era... o grupo se formava, começava a fusão entre as integrantes, muitas meninas dessas vinte... não sei se foram mais de vinte, se foram quase vinte, mas esse foi um número muito grande. E muitas delas nem participaram depois, outras permaneceram. Então, o nosso grupo foi se constituindo também nesse movimento de permanência, de impermanência, algumas participavam, voltavam, paravam, voltavam depois e aí [...] (Afrodite, 2021)	[...]E aí, por isso essa nossa demanda e essa urgência em estudar teoria feminista, em propor estudos, em fazer roda de conversa, como a gente fez na Calourada de 2020... O 'Festival Clitória' também, para a gente chamar as mulheres, porque não foi só música, foi música, foi interpretações artísticas, mas durante a tarde a gente tinha rodas de conversa, que a gente chamou professores da UFG (UFCAT) para fazer essa roda, nós mesmas também estávamos lá, compondo as rodas de conversa, e trazendo as nossas vivências também... [...] Depois a gente produziu o... um curso online, um curso de extensão online, então a gente estava tentando trilhar outros caminhos para dar mãos para outras mulheres também e... acho que foi uma necessidade nossa. [...] (Hera, 2021)	Quando a Perséfone citou aí que a gente fez 'O Grito Das Benzedeiras', é porque isso é um marco muito importante para nós, que veio a demanda para fazer. E não era uma apresentação, (como as que a) gente sempre fez, de dez, quinze minutos. Não, era um espetáculo, a gente tinha uma hora para fazer isso. Então, não era simplesmente chegar e cantar e 'performar' o que a gente já tinha 'performatado', ou coisas novas do nada. E a gente precisou estudar, adequar a temática, pensar o que são mulheres benzedeiras, a gente está falando de quais mulheres, aí remeteu à história da caça às bruxas e aí a gente (se volta a) um material que a Gabriela produziu no doutorado dela, que foi um material muito pesado, que era depoimentos de mulheres benzedeiras, mulheres de sessenta anos, oitenta, cinquenta anos, contando de... sobre as ervas, o trabalho da Gabriela sobre as ervas. [...] (Afrodite, 2021)

Fonte: organizado pelos autores.

Nesse sentido, iniciam restrito ao círculo artístico na ideia de apresentações e performances. Questão integralmente importante é que a criação coletiva, em sua proposta de dar voz e direito a todas as mulheres, conduziram a expandirem as formas de atuação. Surgem apresentações, rodas de conversas e estudos, porém sempre enraizadas na sua origem o artístico.

É hora de (re)escrevermos a próxima caixa. Nesta, como uma caneta de pena branca pego uma folha grossa, branca, sem saber o que escreverei, escrevo sobre a organização do coletivo nas falas das integrantes. Veja:

Quadro 25: Caixa Nº 3: Coletivo Todas Putax. Conteúdo: Organização

Informalidade	Por demandas	Rede
<i>[...] A gente não precisa dessa organização... como ata, por exemplo. Eu acho que isso tornaria o grupo muito enrijecido, tanto quanto às nossas discussões. E será que a gente transforma o 'Todas Putxs'? Vincula a projeto de extensão? Vincula a projeto de pesquisa? Só que eu acredito que tem seus pontos positivos, tem, mas eu tenho medo dessa institucionalização muito forte do grupo levar a uma cristalização do nosso papel enquanto grupo, da nossa identidade, principalmente da nossa identidade grupal. Então, acho que a organização de ata, por exemplo, até hoje não se fez tão necessária, porque a gente tem outros meios registrar a história, através de vídeo, através de áudio, através de print... (Afrodite, 2021)</i>	<i>Hera: Alguém surge com uma ideia louca e fala: 'gente, vamos fazer um curso de extensão agora'. Perséfone: 'Bora! Quem topa?' Afrodite: É. Hera: É gente com uma ideia muito doida, aqui, 'vamos reunir esses professores para fazer uma discussão sobre o feminismo negro porque é urgente, ninguém está falando sobre isso, vamos jogar esse trem agora, fulano vai fazer o certificado' [interrupção no áudio] e aí a gente... (Coletivo Todas Putax, 2021)</i>	<i>Eu acho que eu entendo o coletivo (como) uma construção em rede, sabe, que você luta por uma causa social, por uma causa plural, que atravessa, de certa forma, todos ali, mas que traz também a individualidade de cada um, traz uma construção de cada um. Então, não é algo que está posto. Assim, eu acho que o melhor sinônimo de 'coletivo' para mim é 'rede'. Então, é o que eu entendo. (Perséfone, 2021)</i>

Fonte: organizado pelos autores.

Acontece que a construção coletiva é eficaz para representar as vozes, ideias e desejos de todos os seus membros. Ou seja, buscam um movimento não hierárquico, preservando a especificidade artística dos participantes e aprofundando a experiência de cada uma na construção de uma rede. É hora de olharmos o palco e para isso utilizo de um binóculo de ouro, vejo as cortinas e a relações com outros movimentos. Hora de abriremos a quarta caixa.

Quadro 26: Caixa Nº 4: Coletivo Todas Putax. Conteúdo: Relações

Resolver coisas burocráticas	Participação como movimento estudantil
<i>[...] Esse outro movimento e o nosso também surgiram desvinculados totalmente. Depois a gente veio a ter algumas parcerias ali, né? Nossa parceira, ajuda a gente com cadastros de coisas que a gente precisa, burocráticas, dá alguns conselhos teóricos, vamos dizer assim, para a</i>	<i>Então, eu já ouvi muita coisa lá dentro, porque, ao mesmo tempo que eu sou do coletivo 'Todas Putxs', eu também participo do movimento estudantil. Então, vocês perguntando aí sobre a questão do movimento estudantil, é sim um movimento estudantil dentro da universidade, tanto é que</i>

<i>gente, algumas direções. Mas, de toda forma, não é algo enrijecido mesmo e a participação dela é bem pontual... (Afrodite, 2021)</i>	<i>sempre quando o DCE precisa tomar alguma decisão, precisa fazer alguma votação ou algo importante, tem uma convocação dos coletivos, das atléticas, e o coletivo 'Todas Putxs' sempre entra na lista. Então, tem sim essa participação no movimento estudantil, e é muito forte na UFCAT; é uma coisa muito boa, que a gente vem conquistando nos últimos anos. (Perséfone, 2021)</i>
---	--

Fonte: organizado pelos autores.

Pisco e vejo, rapidamente, as relações do coletivo com outros movimentos. Antes de chegar à cena, precisam, por exemplo, de pesquisas teóricas e da constante prática artística. Após, esse período e até mesmo entrelaçado com o período anterior, é necessária uma estruturação básica das ações, da validação, da certificação e o apoio de instituições e pessoas ligadas a tais. Alguns professores assumem este momento dentro da universidade, outros inviabilizam a sua participação.

A última caixa deste baú artístico é como um roteiro de teatro. Vimos várias falas, personagens e cenários e um enredo de jovens na construção e nas atividades proposta pelo coletivo. Agora aprofundamos neste inventário as sensações em quatro atos: Temos:

Quadro 27: Caixa Nº 5: Coletivo Todas Putax. Conteúdo: Sensações

Redes de afeto	Pertencimento	Medo	Mexer com as estruturas
<i>[...] acho que eu fiquei, a Afrodite ficou, a Perséfone ficou, e outras tantas 'manas' ficaram, porque tem algo seu ali. A gente está falando de dores, a gente está falando de vivências que são violentas, e estar junto com essas mulheres de algum modo nos fortalece, sabe? E poder compartilhar essas dores com quem também já vivenciou algo parecido, eu acho que é isso o coletivo, então. Então, alguma coisa disso. (Hera, 2021)</i>	<i>Eu quero chorar, eu já chorei muito assim na minha vida, porque... no contexto do coletivo, eu já fui com a minha mala e fiquei lá, [ininteligível] o coletivo era importante para minha vida. E (aconteceram) muitas situações importantes. Para mim, principalmente enquanto mulher, enquanto mulher mesmo, enquanto sujeito, que o coletivo é muito importante. Eu acho que cada apresentação, cada apresentaçõzinha que a gente fez, me marcou, sabe? É como você ler um livro, depois que você lê aquele livro, você (sente que) algo muda em você, você não sabe o quê. Eu acho que o coletivo é isso. Cada encontro, cada apresentação, gente...</i>	<i>Afrodite: Eu sinto medo. Hera: É, eu, fora da universidade, fora da 'bolha', é muito mais a situação. Então, para me posicionar, eu penso muito bem antes de me posicionar, eu reavalio a situação, eu vejo, muitas vezes eu me silencie, fui calada por medo também, mas quando me posiciono, eu estou muito... no momento eu estou muito certa do que eu estou fazendo, do meu posicionamento. Mas, fora da universidade, acho que eu tenho muito mais cautela para me posicionar. (Coletivo Todas Putax, 2021)</i>	<i>Então, acho que você está dizendo é que tem a ver com mexer com as nossas estruturas, todas. E quando você participa de um movimento, seja o movimento feminista, movimento negro, ou qualquer movimento social, que promova, que tenha o objetivo de uma mudança, você vai mexer com alguma coisa. E quando a gente fala de uma estrutura, a gente está nela. Assim, a gente se constrói a partir daquilo. Então, talvez seja muito difícil abrir mão de... do lugar que a gente veio. Talvez do nosso conforto, o</i>

	tem apresentação que eu chorava, apresentação que eu jogava tudo para fora ali, sabe? Então, é isso. É isso. (Hera, 2021)		confortável, sempre. (Hera, 2021)
--	---	--	-----------------------------------

Fonte: organizado pelos autores.

Os atos surgem de um processo criativo que parte do abstrato para o concreto, do subjetivo ao objetivo, do roteiro para a performance e do sorriso ao medo. A universidade torna-se uma bolha que protege, isola de uma sociedade patriarcal e marxista e o medo de enfrentar essas situações fora é imenso, pois a universidade é um local autônomo, hierárquico e moderno com resquícios de embranquecimento, elitismo e patriarcado.

Quadro 28: Documentação Fotográfica do Coletivo Todas Putax

Imagem 10: Postagem do Instagram do coletivo todas putax



Legenda do Instagram: Saudade de uma roda de conversa aconchegada pela sombra da árvore da praça do Setor Universitário né minha filha?

Essa foi a roda de conversa “Feminismo pra quem?” que rolou no “I Festival Clitória: para todes” 🌈

🔥Todas Putas é arte, é acolhimento, é estudo, é reflexão, é revolução🔥

📷 Registro da @ffmv_art

Fonte: https://www.instagram.com/p/CDj6t2Ullsk/?utm_medium=copy_link (2021)

Imagem 11: Postagem do Instagram do coletivo todas putax



Legenda do Instagram: O Grito das benzedoras
A apresentação mais complexa que já construímos
Músicas:

Canto da proteção - @clarianasoficial

Burca - @clarianasoficial

Brilha minha guia - Bia Ferreira @igrejalesbiteriana

Mulher de luta - @dandaramanoela

Joana Dark - @avarocha

Fonte: https://www.instagram.com/p/B4d0ex0FBA0/?utm_medium=copy_link (2021)

Imagem 12: Postagem do Instagram do coletivo todas putax



Legenda do Instagram: Das chamas voltamos à vida.

Nós, filhas da terra, da água, do fogo e do ar.

Nós, herdeiras da mulher desvalida.

E das bruxas que você mandou matar.

E se o demônio é apenas uma mulher que foi banida para o inferno para alimentar as chamas como castigo por ter enfrentado os homens?

Fonte: https://www.instagram.com/p/B4dXxJyFmdH/?utm_medium=copy_link (2021)

Fonte: elaborado pelos autores.

Fim do ato. Fecham-se as cortinas, consequentemente, fechamos o baú. Obrigado ao coletivo todas Putax pelo o espetáculo e lembranças.

5º Baú – Coletivo Mocambo

Quadro 29: Logo do Coletivo Mocambo e da UFOB



Fonte: < <https://www.instagram.com/coletivomocambo/> > e < <https://ufob.edu.br/> >

Já recordamos tantas coisas. É momento de abrirmos o último baú, que remete ao pisar em terra de preto. A caixa é de madeira e com várias riscas na tonalidade amarela, verde, vermelho, preto e branco e em cima escrito Olodum, no candomblé significa "Deus dos Deuses" ou "Deus maior". O verde representa a floresta africana; o vermelho, o sangue dos

negros; o amarelo, o ouro da África; o preto, o orgulho da raça negra; e o branco, a paz mundial. Baú cheio de cores, batuques, aromas, história e cultura de um povo negro. Abro o baú e me sinto em terra de preto. Na primeira caixa é como um surdo de marcação que é um tambor com som grave e imagino as minhas com as baquetas nas tonalidades do Olodum. Toco e sinto as falas das jovens sobre a origem do Coletivo Mocambo.

Quadro 30: Caixa Nº 1: Coletivo Mocambo. Conteúdo: Origem

Um pedido ...	Pisar em terra de preto ...
[...] O 'Coletivo Mocambo' surgiu basicamente ali no início... início não, do meio para o final de dois mil e dezoito. Na verdade... Na época a gente tinha um DCE (Diretório Central dos Estudantes) na UFOB, um diretório central, e desse diretório central, havia um presidente, que geralmente era a pessoa que fazia sempre as mediações, organizava congressos e tantas outras coisas, o Jefferson. E o Jefferson me chamou uma vez para conversar em particular e falou sobre a necessidade de existir um coletivo negro dentro da UFOB, já que a gente já tinha um coletivo LGBT, o 'Dezembro Arco-Íris', a gente já tinha um coletivo feminista que, na época, já estava muito mais atuante, só que a gente não tinha um coletivo negro e era uma necessidade, visto que a UFOB é uma universidade localizada no oeste da Bahia. Só que mesmo sendo na Bahia, há muitas situações que fazem você pensar que a gente não está na Bahia, a gente está em outro lugar, porque aqui... porque aqui há uma política e uma ideologia muito embranquecida em relação a todos os espaços. Então, com vistas a essas necessidades, tanto das demandas que a gente tinha, externas à UFOB, quanto das demandas que a gente tinha, internas à UFOB, observando situações de racismo com os alunos, observando todos esses atritos que haviam entre os professores e os alunos, alunos de diferentes classes sociais, alunos de diferentes raças.... Então, daí surgiu a necessidade desse coletivo. (Héstia, 2021)	[...] No primeiro dia que eu cheguei em Araújo-Cariacá, eu me lembro de que 'Ju' me perguntou, 'Ju', moradora de lá, me perguntou como era 'pisar em terras de preto'. Até então, as definições que eu tinha, os conceitos que eu tinha sobre comunidade quilombola, não eram tão evidentes assim, e aí fiquei pensando: 'o que é pisar em terra de preto?', 'o que é terra de preto?'. E ela me perguntou isso no primeiro dia, quando a gente saiu. E aí, eu não soube o que responder; eu fiquei assim: 'tá, no final da vivência eu vou saber dizer o que é pisar em terra de preto'. E aí, durante a vivência, durante ficar pensando esse tempo todo 'o que é pisar em terra de preto', qual é realmente o conceito de 'aquilombar', foi onde eu pensei: 'a UFOB precisa de um espaço de preto, uma terra de conquista, um lugar nosso, de identificação', e não só de se identificar, mas também da construção de afeto. [...] E aí, nessa ideia de que estão, de um lugar de luta, mas também não só de luta, de repente, mas também de afeto, foi que eu pensei no nome 'Mocambo', 'mocambo' porque também é uma das denominações de 'quilombo'. Então foi muito com essa perspectiva de aquilombamento, espaço de preto dentro da universidade, e não só para a luta, porque as comunidades quilombolas, a perspectiva de se aquilombar não é o território de luta; território tem história, cultura, povo, então é construção de afeto, de acolhimento e também um espaço nosso dentro da universidade, universidade embranquecida. (Cibele, 2021)

Fonte: organizado pelos autores.

Como no ritmo e compasso do Olodum, a origem do coletivo mocambo surge de uma necessidade, de um chamado de discussão de pautas raciais, em um ambiente formado pela maior população negra do Brasil, assim, o coletivo busca uma luta pela igualdade, reconhecimento, respeito, justiça, etc, fazendo-se necessária aos retrocessos de uma sociedade.

No clima do Olodum abrimos a segunda caixa. No som do tamborim um instrumento de percussão. Seguro em uma mão e com outra mão a baqueta, os cartazes, as denúncias, as rodas e os textos. Toco e escuto sobre as formas de atuação e atividades.

Quadro 31: Caixa Nº 2: Coletivo Mocambo. Conteúdo: Formas de Atuação/ Atividades

Denúncias	Discutir, construir um pensamento, e se reunir para ter uma troca de afeto	Fogo nos racistas
[...] As nossas visitas à reitoria para saber como é que ficava a situação da galera que chegava para a gente falando: ‘ó, fulano de tal fraudou cota’. Então a gente tem a possibilidade, também, de denúncias pelo coletivo, então isso facilita muita coisa para o pessoal dentro da universidade que sofreu com alguma situação: se ela não quer se identificar, a denúncia pode ser feita pelo coletivo. Inclusive, eu estou, peguei, eu ainda estou com o calendário que seria do ano passado, início do ano passado, que eu me lembro de que, na reunião, eu anotei, a gente estava com a ideia do sarau do coletivo, da mesa redonda, então a gente estava com os textos já encaminhados, a gente estava... A gente também tinha a ideia de ir no ‘Mocambo’, que é uma comunidade que fica próximo à UFOB, então a gente estava pensando nisso, ir na escola do Mocambo para conversar com as crianças, levar, sabe, levar... sair um pouco da universidade e levar, mostrar, isso para elas. [...] e a gente também tem uma ‘pegada’ muito artística dentro do coletivo, então a gente consegue chamar muita galera nessa ‘pegada’. Quando a gente viajou para os outros campi, a gente... A gente sempre escreve, tem muita gente que escreve no coletivo; a gente escreve, a gente recita, então a gente consegue fazer essa movimentação, também, artística dentro do coletivo. (Cibele, 2021)	[...] E, nesse calendário, a gente colocava alguns textos para discutir quinzenalmente, e a partir desses textos tirar reflexões, contar vivências... A gente também tentava estruturar para que a gente tivesse um encontro no parque, a exemplo do que a Cibele falou, a gente até conseguiu realizar um desses encontros no parque e foi um momento muito mágico, porque foi um momento de afeto. A proposta foi um piquenique onde a gente conversava, fazia brincadeiras, então, foi um momento de cada um contar um pouco da sua história, de cada um se abraçar. [...] Então as nossas atividades rodavam mais ou menos nessa lógica: discutir, construir um pensamento, e se reunir para ter uma troca de afeto, e também a gente sempre queria estar construindo algumas campanhas nas mídias sociais, Instagram, entre outras, para que as pessoas vissem que existia um coletivo e que se sentissem parte daquilo querendo participar cada mais ativamente. [...] E a gente já conseguiu realizar alguns eventos, conseguiu se juntar com algumas instâncias da UFOB para fazer algumas palestras, a gente fez até um evento que juntava mulheres negras falando sobre suas vivências. [...] (Hístia, 2021)	Você se lembra daquela situação em que a gente tinha feito um cartaz que estava escrito ‘fogo nos racistas’? E aí um grupo branco, importante, dentro da UFOB falando: ‘Vocês pregam igualdade de tudo isso e vocês tão colocando isso? Fogo no racista? Que apologia à violência! Que absurdo! Que coisa ridícula!’. Eu me lembro até de uma situação que a gente tinha colocado uma faixa bem grande, escrita ‘Todo poder ao povo preto’. Eu estava numa aula de um professor negro e ele falou – ele não sabia que eu era do coletivo – e foi muito engraçada essa situação. [...] (Hístia, 2021)

Fonte: organizado pelos autores.

Mesmo com aumento expressivo de inserção de negros pelas cotas raciais nas universidades, ainda há arranjos que contribuem para o racismo e a discriminação destes no meio acadêmico. Temos, então, não somente o acesso de pessoas marcadas pelos marcadores sociais da diferença, mas da conquista do espaço por eles, tomando visível em alguns momentos as atividades e as denúncias que sempre existiram na sociedade.

Procuro mais algumas coisas no baú. Vejo nas minhas lembranças e no meu imaginário uma baiana com seu vestuário tradicional, com várias guias coloridas no pescoço e pulseiras. Essa baiana apresenta as cores e os sabores da organização do coletivo.

Quadro 32: Caixa Nº 3: Coletivo Mocambo. Conteúdo: Organização

Coletividade	Documento de criação	Mudança de pautas
<i>[...] Na verdade, a nossa estruturação é bem coletiva, todo mundo lutando por aquilo, ninguém é mais importante que ninguém, ninguém é melhor que ninguém, todo mundo está no mesmo nível. Tem uma questão, talvez, de hierarquização, porque a Cibeles e eu somos as mais velhas (de coletivo), mas eu não me sinto mais participante e dona do coletivo, não. Eu sou como qualquer outra pessoa, uma pessoa que entrar hoje no coletivo pode ser tão ativa quanto um dia eu fui, ou mais do que um dia fui ou serei; então, para mim, não tem muito essa divisão dentro do nosso coletivo, não. (Hístia, 2021)</i>	<i>Então, eu tenho alguns registros de algumas coisas que eu guardo, como, por exemplo registro de cartazes, desses cartazes que eu te falei, que tinha alguns comentários racistas, eu tenho registros que a gente tirou e teve desses cartazes. A gente tem registro também dos eventos que a gente fez, em relação à mesa redonda, a rodar pelos cantos da UFOB. A gente também tem um documento que foi assinado por mim, validando a criação do Coletivo Mocambo, para que tudo ficasse muito institucionalizado, e para quando a universidade simplesmente acordasse e um dia falasse: 'Não, isso não vale, cadê o documento?'. Então a gente tem, sim, um documento que estipula e dá validade para o coletivo. Muitas coisas estão guardadas tanto comigo quanto nos históricos do coletivo no Instagram, então tem muita coisa que a gente guarda como recordação e também para deixar aquilo marcado de alguma forma, para que não seja apagado. (Hístia, 2021)</i>	<i>E o que eu acho interessante é porque, até pouco tempo, considerando que Hístia e eu estamos nesse processo, afastadas do coletivo, a gente pensava, como mulheres negras que estão aqui à frente desse coletivo, e Saturno vem trazendo outra pauta, Saturno vem mostrando sobre homens negros LGBT. Então, é isso que é esse movimento, entendeu? (Cibeles, 2021)</i>

Fonte: organizado pelos autores.

Entre as guias, os colares e as pulseiras compreendem-se o papel desses coletivos para descolonizar e lutar contra o sistema, no entanto, cumpre assinalar que não é somente nos espaços institucionalizados e hierarquizados que violências e opressões são denunciadas, mas

também nos coletivos informais. Porém, buscam algo formal para garantir na universidade sua atuação e participação.

Pisar em terra de preto é ter fé e não poderia faltar as fitinhas do Senhor do Bonfim. A primeira é verde escura para a orixá Oxóssi, o guardião e o caçador. Neste momento recordo sobre a relação do coletivo com os professores. A segunda fitinha é azul claro para Iemanjá, a mãe de todos os orixás e protetora dos pescadores. E ouço sobre as relações com o movimento estudantil. Abro a quarta caixa.

Quadro 33: Caixa Nº 4: Coletivo Mocambo. Conteúdo: Relações

Ajuda dos professores	Ajuda do movimento estudantil
<i>E é interessante que, por exemplo, o 'Afim' já não existe mais, então algumas coisas a gente já não consegue mais fazer pelo 'Afim'. Então é o Ari, (por intenção própria), porque Ari quer nos ajudar. Então foi, eu acredito que tenha sido a nossa inteligente sacada. Porque, se não fosse isso, a gente estaria um pouco mais perdido agora, porque a gente não tem, agora, algo na UFOB que a gente possa recorrer. Por exemplo, às vezes a gente precisa fazer tal coisa, a gente tem pessoas que nos ajudam, então a gente está agora nessa 'pegada' de que as pessoas, professores, Ari, por exemplo, [ininteligível], por simpatia, por proximidade, por compartilhar da mesma pauta. (Cibele, 2021)</i>	<i>Então, o DCE, na pessoa do Jefferson... É porque Jefferson foi aluno da universidade, da UFOB, e, depois de um tempo, ele saiu da universidade, ele se transferiu, e ele não está mais na universidade. Então, Jefferson, como um homem negro, viu essa necessidade e nos influenciou, conversou com a gente, para que houvesse o surgimento do coletivo. Só que o DCE, o DCE mesmo, depois da saída do Jefferson, toda a organização do DCE não teve uma participação tão grande no coletivo, porque acabou que, a partir do momento que a gente deu o pontapé inicial, a partir dessa conversa com o Jefferson, a gente foi conversando, foi se juntando, foi observando as necessidades dentro da universidade para começar nossa luta. Então, Jefferson teve uma importância significativa no começo, só que, a partir desse começo, a gente foi seguindo aos poucos na construção das pessoas do coletivo. [...] (Hístia, 2021)</i>

Fonte: organizado pelos autores.

É hora de amarrarmos as fitinhas e da mesma forma a universidade, os alunos, os professores e outros movimentos, unem-se por meio de interesses, sentimentos, diálogos e experiências comuns, irradiando a amplitude dessas relações e as aproximações das pautas e atividades.

No fim do baú encontramos a culinária do povo negro da Bahia com raízes na África. A primeira é um acarajé com muita rede de afeto. O segundo é um vatapá regado na sensibilidade e no olhar sensível. O terceiro uma moqueca baiana cheia de uma sensação de pertencimento. Por fim, um bobó de camarão temperada com muita sensação de mudança.

Quadro 34: Caixa Nº 5: Coletivo Mocambo. Conteúdo: Sensações

Afeto	Olhar sensível	Pertencimento	Mudança
<i>[...] Acho que, acima de tudo, passar pelo</i>	<i>[...] Significou afeto, significou uma busca aos</i>	<i>[...] para mim, sinceramente é uma</i>	<i>[...] Então, passar pelo coletivo é uma</i>

coletivo é afeto, é estender e engrossar redes de afeto, como a que tenho com Cibeles, que para mim significou e significa muito, com 'Rose', com 'Gabi', com tantas outras pessoas que eu só tive a oportunidade de conhecer através do coletivo. [...] (Hístia, 2021)	meus, significou um olhar diferenciado. Passar pelo coletivo fez com que eu tivesse um olhar muito mais humano a algumas coisas que para mim passaram despercebidas, como a Cibeles falou, significou também observar toda a minha trajetória anterior à universidade, algumas situações que eu passei e que eu não conseguia identificar o que eram, mas era um produto de todo esse preconceito que existe dentro da sociedade em geral. É entender como a sociedade é construída e como a gente lida com isso no dia-a-dia. (Hístia, 2021)	honra, eu rasgo (declaro) aos quatro ventos que eu participo do Coletivo Mocambo. Inclusive eu até coloquei na descrição do meu (Currículo) Lattes, todo mundo já sabe, eu acho que, quando as pessoas pensam em encrenca, confusão e Coletivo Mocambo dentro e fora da universidade, já têm o meu rosto e o de Cibeles, não tem para onde fugir. Então, para mim, não há necessidade de esconder, porque o que a gente está fazendo nada mais é do que brigando pelo que nos é de direito, mas que é negado. Então, mesmo após sair dessa universidade, mesmo com essa universidade longe da nossa vivência, o coletivo vai permanecer em todas as minhas ações, em todas as... (Hístia, 2021)	mudança, é uma mudança individual, é uma mudança gradual, é uma mudança significativa, porque você começa a enxergar contextos que você não conhecia, você começa a se perguntar sobre questões que você nem imaginava que você poderia se perguntar, e, acima de tudo, você começa a olhar com um olhar mais bonito para coisas que antes eram invisíveis para você. Então, o coletivo tem todo esse papel na minha vida. [...] (Hístia, 2021)
---	---	---	---

Fonte: organizado pelos autores.

É degustando a culinária, a cultura e o sentimento que observamos, nesse sentido, a identidade racial pode ser descrita como o movimento em direção à construção da identidade negra. Esses valores levam ao que chamamos de conjunturas, suscitando sentimentos carregados em si de um sentimento de pertencimento, mudança, afeto e uma perspectiva sensível.

Quadro 35: Documentação Fotográfica do Coletivo Mocambo

Imagem 13: Imagem 11: Postagem do Instagram do coletivo Mocambo



Legenda: 1º piquenique do coletivo Mocambo. O coletivo é um espaço de luta, que surgiu visto a necessidade de luta primariamente no ambiente acadêmico, mas, pra além disso, também é um espaço de acolhimento, de amor, pra mostrar que a luta pode ser coletiva e que mesmo que a solidão se faça presente ela não precisa permanecer! O coletivo agradece à todos que se disponibilizaram a ir a esse encontro e é em especial a @aubierno_obo por esse registro.

Fonte: <https://www.instagram.com/p/BwzSnPfAxSS/> (2021)

Imagem 14: Destaque do Instagram do Coletivo Mocambo (Artes)



Fonte: <https://www.instagram.com/stories/highlights/17917367605447051/> (2021)

Fonte: elaborado pelos autores.

Estou cansado, andamos muito. E carreguei nestes baús muitas histórias e emoções. Preciso reduzir tanta coisa, falar aos outros sobre o que ficou da viagem. Aprendizagens de pesquisador aventureiro no mundo Mix.

GARRAFA AO MAR

Uma garrafa sozinha
No oceano a boiar
Minha vida são dias
De espera e a vagar

Nela, há uma mensagem
Pra quem a encontrar
Parece eu de passagem
Querendo desabafar

Uma garrafa sozinha
Que navega no mar
Assim é minha vida
Rumo a naufragar

Suelen Cardoso França

Catalão, 21 de janeiro de 2022

Para: Meus companheiros

Em primeiro lugar, quero dizer-lhes que a trajetória até este momento foi intensa e cheia de aventuras. Apresentei várias cartas e um inventário que são memórias de alguém vivido, chorou e deu belas gargalhadas durante a pesquisa. Percebo o meu crescimento enquanto pesquisador, a cada dia mais o rompimento de um professor/pesquisador de Matemática para um professor/pesquisador carregado de escrita e poesia. Esta carta será lida por alguém que ama as juventudes e é amante dos coletivos universitários ou goste simplesmente de literatura/dissertação. Vocês devem perguntar-me: Quando será lida esta carta? Não sei. Ela será simplesmente lançada em alto mar. Pois, devolvo ao mar, onde tudo se iniciou e o que ele me proporcionou durante estas viagens.

Caros amigos, ressalto que várias semanas passaram e esta carta não fluía como o esperado. As tabelas, organogramas e a estrutura me engaiolavam. Sentia-me preso e precisava libertar-me! Gritar! Precisava ser apenas eu! Em correspondência com Ju, a resposta que gostaria que chegasse foi dada: “Siga o modelo de cartas.” e “Pense fora da caixinha”. Missão dada. Missão acatada. Agradeço a Ju pelos direcionamentos e por acalmar minha alma e o meu ser.

Vem-me, neste momento, um grito “Sapere aude!” – “Ouse saber!” recordo-me neste momento de um opúsculo de Immanuel Kant (2005) denominada de “Resposta à pergunta: O que é o esclarecimento?”, que me orienta a guiar-me pela minha razão em que o uso público

de nossa razão deve a todo momento ser livre com uma busca incessante de sua autonomia e autoria. Ou seja, esclarecimento implica, essencialmente, em uma mudança no método e, contudo, é importante salientar que para o autor: “Esse Esclarecimento não exige, todavia nada mais do que a liberdade; e mesmo a mais inofensiva de todas as liberdades, isto é, a de fazer um uso público de sua razão em todos os domínios.” (p. 3). Portanto, agora olhando a trilogia de cartas, o inventário, olhando a mim mesmo, ao mestrado que finda senti o que significa fazer uma declaração: Romper o sonho dogmático e a minoridade e buscando ser autor de minha própria história e de minha própria pesquisa.

No entanto, quero mostrar nesta carta que: “Nem tudo que reluz é ouro”, ou seja, que nem sempre as aparências são necessárias para a análise, é preciso conhecer além das aparências e da estética. É buscar as similitudes, as vicissitudes e os desviantes presentes nos coletivos Universitários (Salve, professor Bruno que nas análises e sugestões feitas na qualificação sugeriu um capítulo final nos termos de uma declaração). E agora ouço o clamor de minhas categorias que serão distribuídas da seguinte forma: Origem; Formas de atuação/atividades; organização; contato com outros movimentos e sensações.

**No princípio, quando Deus criou o céu e a terra, a terra estava sem forma e sem ordem.
(BÍBLIA, Gênesis, 1,1)**

Gostaria, companheiros, de fazer uma explicação inicial de poeta e de aventureiro. Gênesis é a narrativa de criação dos herdeiros da tradição abraâmica (judeus, cristãos e mulçumanos). O mundo hindu, assim como os mundos indígenas têm outra origem.

Gênesis é o capítulo em que Deus narra a criação do mundo sendo a autoria deste livro atribuído a Moisés em que o livro pode ser dividido em sete fases, criação; dilúvio; Torre de Babel; Ur dos Caldeus; Abraão; Jacó e José. Utilizarei de algumas dessas histórias para traçar relação com os coletivos, acrescidas de alguns trechos de músicas atuais e minhas sensações de espírito, ou seja, um pouco da minha escrita.

A palavra gênesis que tem sua etimologia no grego *gênesis*, significa “fonte de vida, nascimento e/ou origem”. Ao meu ver essa denominação de Gênesis deve ser vista no meu percurso, enquanto viajava pelos Coletivos Universitários. Sem dúvida, temos a gênesis/origem de tais coletivos. Tentemos responder melhor.

São três horas da tarde. Escutando uma música boa e acompanhado de meus livros e de algumas anotações, a escrita se inicia. A rota segue na direção das primeiras caixas de cada baú

que guardam as falas sobre a origem dos Coletivos. O tempo está favorável para uma análise sobre a origem dos Coletivos Universitários, estamos, finalmente no cenário da criação e do nascimento destes novos movimentos. Em seis dias, Deus criou o mundo e no sétimo dia descansou. Em cada dia, Deus dizia algo e após criava-se. Ele dizia “Que Haja luz” e houve luz. É neste panorama de criação que vamos avançando nesta declaração. Nesse momento, penso que nossa expedição retrate momentos antes da grande criação que surgiram os Coletivos Universitários. Vamos lá.

[...] “Que não iria na casa daquela pessoa porque aquela pessoa era viado” [...] (Hermes, 2021).

[...]E aqui na cidade ainda não tinham movimentos, não tinham o CA o Centro Acadêmico, ainda não tinha a organização estudantil e na participação nos espaços que a gente ficava a gente via que são grupo de agroecologia então todos estavam organizados, né? (Urano, 2021).

[...] Eu por exemplo, foi muito engraçado a minha entrada porque eu não sabia nem onde era a minha turma, não tinha ligação nenhuma mesmo. [...] (Eros, 2021)

[...] Eu queria muito apresentar uma música que chamada ‘Putá da Mulamba’. [...] (Afrodite, 2021)

[...] Então, quando a gente olhava muitos casos dentro da UFOB, principalmente quando a gente partia para esse olhar a cursos elitizados, a gente sentia essa necessidade, tanto por essas situações como, por exemplo, pela utilização das cotas. [...] (Hístia, 2021)

Que horas maravilhosas passei debruçado nas análises sobre a gênese dos coletivos! O trabalho não foi fácil. Foi árduo. Foi horas e horas de estudos e discussões. E é retomado a hora de solicitar a presença dos meus intercessores para este momento. Retorno uma das frases utilizadas nas minhas cartas iniciais: “É hora de mergulharmos”.

Olhando tudo isso vem na minha mente: “Quem me dera ter sido jovem de um coletivo universitário”. Eu tinha medo e receio do que eram este movimento quando estava na graduação. Eu era do time dos invisíveis, dos que percorrem a universidade simplesmente como uma fase de estudo. Era dos que entram e saem da universidade sem viverem os corredores e as atividades fora das paredes da sala de aula. Eu era o sujeito iluminista que Stuart Hall (2006) conceitua em sua obra. Ou seja, era um indivíduo totalmente centrado e individualista.

Fui totalmente diferentemente dos jovens dos coletivos, os quais têm a vivência de uma juventude gregária. Querem se unir, ou como os jovens do CEQ que se buscam nos corredores. São as juventudes que tribalizam, que buscam suas tribos pelas suas identidades e pelo sentimento do “estar-junto” (Maffesoli, 2018). É uma juventude que:

Um e outro se dedicam a viver, com intensidade, o que se deixa viver. A vida é vivida sob forma de avidez. Não é mais que simples consumo, mas uma intensa consumação. Sociedade de consumação perceptível, em particular, nessas práticas juvenis que já não se reconhecem nesses “adiantamentos de gozo” que são a ação política ou o projeto profissional, mas que quer tudo e de imediato (Maffesoli, 2003, p.23).

Ah, Maffesa que bom que você me acompanha!

Companheiros é assim que Maffesa vê uma juventude a qual busca o instante e o momento. Porém, percebemos que essa intensidade não nos é proporcionado a todo momento permitindo o vínculo com os outros. Somos “sufocados” a viverem as nossas individualidades, marcas de um progressismo e de um capitalismo exacerbador. Relembro, neste momento, a minha trajetória na universidade, em que a todo momento era imposto a individualidade, seja nos trabalhos acadêmicos, nas notas e na própria concorrência dentro do curso (Quem é o melhor em determinada disciplina?). Mas, os Coletivos Universitários mesmo que em uma sociedade e em uma universidade sejam pressionados a individualizar suas trajetórias, eles não desejam isso o tempo todo. Os coletivos Universitários, querem estar-junto com os colegas. O “estar-junto” é fundamental para compreendermos a tribalização do mundo. Os jovens não querem viver isolados, e estão ligados por um cimento social (o que unem/ligam), pela cultura, pela etnia, pela diversão e também simplesmente por “estar-junto”.

É interessante ver essas juventudes, tida no plural como o meu intercessor, define Dayrell (2003), torna-se mais preciso falar sobre as juventudes na forma plural, porque leva em consideração os diferentes estilos de vida da juventude na sociedade, valorizando o valor da diversidade. Múltiplos organismos em um mundo mix. E de modo análogo aos meus dois intercessores temos a professora Dra. Lucia Rabello de Castro Membro Fundador do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa na Infância e Adolescência Contemporâneas - NIPIAC/UFRJ em que diz: “Nos espaços públicos extrafamiliares e extraescolares, importa analisar como os jovens buscam o que lhes parece pertinente, seja a própria satisfação e diversão, como também novas pautas e modos de convivência coletiva” (CASTRO, 2016, p. 84).

É assim que os coletivos universitários buscam na coletividade uma outra maneira de estar no mundo. É na união. No laço emocional. Laço que une cada um.

É belo a possibilidade destes jovens de se juntarem e fazerem algo. Meus companheiros, então testemunhamos uma das características da origem dos coletivos: Juventudes que buscam estar com o outro.

Assim seguimos, incessante e encantados pela origem. Nesse momento, uma característica me chama a atenção: a liberdade de criarem movimentos nos corredores e no extramuro das salas de aulas. Não sei se vocês acompanharam este fato durante o inventário. Mas, vamos lá.

Para uma melhor compreensão dessa liberdade, podemos elencar alguns fatores que contribuem. Primeiramente, o espaço. Na estrutura da sala de aula temos um espaço de supervisão e de vigilância, ou o que o próprio Bourdieu (1983) diz de uma escola como um retiro, sendo um retiro do mundo e que vivemos uma vida a parte. Na sala de aula temos regras e estamos sobre a vigilância das gerações mais velhas (Uma pintada de moratória!). No corredor não possuem essa supervisão e vigilância, podem criar e movimentarem dentro do espaço entre a sala de aula e a universidade. Neste local eles não são percebidos.

Salve, Groppo (2017) que nos explica melhor sobre a moratória social.

É na postergação de exigências sociais como o trabalho, o matrimônio e o formar uma família que temos o afastamento dos jovens da autonomia, da responsabilidade e do jogo societal. Portanto, moratória social é a “postergação da juventude” tomada pelo, um “tempo doado”. O autor cita que devido às desigualdades e as classes sociais este período de postergação não é aplicado a todos os jovens, mas está postergação afasta o jovem das decisões sociais, fazendo que estes fiquem sob o controle das decisões das gerações mais velhas.

Segundo, a juventudes criadora e/ou a juventude protagonista. Os jovens possuem a capacidade de (re)criarem “paradas”. Coisas de juventudes. A gêneses dos corredores, elaboradas pelos jovens, tem marcas de autorias e de (in) visibilidade. Para os coletivos universitários a Universidade tem de ser um local catártico fora do engessamento das normas. É a possibilidade de dar liberdade para criarem. Na sala de aula não pode. Mas, nos corredores sim.

Aproveitando dessa explicação, destes intercessores observamos que os coletivos universitários têm a gêneses associado a essa juventude que rompe o individualismo e buscam juntar-se, unirem-se em um grupo e é nos corredores que se encontram. Hoje com minha mentalidade e meus espíritos eu teria ficado extremamente feliz em ter sido integrante de um coletivo. Quem sabe um dia esteja em algum.

Neste momento recorro da passagem da torre de babel, a partir dessa diversidade das juventudes. Torre, onde, inicialmente, todos possuíam a mesma língua e um único idioma, porém Deus afirma: “Eis que o povo é um, e todos têm uma mesma linguagem. Isto é apenas o começo e agora, não há restrição para tudo o que eles intentarem fazer. Vinde, desçamos e

confundamos ali a sua língua, para um que não entenda a língua do outro” (BÍBLIA, Gêneses, 11,6:7). É essa a torre que buscamos. Torre da diversidade. Temos uma Universidade que luta para se desvincular da metáfora da torre de marfim (OLIVEIRA, 2021) e que busca agora sua refundação em bases que contemplem o clássico, o popular, o disciplinar e o interdisciplinar. O humano.

Quando nasce isso? Como? A partir do final do século XX quando se criam novas oportunidades de acesso ao Ensino Superior, com o ingresso nos cursos superiores de pessoas que carregam consigo os marcadores sociais da diferença, como os jovens negros, negras e outros (as)os quais se compreendem fora da heteronormatividade, através de políticas públicas como o SISU e os processos seletivos especiais (quilombolas, indígenas e dentre outros⁶).

Desta pluralidade de pessoas, cursos e espaços podemos trocar a metáfora da torre de marfim pela torre de babel (OLIVEIRA, 2021), torre que representa a pluralidade e dissimilitudes. Temos a entrada dos jovens e de outros perfis, classes, culturas na universidade. São as outras línguas que invadem a torre de babel. E percebe-se de como eles se recusam a deixar para trás origens, tradições, marcas. São jovens que estão fora dos padrões impostos dentro da sociedade moderna, de moral Judaico Cristã e que ousam questionar “O que tem de mais de ser ... A puta? O LGBTQIA+? O Quilombola? O Negro? Ou, o Agroecológico?

Aconselho agora meus companheiros a leitura do trecho da música “Cota Não é Esmola” da cantora Bia Ferreira.

“[...] Experimenta nascer preto, pobre na comunidade. Cê vai ver como são diferentes as oportunidades [...]”.

O discurso da igualdade de acesso, por exemplo, é retomado, não somente o acesso, mas também a permanência destes jovens. A presença neste ambiente é resistência. De fato, o mistério da torre de babel é uma luta fundamental porque é repugnante pensarmos em uma universidade (que vejo como unidade da diversidade), em um estado democrático e em uma universidade pública, conter pouquíssimos pretos, pardos, indígenas, mulheres e LGBTQs no Ensino Superior.

⁶ Isto posto, é importante elucidar que as políticas de redemocratização do acesso à universidade iniciadas pelo governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003 a 2011), originou em 2005 o PROUNI – Programa Universidade para todos, voltados para pessoas de baixa renda com bolsas de 50% ou 100% em universidades particulares. Em 2007 a institucionalização do REUNI – Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, com a criação de novos cursos e novas universidades e, por fim, em 2010 a criação do SISU – Sistema de Seleção Unificada, padronizando o ingresso na universidade a partir do ENEM – Exame Nacional de Ensino Médio criado em 1998 no governo de Fernando Henrique Cardoso.

Interrompo, este momento, enquanto escrevo esta carta. Sinto o meu ventilador e uma sensação térmica de 30°C e *YouTube* ligado escuto a música “Dona de mim” da cantora Iza, trecho da música que remete o que vós direis depois.

Já me perdi tentando me encontrar
Já fui embora querendo nem voltar
Penso duas vezes antes de falar
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca

Retorno, ao som da música e recorro neste momento a minha própria história, pois o meu ingresso no curso de Matemática licenciatura pela UFG/RC deu-se pelo SISU. Foi por essas novas políticas que tenho a minha graduação e futuramente as minhas pós-graduações. Fui aluno da rede pública de ensino, marcado pela ideia da dificuldade de um aluno de classe média, filho de uma senhora que cursou até a 5ª (quinta) série e de um senhor que retornou depois de anos e anos a instituição escolar, de ingressar no Ensino Superior. Reconheço-me nas falas dos jovens quilombolas do CEQ dos vários déficits de aprendizagens, das dificuldades de ter uma base sólida para as disciplinas e para a pesquisa neste ambiente.

A cada dia era momento de luta e de reconhecimento dentro da universidade, era o juntar o pouco que tinha para o transporte, para a xerox e para a alimentação. Era a busca de uma bolsa de Iniciação Científica ou de Iniciação à docência para ajudar nas despesas com a universidade. Era lutar todos os dias. Em alguns dias faltei, pois, não tinha ônibus e/ou meu pai não podia me levar. Imagina o que passava com outros alunos? Atrasavam a leitura de um texto, pois trabalhavam. Outras, não conseguiam ir, pois, não tinham com quem deixar os filhos. A vida é louca! A vida é louca, mano!

O medo de ingressar neste ambiente era imenso, a universidade era vista por mim como algo inacessível, intocável e irrealizável. Ambiente selecionado para a elite e para alunos de escolas particulares. Mas, com ingresso na UFG/RC vi a pluralidade de pessoas, de culturas e a busca de assumirem as suas próprias identidades. Eram jovens que via nos corredores com seus cabelos coloridos, outros com o cabelo rastafári, pessoas brancas e outras negras, alguns heterossexuais, transexuais, homossexuais dentre outros.

Como entendo esse desejo? Como a luta daqueles cujo perfil historicamente deveria ser violentado para se adequar a instituição. Por que pensam ou expressam essa recusa? Porque são pioneiros em suas famílias e histórias, porque esses foram sempre recusados nesses lugares. Para se moldar nos termos de uma universidade como aquela que FORACCHI (2018) detalhou na década de 1960. Uma universidade moderna e ocidental, estratificada por classes e marcada

por acentuadas especializações. Aquela pensada para a participação das elites e de jovens pertencentes aos padrões heteronormativos e embranquecidos, dentre outros.

Portanto, vejo um levante dentro de uma universidade fantasmagórica. Fantasmagórica entendida no sentido de meu intercessor Anthony Giddens (1991, p.22) “Em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais fantasmagórico: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles.”

Ou seja, os Coletivos Universitários estão dentro desta universidade, mas não são reconhecidos e nem vistos. Os jovens destes coletivos universitários criticam essa universidade fantasmagórica em que há uma recusa deste formato impessoal e elitista como a universidade dos anos 60 (sessenta), relatadas por Foracchi (2018). Portanto, os coletivos universitários não querem viver o que passaram nas instituições escolares durante 9 (nove) a 10 (dez) anos, no esquecimento.

São sujeitos que vivem um desencaixe nesta universidade fantasmagórica. Desencaixe entendido como: “Este retira a atividade social dos contextos localizados, reorganizando as relações sociais através de grandes distâncias tempo-espaciais” (GIDDENS, 1991, P. 51). Este desencaixe é percebido quando a universidade afasta no tempo-espço a tradição destes povos. Não somente a tradição, mas a vivência em comunidade, as artes, as danças e a agroecologia dos povos. Vemos que a universidade propõe um tipo de sujeito, como o que eu era na universidade, individualista e centrado no ensino.

Giddens conduz-nos a pensar na saturação dos ideais da modernidade. Estão cansados de serem não vistos e ouvidos, e os coletivos surgem deste grito para a própria universidade de que existem negros, mulheres e outros marcados pelas desigualdades sociais. Conduzindo-se da concepção da modernidade em Giddens (1991), temos que os coletivos universitários estão inteiramente desencaixados no tempo e no espaço e vivem em um local fantasmagórico. Há aqui um sentimento que reverbera o desejo de um reencaixe.

Em primeiro lugar, quero complementar a noção de desencaixe com a de reencaixe. Com este termo me refiro à reapropriação ou remodelação de relações sociais desencaixadas de forma a comprometê-las (embora parcial ou transitoriamente) a condições locais de tempo e lugar (GIDDENS, 1991, P. 73).

Isso é resposta ao movimento moderno que Touraine (1994) chamou de afastamento do sujeito, feito pela modernidade em que há o triunfo da racionalização em detrimento da subjetivação. Segundo o autor essa racionalização provoca no sujeito um vazio em que produz

um sistema sem atores e nos levou ao esquecimento e a censura do corpo. Contudo, o reencaixe que eles querem é ser inteiro e não mais separados. Temos novos jovens presentes neste ambiente e com novas demandas de apenas serem jovens quilombolas, agroecológicos, negros, mulheres e LGBTQs. Desejo juvenil de serem jovens, de gritarem, de dançarem, de se abraçarem e de deixarem eu ser quem eu sou.

É o que o ator retrata como o conceito de sujeito, em que está relacionado com a vontade de liberdade, apelo a razão e pertencimento a uma cultura. Esses novos atores surgem como resistência aos efeitos da modernidade, contra o poder dos administradores e dos produtores da informação. Na contemporaneidade temos o esforço de um indivíduo para constituir-se como ator, tal que o meio político é o local onde este novo ator participa da sociedade civil como um todo, para o sociólogo este esforço deste indivíduo para torna-se ator que ele designa de sujeito.

Respondo agora diretamente, o que tenho a declarar sobre a origem. Os Coletivos Universitários surgem das pautas das minorias e das pautas ordinárias, sendo advindas das suas vivências, das suas relações e das suas diferentes experiências em ambientes como a universidade e a sociedade. E é na transgressão entre o mundo mix e a sociedade que criam os coletivos buscando ser ouvidos, serem vistos e serem considerados humanos.

Preciso pausar e descansar. Vejo vocês daqui a pouco.

Taca-le pau, taca-le pau, taca-le pau!⁷

São 10h (dez horas) da noite de algum dia, de algum mês e de algum ano. Já me perdi nas datas escrevendo a vocês. Porém, hoje fiz deste papel, desta tela, deste capítulo um diário de minhas compreensões de tudo que vi dos Coletivos Universitários. E é no som de Alceu Valença com a música “Bobo da corte” que iniciamos esta segunda declaração.

[...]
Nem todo o beijo é pecado
Nem toda fruta é maçã
Nem todo réu é culpado
Nem toda culpa é cristã
Nem toda carta é marcada
Nem toda lente é ray-ban
E nem toda noite é noitada
Nem toda luz é manhã
[...]

⁷ Taca-le pau é uma expressão (meme) que viralizou em 2014 em que dois jovens brincavam de carinho e um deles gritava “Taca-le pau”. A expressão significa como um incentivo, para acelerar e/ou ir em frente.

É nas indagações e afirmações de Alceu Valença que me questiono sobre as formas de atuação/atividades dos Coletivos Universitários. Trabalham com quem? Trabalham como entre si? Neste momento relembro das falas dos jovens:

[...]E a gente até fala: “Há, quem inventa aguenta”. [...] (Gaia, 2021)

Olhando para o meu passado, vejo que não vivi a universidade e não vivi intensamente o trabalho em grupo com os colegas. No meu caso o “Quem inventa aguenta” era se “Eu inventei eu que aguenta”. Tive poucas vivências de atividades em grupos, posso afirmar que a única foi enquanto bolsista de PIBID, em que tínhamos 5 (cinco) a 7 (sete) alunos, 1 (uma) coordenadora e 1 (uma) supervisora que desenvolviam atividades em conjuntos. Faltou-me alguém ou até mesmo eu dizer-me “Taca-le pau Alan”. Viva a Universidade.

Mas, retornemos aos Coletivos Universitários. Para isso vejamos que as formas de atuação/ atividades dos coletivos é algo que:

Muito embora a economia solidária não seja a perspectiva predominante, e que a maior parte dos coletivos não se reconheça ou não assuma a forma jurídica de uma cooperativa, associação ou um empreendimento de autogestão, vários trazem em seu modo de organização e funcionamento os princípios do trabalho associado, como a autogestão, a definição coletiva das atividades e responsabilidades de cada um, os ritmos e intensidade do trabalho, a partilha dos resultados (CORROCHANO; LACZYNSKI, 1997).

Trilhando os caminhos para compreender o que tenho a declarar, vemos que a atuação destes jovens surge marcada pela autogestão. As atividades ocorrem num processo entre eles mesmos (autogestionada), produto originado de uma organização entre si. Pois bem, reconhecemos que atuação e atividades destes jovens estão organizadas entre eles mesmos no coletivo, sendo capazes de inferir um novo aspecto que rompe alguns dos valores modernos importantes: a rigidez e a individualidade, trabalhada na última declaração e a fluidez que trabalharemos adiante. Retomo novamente em meus mergulhos.

[...] Então, foi ‘Ângela, é você e eu, vamos lá, a gente faz isso só no vocal também, se não tiver ninguém, a gente nem precisa de instrumento’... comentando disso no corredor. E aí, a Kaya ouviu a gente conversando sobre isso no corredor e disse: ‘Nossa, essa música, eu queria muito apresentar essa música também! O que vocês acham de a gente se apresentar juntas?’ [...] (Afrodite, 2021) – Coletivo Todas Putax.

Vejo na construção das atividades algo intuitivo e/ou emocional, isto é, o tribal. Logo, “o tribalismo lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertencimento, a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial de toda vida social” (Maffesoli, 2018, p.11). São atividades pautadas no presente, no agora e na nostalgia do momento que (re)criam o fundamento da vida social.

É um circuito dos afetos, das amizades e da afetuosidade na constituição das atividades. É uma amiga chamando a outra para declamar, cantar e dançar como no caso do Coletivo Todas Putax retratada anteriormente. A lógica presente não é a da produtividade e da eficiência presente na lógica das disciplinas na universidade e nas sociedades modernas. É o que nosso intercessor Maffesoli (2018) define como religião (re-ligare), ou união, ligação ou enraizamento das manifestações, que ocorrem na feitura de estarem ligados por um cimento social que os unem pelo afeto e pela amizade, é o que o autor define como “orgia dionisiaca”⁸.

É nesse contexto que os afetos consistem em pensar a expressão subjetiva na dimensão das atividades dos coletivos universitários. Assim como acontece com o afeto, o conceito de subjetividade descreve, profundamente, os sujeitos da propriedade privada para a propriedade coletiva. Sujeitos que esmanjam em suas trajetórias, sentidos que ora constrói circuitos de afetos, retirando o sujeito do individual para o coletivo.

Podemos perceber que a liderança nas atividades é fluida, mas é existente e em muitos casos rotativas. Como dita por Gaia “Quem inventa aguenta” dá a leitura de que os integrantes tomarão a liderança na execução daquela atividade e organização naquele momento. Organização que se torna fluida sem hierarquia, ou seja, quem está propondo que assuma a responsabilidade e a liderança. Porém, existe uma maturidade e muita organização na construção das atividades, são eventos, rodas e mesas em que o processo da construção é muito importante, há um diálogo auto gestor e minimalista. Podemos afirmar que trabalham “seriamente” como adultos na sociedade, mas sem perderem si mesmo e aquilo que caracteriza muito a juventudes, o prazer, a busca e a criatividade.

Agora caros companheiros vamos pensar: O que fazem? Antecipo esta declaração ao som da Banda Jammil com a música Praieiro. A música é uma síntese do que são os jovens contemporâneos que integram os coletivos universitários.

⁸ Para o autor, têm-se que “O jogo das paixões, a importância das emoções a força dos sonhos como cimento coletivo. Eis o que é a orgia dionisiaca.” (2010, p. 27). Temos como a orgia as paixões, as emoções e os sonhos que unem o corpo social.

[...]
Sou praieiro
Sou guerreiro
To solteiro
Quero mais o quê?

Quero mais verão
Quero mais tesão
Quero mais fevereiro
[...]

É esta a juventudes que integram as atividades. Juventudes libertária. Querem viver mais fevereiro, mais carnaval e querem cruzar a linha. É o que percebemos quando diziam:

[...] Eu gosto de causar, e, enquanto artista, eu sempre me inspiro e sempre procuro outras coisas no momento, ainda, que causem. E essa é a Afrodite artista, se não for assim, eu nem vou. [...] (Afrodite, 2021)

A ideia da queimada é ocupar as praças, então a gente leva né, as gays, as LGBTs as pessoas né, as pessoas LGBTs para as praças de Governador Valadares e ocupamos essas praças e as pessoas vão lá conversar, bater papo, jogar peteca, jogar queimada, jogar futebol que a gente as vezes a gente chama de futesap e tals (Hermes, 2021).

O meu intercessor Juarez Dayrell (2003) diz de uma juventude em que não buscam se preparar para o amanhã. O tempo destes jovens nos coletivos universitários, localiza-se no presente com a busca da diversão e do prazer. É o que o autor chama de: Os modos de ser jovem. Há, isso é típico das juventudes que querem causar, gritar e brincar, trata-se de perceber que as atividades possuem uma formação do ser, do corpo e da expressão. Em essência, o princípio da libertária pode ser compreendido como a essência da experiência juvenil.

Neste momento pela leitura da sociologia da juventude, buscamos mudar o estereótipo moderno de uma juventude rebelde e em crise dialogo feitos com os autores Pais (1990), Peralva (1997) e Dayrell (2003). Buscamos compreender esses sujeitos em uma ótica da juventude como sujeitos sociais. Portanto, é uma juventude que vivenciam essa fase de modos distintos e não como um problema social. São uma geração de jovens que tem energia, vitalidade e força para as atividades. Buscam no lúdico a vida como forma de arte. Não é um divertimento de uso privado, mas a consequência de toda socialidade em ato (Maffesoli, 2009, p.54).

De outro lado temos as atividades em um modelo acadêmico. Vejamos:

[...] conseguiu se juntar com algumas instâncias da UFOB para fazer algumas palestras, a gente fez até um evento que juntava mulheres negras falando sobre suas vivências. [...] (Hístia, 2021).

[...]e aí a gente teve esse reconhecimento de poder construir um pré encontro Regional de Grupo de Agroecologia do ano seguinte, né Urano? [...] (Gaia, 2021).

A primeira impressão é que há algo tradicional e clássico nas atividades como os congressos, os encontros e as mesas redondas, algo tipo dos movimentos estudantis. Os autores, Olívia Cristina Perez e Bruno Mello Souza (2017) ao conceituarem os “Velhos, novos ou novíssimos movimentos sociais? As pautas e práticas dos coletivos”, retrata que os coletivos não são novos movimentos sociais e sim continuação dos mesmos com uma nova roupagem. Porém, vejo com base nos grupos focais realizados, que os coletivos Universitários utilizam destes mecanismos formais para socializarem de forma mais aceitável em um local com marcas de um território tradicional. É por meio dessas atividades que os coletivos sentem segurança, sendo aceites na universidade e retiram a imagem de um grupo de jovens violentos e rebeldes.

Nestas atividades o corpo (coletivo) é moldado na lógica da universidade. Trata-se de atividades que reafirmam a identidade proposta na universidade, de caráter mais formal, com regras e hierarquias. É através disso tudo que se manifesta, novamente, aquilo que é marca dos Coletivos Universitários, é a socialização. Portanto, socialização nos modelos acadêmicos, para garantirem visibilidade na universidade e fora dela.

Por fim, temos as atividades que são marcas institucionais de luta e legislação. Vejamos:

[...]que a gente fez pensando numa pegada mais burocrática. As nossas visitas à reitoria para saber como é que ficava a situação da galera que chegava para a gente falando: ‘ó, fulano de tal fraudou cota’. Então a gente tem a possibilidade, também, de denúncias pelo coletivo, então isso facilita muita coisa para o pessoal dentro da universidade que sofreu com alguma situação: se ela não quer se identificar, a denúncia pode ser feita pelo coletivo. [...] (Cibele, 2021).

[...] Por exemplo quando se tem um evento anual dentro da Universidade que é o da consciência negra, né? Que é um evento grande que para além dos Quilombolas também participam nele, os professores também contribuem, só que a gente queria ir além. [...] (Themis, 2021).

São atividades pautadas na política de permanência, de assistência. São os coletivos que trabalham política de regulamentação e resolução. Vejo algo que Rancière (2018) define como a constituição da política e da partilha do sensível. Pois, pensar os coletivos, é também refletir

que há uma distribuição simbólica dos corpos, dividindo-as em duas categorias, sendo o contraste entre 2 (dois) mundos sensíveis: aqueles que são contáveis e os incontáveis, aqueles que possuem o logos (a fala) e os que não há, aqueles em que se vê, aqueles em que não se vê (RANCIÈRE, 2018). Neste sentido, os micros espaços das universidades vêm criando novos espaços de sociabilidade política.

Portanto, observa-se a notabilidade dos jovens universitários de se organizarem em micro espaços públicos, propiciando compreender e discutir essa categoria, suas vivências, suas relações, suas diferentes experiências e os processos de modificações entre os jovens. Descobrem formas de transgressão e de rompimento do mundo sensível através da política em que: “A atividade política é a que desloca um corpo do lugar que era designado ou muda a destinação de um lugar; ela faz ver o que não cabia ser visto, faz ouvir um discurso ali onde só tinha lugar o ruído, faz ouvir como discurso o que só era ouvido como ruído” (RANCIÈRE, 2018, p.43).

É esta atividade política que fazem serem ouvidos os jovens os quais estão à margem da sociedade, são as mulheres, os LGBTQs, os quilombolas, os negros e os agroecológicos. Política entendida no sentido de busca de existência e de enfrentamento a uma sociedade marcadas por desigualdades.

Finalizamos, o nosso segundo tópico sobre as formas de atuação/atividades. Essas declarações vão nos mostrando que esses novos movimentos sociais são os coletivos universitários fluidos com baixo grau de formalização ou baixo grau de institucionalização. Eles são constituídos por atividades que buscam desfazer as partilhas de dois mundos sensíveis. Em alguns casos são atividades juvenis na busca do brincar, do causar em outros casos algo formal como os eventos na universidade e outras por lutas de direito e de igualdade na sociedade.

Ordem, hierarquia, disciplina, são valores estéticos. (Nicolás Gómez Dávila)

Passam-se dois dias do início da escrita desta declaração. A escrita flui e preciso avançar. Tenho muita coisa a dizer e muita coisa a analisar junto com vocês. Seguimos falando sobre a organização dos coletivos, contudo, ressaltando alguns pontos discutidos anteriormente. Mas, antes, me acompanham em uma música? O título da música é “A vida sempre tem razão” do cantor e compositor Tom Jobim. Título que me deixa instigado a pensar na vida e a pensar na organização destes coletivos.

Tem dias que eu fico
Pensando na vida
E sinceramente
Não vejo saída
Como é, por exemplo
Que dá pra entender
A gente mal nasce
Começa a morrer
Depois da chegada
Vem sempre a partida
Porque não há nada
Sem separação
[...]

Tom Jobim, me ajuda a dialogar com o que tenho a dizer sobre os Coletivos Universitários. A organização do coletivo e das atividades surgem do momento presente e é neste amparo diante da temporalidade que resulta do esvaziamento da perspectiva da eternidade e da durabilidade. É a metáfora que retomo apresentada na primeira carta – a estrela cadente. O autor Maffesa (2018, p. 57) nos auxilia a pensar nas estrelas candentes nos trazendo a definição de potência subterrânea.

Sua ação, no entanto, é ora secreta, ora discreta, ora notória. Quando não se exprime nessas formas de efervescência que são as revoltas, as festas, os levantes e outros momentos quentes das histórias humanas, ela se hiperconcentra no segredo das seitas e das vanguardas, sejam elas quais forem, e se hipoconcentra nas comunidades, nas redes, nas tribos, em suma, nos fatos menores da vida quotidiana, que são vividos por eles mesmos e não em função de uma finalidade qualquer.

Conhecer essas questões da durabilidade na organização e na estrutura dos coletivos universitários, remete a pensarmos que os rituais e os fatos da vida quotidiana que estão nas entrelinhas dos movimentos não são tão visíveis como os congressos e as atividades ditas anteriormente. Neste momento, recordo do meu encontro na roda de conversa com o Coletivo Todas Putax, na calourada do ano de 2020, naquele momento o coletivo estava brilhando no céu pois, o nome do coletivo estava no cronograma de atividades de uma universidade. Era visível para alguns que existia um movimento feminista naquele local.

Vejo duas forças agindo nos coletivos universitários. Na hora da apresentação e na roda de conversa percebemos uma força centrífuga que joga o coletivo para fora do seu interior. É o momento visível do coletivo. Acaba-se a apresentação essa força centrífuga, torna-se uma

força centrípeta, ou seja, para dentro do coletivo. A estrela cadente foi consumida pela atmosfera.

Portanto, é uma estrela no céu a brilhar por um tempo determinado, que representa o instante da criação, das atividades e da organização dos Coletivos Universitários. Como fazemos para vê-las então? Só conseguimos vê-las se nossos olhos não estiverem impregnados de poluição e se tivermos atentos aos céus e a universidade para estes novos movimentos sociais. Pois, duram pouco aos nossos olhos ou até mesmo para alguns um tempo maior, mas são cheios de sentidos e de significados para os integrantes. Os jovens, não querem que a organização sejam duráveis. Querem viver o momento.

Para mim é tranquilo, porque eu acho que é essa coisa: eu, Hera, não tenho necessidade de algo durar, sabe? De 'não vamos deixar morrer', porque eu acho, para mim, serviu nesse momento, eu fiz o que eu tinha que fazer e eu estou saindo. Se morrer... É isso, assim, é porque as pessoas que estavam ali não queriam que isso continuasse a ponto de se engajar. Mas, então, se morrer, tudo bem, também... Eu acho que as coisas morrem, e serviram. [...]
(Hera, 2021)

Assim, é a mudança, a inversão de polaridade, a metamorfose, a transformação ou a saturação do racionalismo e do progressismo. São marcas de um novo tempo, que para Maffesa será a imagem de uma espiral que representa o tempo retorna. Retorno ao arcaico, ao naturalismo com a exaltação do corpo e do cotidiano, a sensibilidade e o presenteísmo dentre outras que representa o retorno à “origem” – a ecosofia.

Lógica de um tempo pós-moderno. Não é o resultado ou o amanhã que puxam a realização, mas o processo e o hoje. Não buscam a perpetuação do movimento por grande tempo. Sabem que um dia vai acabar, ou que surgiram alguém para assumir, porém, querem viverem com corpo e alma o momento de estarem ali nos Coletivos Universitários.

[...] Então a gente se preocupa com isso, é um negócio que fica, só que eu acredito que tanto Hístia quanto eu, a gente está mais tranquila agora porque tem Saturno. Então, Saturno apareceu para mostrar que vão surgir outras pessoas, vão entrar pessoas dentro da universidade, que assim como Hístia e eu, a gente tinha essa coisa dentro da gente: 'precisamos fazer alguma coisa', outras pessoas vão vir pensando a mesma coisa, entendeu? E aí é isso, acho que o coletivo vai se moldando de acordo com essas pessoas, ele vai... A gente começou, a gente plantou, agora é isso. Tem quem vai, quem vai levar para frente, e eu acredito muito nisso, que tem quem vai levar. (Cibele, 2021)

Declaro que os Coletivos Universitários não possuem uma organização durável, e que são fluidos e na perspectiva de movimentos horizontais. Exemplo disso é que, mesmo os “líderes” estiverem ausente do movimento e em alguns casos há uma mudança de “liderança” para uma perpetuação e propagação de novas pautas dentro dos coletivos. É a mudança que faz renascer e ganhar forças para atuarem dentro e fora da universidade.

Portanto, destaca-se nas falas dos jovens outras formas de organização diferentes dos movimentos estudantis como os DAs e os CAs. Tomo a definição e as características destes movimentos como:

Os CAs e o DCE eram a única forma que os estudantes usavam para realizar suas reivindicações perante a própria universidade e suas manifestações políticas. Suas estruturas são representativas, através de eleições periódicas onde grupos de alunos se candidatam e o mais votado assume a diretoria do CA, com cargos pré-definidos e buscam cumprir o que foi estipulado na campanha eleitoral (DE AZEVEDO e GIACOMINI, 2018, p.10)

Nesta característica eleitoral, hierárquica e com realização de reuniões democráticas, que são marcas destes movimentos estudantis. Os coletivos Universitários mantêm algumas características de tais movimentos como as atas de criação pelo CEQ e pelo Coletivo Mocambo; a criação do estatuto e a estrutura por coordenações pelo CEQ.

[...] A gente também tem um documento que foi assinado por mim, validando a criação do Coletivo Mocambo, para que tudo ficasse muito institucionalizado, e para quando a universidade simplesmente acordasse e um dia falasse: ‘Não, isso não vale, cadê o documento?’. [...] (Hístia, 2021)

[...] A gente tá nesse processo de mudança de algumas coisas de melhorar no processo de construção do estatuto oficializando bem, né? Até porque para a gente lutar pelos nossos direitos dentro da Universidade é muito importante a gente ter tudo documentado, tudo organizado para emitir também né, para eles pedir para ser de forma mais formal, né? [...] (Eros, 2021)

Nesse sentido, é possível dizer que a organização dos coletivos já ditas por outros autores carregam traços de horizontalidade, fluidez e as afirmações identitárias trazem marcas de um novo tempo, sendo uma organização marcada pelo afeto, pelos corpos e pelo fim do individualismo. Esses contornos, funções e papéis são justificadas pela moratória social trazidas nas outras declarações. A universidade exige em alguns momentos um representante do movimento.

Então, podemos afirmar que existe liderança? Sim, liderança em exercício de negociação. É alguém que vai dar entrevista, que participa de reuniões dos órgãos administrativos da universidade e que busca relações com outros movimentos e instituições na universidade e fora dela. O que será proposto na próxima declaração.

Depois de todo este percurso, declaro que a organização dos coletivos parte de duas forças, em alguns momentos a organização se mantém no centro (centrípeta), nos rituais com eles mesmos e em outros momentos a estrela brilha (centrífuga) com atividades e eventos, além de possuir uma liderança fluida feita de oportunismos e/ou alianças políticas.

Reage, bota um cropped⁹

Amigo velho – Falamansa

[...]
Das histórias vividas com você
E as risadas que ainda vamos dar
As batalhas vencidas sem sabe
Que ainda tinha uma guerra pra lutar
[...]

Utilizo nestas declarações o termo, companheiros, porque é algo que se tornaram neste percurso. Companheiros de uma jornada e de minha própria vida. Nas entrelinhas de cada declaração identifico-me com o meu objeto e trago um pouco das minhas próprias narrativas e da minha autobiografia. E é nas relações de amizades que venho trabalhar minha próxima declaração sobre as relações com outros movimentos.

Da mesma forma, os Coletivos Universitários mostram-se com conexões sociais, com redes e interconexões que são características de um novo tempo. A partir deste momento, tenho um lapso de um autor o Manuel Castells (2013, p. 160) o qual mostra que os movimentos sociais em rede são de múltiplas formas, “inclui redes sociais on-line e off-line, assim como redes preexistentes e outras formadas durante as ações do movimento. Formam-se redes dentro do movimento, com outros movimentos do mundo todo, com a blogosfera da *internet*, com a mídia e com a sociedade em geral”. Esse estudo leva a construção multidimensional de juventude, passando de espaços políticos institucionais para a constituição de redes de juventudes facilitados pelo uso dos novos meios de comunicação.

⁹ A frase é referente ao meme “reage, mulher, bota um cropped” que ganhou as redes sociais no ano de 2022. A frase tornou-se um jargão para utilizar-se como incentivo.

De modo análogo, as redes de movimentos é uma complexa rede social que conecta simbolicamente sujeitos sociais e atores coletivos. Com base na diversidade de atores sociais, não é mais possível falar sobre movimentos sociais sem considerar a expressão de redes de movimentos sociais.

A socióloga Scherer-Warren (2003) propõe analisar os novos movimentos sociais na perspectiva de redes sociais em que cada nó corresponde a um movimento social específico, interligados a outros movimentos dentro de uma rede. É desse ponto de vista, a ilustração perfeita de um pensamento dos coletivos em redes, juntamente com o proposto por Castell. Os coletivos tornam-se redes de socializações on-line/off-line, nas redes sociais ou presencialmente com os próprios coletivos, com as instituições e com a sociedade.

Para declarar um pouco mais sobre as relações dos Coletivos Universitários com outros movimentos, faço uma metáfora com algo relacionado com o mar. Percebemos em alguns momentos algo semelhante com o polvo, uma cabeça que é o coletivo e vários braços dentro e fora da universidade representando as relações com outros movimentos e agarrados em alguns momentos pelas suas ventosas com a universidade. Temos o dentro e fora tentacular. Explicarei mais adiante.

Quais são as redes estabelecidas pelos coletivos? Redes com os professores, “[...] Então professor ele não é só um professor ele também é seu amigo, a gente às vezes da rolê junto também. [...]” (Deméter, 2021); com o Movimento estudantil, “[...] Ter o Diretório Central dos Estudantes e que a gente consegue ali uma relação porque também quem representa esse diretório tá dentro do CONSUN falar como representante discente. [...]” (Themis, 2021); com outros coletivos, [...] a gente tem uma relação mais estreita com o Dezembro Arco-Íris, principalmente por causa do Saturno, que é do Dezembro Arco-Íris e também é do Coletivo Mocambo. [...] (Hístia, 2021); com instâncias regionais como a FOQS, prefeitura e Associações comunitárias “[...]Então a gente ter o apoio dessas lideranças para tá ali aliando. [...]” (Themis, 2021)”; com órgãos internacionais como o IFMSA, [...] e os estudantes que são desse comitê da IFMSA é foram parceiros nossos, [...] (Atenas, 2021).

As redes não ficam aquém da universidade. Os limites ultrapassam com os seus tentáculos. A universidade garante uma bolha para que desenvolva suas atividades, mas o financiamento e algumas relações giram fora dela, é necessário ter verbas, ter visibilidade e apoio de órgãos formais. Como por exemplo, eles buscam relações com movimentos ligados na universidade como o MEs, CAs e DAs, pois, são órgãos, de certa forma, estão

institucionalizados e tem uma correspondência direta com a universidade. É por meio destes que falam com a universidade e buscam apoio.

A organização das relações induzidas é proposta por mim como um paradigma que se dá inicialmente por afinidade e amizade. Assim sendo, as relações/redes com estes movimentos na universidade e até mesmo fora dela se dão por alguém conhecido e/ou amigo de algum integrante dos coletivos. Estruturam algo como o sujeito, como interface e superfície de relações interpessoais. Isso foi o que me levou a declarar sobre as relações se dar por meio da afetuosidade.

Mas há ainda um outro ponto decorrente da última proposição, pois, as relações e redes não ocorrem somente com instituições e movimentos extra coletivos. Temos as redes formadas por eles mesmos, pelas suas subjetividades, ancestralidades e locais. É como Hera do coletivo Todas Putax afirma:

[...]A gente está falando de dores, a gente está falando de vivências que são violentas, e estar junto com essas mulheres de algum modo nos fortalece, sabe? E poder compartilhar essas dores com quem também já vivenciou algo parecido, eu acho que é isso o coletivo, então. [...] (Hera, 2021)

Esse fato acabou por indicar uma etapa da retórica desenvolvida nas outras declarações – os circuitos dos afetos. Isto posto, os coletivos são movimentos que interconectam locais e instituições. As redes e as interações se dão pela amizade criada e desenvolvida anteriormente. As relações tornam-se redes de afetos e conectam-se por algo além do formal e institucional. Portanto, os coletivos possuem redes e tentáculos dentro e fora da universidade. O que defino como dentro e fora tentacular.

Quais são os diálogos dessas relações feitas?

Por fim, afirmo, são diálogos que têm a pauta da necessidade de oportunidade e visibilidade. São sujeitos que transformam a figura da política. Ou, o que o próprio autor Maffesoli (2011, p. 13) diz no início do seu livro: “inventa-se um mundo cada vez que se escreve. Trata-se, na realidade, indo ao encontro da etimologia, *invenire*, de fazer vir à luz do dia o que já existe, vivido amplamente na experiência cotidiana, embora os hábitos de pensar impeçam-nos de vê-los”. É o que acontece nessa transfiguração do político em que uma *Drag* entrega uma flor ao prefeito em um ato simbólico em Governador Valadares.

Assim, compreendemos este movimento político nos Coletivos Universitários como movimento na relação entre si e entre as suas redes. A política é o cotidiano vivido pelos

coletivos, ou seja, começa quando há uma saturação do modelo política do Estados-nação, para a comunhão do corpo social feito nas tribos.

Deste modo, finalizo dizendo que as relações tidas dentro dos coletivos universitários ocorrem por redes, pontes e principalmente por circuitos de afetos e amizades. São relações de políticas que ocorrem para a oportunidade e visibilidade do movimento e ocorrem no espaço do cotidiano destes jovens.

Devem-se estar questionando o porquê do título dessa penúltima declaração o “Reage, bota um cropped”, é algo do que percebo nos coletivos universitários através de memes atuais da *internet*. É algo, que vejo como ir à luta, é o reagir através de redes e relações para manutenção das atividades de tais. Mas, com um cropped torna-se algo informal e não tão institucionalizado. Pode ocorrer em relações entre amigos e fora de instituições modernas. É o que acabamos de discutir. Mas, ainda tenho algumas proposições a serem ditas.

A experiência é o lugar onde tocamos os limites de nossa linguagem. (Giorgio Agamben)

Hoje é dia 28 de janeiro de 2022. Esta carta foi interrompida durante alguns dias. O cansaço, a febre e a dor encheram-se o corpo deste autor. Tive que isolar-me devido à suspeita da Covid-19. Algo parecido com os coletivos universitários. Existimos, mas estamos escondidos, isolados e não-vistos por alguns. Alguns morrem e outros continuam. É esta a organização dos coletivos e a triste realidade de alguns com Covid.

Não tinha forças de comunicar-me e continuar esta carta com vocês. Foram dias de preocupação e repouso. Mas, ainda em isolamento e com pouco sintomas, sento em meu quarto, ligo a minha caixinha de som com a música “Não precisa Mudar” da Banda Eva. Continuo a escrever.

[...]

Se eu sei que no final fica tudo bem
A gente se ajeita numa cama pequena
Te faço um poema, te cubro de amor

Então você adormece
Meu coração enobrece
E a gente sempre se esquece
De tudo o que passou

Então você adormece
Meu coração enobrece

E a gente sempre se esquece
De tudo o que passou
[...]

É como a letra da música “Então você adormece” que continuo a dizer sobre as sensações presentes nos coletivos universitários. Para isso dividirei em dois grupos as sensações e as emoções e formações que ocorrem de serem integrantes deste movimento. O primeiro as sensações de formação no eixo de si mesmo e o segundo as sensações de formação no eixo da sociedade.

E eu acho que é resistência porque mesmo quando a gente entra ou sai independente do movimento, a gente precisa resistir muito, né? A gente precisa resistir por ser mulher, por ser LGBT, por ser negro, por ser ... enfim até por vestir uma roupa a gente às vezes muitas das vezes precisa resistir. A gente é muito julgado e talvez isso é o que faz com que a gente sofra tanto nessa diferença, né? E enfim é isso. (Themis, 2021)

[...] Eu trabalho como técnico em química numa indústria de cosméticos e hoje eu estou lá num cargo de liderança. E assim, eu fico pensando: “Poxa! Como é que eu tenho 22 anos e estou num cargo de liderança numa indústria?” né? Como? Através das minhas vivências na Universidade né. [...]
(Hermes, 2021)

Neste momento caros companheiros penso no termo experiência tido a partir dos escritos de Jorge Larrosa (2019, p. 18): “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. A universidade é um campo de experiência e é o que percebi no primeiro encontro com os Coletivos universitários. Naquele círculo, as mulheres podiam se expressar, porque havia uma energia que uniam cada uma. Naquele momento tínhamos um corpo somente – o corpo feminino que se expressava. O individualismo tornava-se um coletivo. São várias mulheres de diferentes idades, histórias, classes sociais que se encontram para se ampararem e mostrarem a potência feminista. Momento em que a persona mulher, mãe e heterossexual se despende e dá lugar a mulher solteira, militante e homossexual. São, assim, tratadas na relação com o sujeito da experiência:

Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial (LARROSA, 2002, p.14).

Portanto, esse aspecto das narrativas revela a natureza social que é o sujeito da experiência. Porque esse sujeito pode entrar em contato com um determinado evento, sendo que é uma saída para algo o qual ocorre fora dele e um retorno para ele. É no estar em um cargo de liderança, pois ocorreu que o coletivo universitário de certa forma afetou o sujeito. O autor chama isso de experiência e de sujeito de experiência. Neste sentido, os micros espaços das universidades vêm criando novos espaços de sociabilidade política, sujeito da experiência e uma potência subterrânea.

Mas, voltemos aos nossos dois grupos. O primeiro é as sensações de formação no eixo de si mesmo. Percebem-se que o coletivo propicia formação no interior de cada um. Podemos dizer que aqueles que vivem com intensidade são moldados e saem diferente do que entraram. É o que percebemos quando dizem:

[...] Então, passar pelo coletivo é uma mudança, é uma mudança individual, é uma mudança gradual, é uma mudança significativa, porque você começa a enxergar contextos que você não conhecia, você começa a se perguntar sobre questões que você nem imaginava que você poderia se perguntar, e, acima de tudo, você começa a olhar com um olhar mais bonito para coisas que antes eram invisíveis para você. [...] (Hístia, 2021)

Quando Hístia afirma sobre as mudanças que o coletivo provoca, vemos que não é algo simples, o medo perpassa neste processo de mudança é o que dizem quando: *“[...] No começo para mim as situações difíceis era se reunir e eu tinha medo da reação das pessoas de ser essa coisa violenta. [...]”* (Urano, 2021). O processo de mudança é dolorido, principalmente para se reconhecer e assumir sua identidade fora dos padrões da sociedade. É o que percebemos no Coletivo Todas Putax em ser a puta fora da universidade em decorrência do medo de apanhar e o medo de ser violentada.

Mas, ao final *“[...] mas isso foi logo no início assim e depois eu percebi que as pessoas estão super receptivas assim e que toda ideia é válida, sabe? [...]”* (Deméter, 2021). Esse sentido de “medo” é um sentimento bem arraigado nos coletivos universitários. O medo permite sobrepôr a mudança. Convém, pois romper este medo e viver com intensidade o movimento dos Coletivos Universitários.

Declaro, inicialmente, que as sensações e as experiências presentes nos coletivos na formação no eixo de si mesmo são o sentimento de mudança-medo, enquanto experiências inconscientes no coletivo. A situação paradoxal, é o momento em que requer que os integrantes

tomem o medo em alguns momentos entre parênteses para viverem com intensidade a mudança que pode ocorrer.

No segundo, temos as sensações de formação no eixo da sociedade em que dizem:

[...] É uma galera que é proativo que quer fazer acontecer, que tem uma visão de mudança sabe da realidade. Sabe eu quero mudar, que tem a vontade de querer transformar as coisas né? Então assim é uma galera que quer fazer e que põe a cara a tapa a fazer né? [...] (Hermes, 2021)

As sensações de formação no eixo da sociedade estão relacionadas às particularidades que os indivíduos se caracterizam pelas aquelas que modificam a sociedade a qual estão inseridos. São jovens que poderão ser no futuro o reitor e o político dos novos tempos, ou dar ao próprio quilombo o retorno de anos e anos fora de casa. Essas sensações podem impactar o ambiente social, o grupo familiar, a cultura e o lugar onde os sujeitos estarão inseridos futuramente. Isto posto, significa dizer que os coletivos universitários são responsáveis por darem condições para as pessoas, sobretudo os jovens a serem capacitados para lidarem com os problemas e terem o sucesso no mundo.

Por fim, declaro que os Coletivos Universitários são locais feitos de proximidade e afetividade, onde as pessoas se encontram e desenvolvem atividades, reuniões e buscam estar-junto onde podem ser constituídos por amigos, colegas e etc. e neste local desenvolvem experiências e emoções as quais podem mudar interiormente ou algo que impacta a sociedade.

Enfim, companheiros! Espero que vocês tenham gostado da viagem, de tudo que passamos juntos e é hora de voltar para casa. Espero que tenham ficado bem surpresos com tudo que vivemos, porque o mar é uma ótima ferramenta de idas e vindas.

Última Carta

Deixa eu me apresentar
Que eu acabei de chegar
Depois que me escutar
Você vai lembrar meu nome
É que eu sou dum lugar
Onde o céu molha o chão
Céu e chão gruda no pé Amarelo, azul e branco

....

Ao meu passado
Eu devo o meu saber e a minha ignorância
As minhas necessidades, as minhas relações
A minha cultura e o meu corpo
Que espaço o meu passado deixa para a minha liberdade hoje?
Não sou escrava dele

....

(Amarelo, Azul e Branco – Anavitoria/ Rita Lee)

Catalão, 30 de março de 2022

Para: A sociedade, os Coletivos Universitários e para mim

Pensei em várias formas de finalizar estas cartas. Contudo, não chegava em uma forma e uma estética suave para apresenta-los. Mas, vamos lá. A minha escrita sempre esteve carregada do desejo de desfazer imagens e estereótipos. Busquei o desejo de ser o tecelão dos tempos como proposto por Albuquerque Júnior (2019, p. 15): “o ensaísta sabe que o grande desafio, o desafio estético, ético e político, está em encontrar uma expressão para aquele objeto, uma expressão da qual depende a sua própria realidade e verdade”.

O que apresentei foi a minha escrita e nela busquei autoria e ciência. Literatura científica. Escrevi em primeira pessoa porque Touraine (2009) ao dizer sobre o Discurso Interpretativo Dominante – DID, em que este discurso afasta o autor enquanto sujeito e nega sua presença. É, pois, nesta independência que procuro-me estabelecer. Escrevi na forma de cartas porque assim é que me chegou à inspiração e respeito antes de tudo minha forma de expressar.

Viajei pelo mar, pela sua infinitude, pelas suas ilusões e pelas suas seduções. Apreendi a escrever sem medo de me aventurar em um mundo totalmente distante da minha formação em Matemática. Não foi fácil começar, nem o terminar. Lembro-me agora da seleção de mestrado, eu pensava o que vão achar de um professor de Matemática, se ousar a estudar “Políticas Educacionais, História da Educação e Pesquisa (Auto)Biográfica”. Hesitei em impor julgamentos e a não conhecer a fundo o que vem a ser a pesquisa (auto)biográfica e a pesquisa

sobre juventudes que ocorre neste local. Sinto-me hoje realizado do aprendizados e das minhas grandes aventuras por esta linha de pesquisa.

Foi no diálogo e na busca de adensar os esforços das pesquisas sobre os Coletivos, como os trabalhos de Luís Antonio Groppo sobre os Coletivos na UNIFAL, de Olívia Cristina Perez sobre os Coletivos em Teresina no Piauí e os de Maria da Glória Gohn, Gretha Leite Maia e Marília Pontes Sposito sobre as juventudes e os coletivos. Avança também no rumo do fortalecimento do projeto de pesquisa “Juventudes e educação na pós-modernidade: experiências, sentidos e rumos” vinculada a Faculdade de Educação da UFCAT.

É hora de fundear!

Alguns grupos são gerados, espontaneamente, no contexto das universidades, formados por um grupo de pessoas que buscam se socializar os chamados coletivos. Com essas observações iniciais, nota-se que os coletivos universitários possuem um objetivo de curto prazo, sua organização é variável não possuindo uma organização formal e concreta, e os movimentos são horizontais.

O exercício do percurso deste trabalho nos permitiu observar à presença e atuação dos coletivos universitários e admitindo-os como fenômenos recentes e pouco explorados no campo da pesquisa em educação, fez-se necessário construir um espaço e um mergulho para essa dinâmica, mapeando as diversidades de temas e atividades sobre o objeto os Coletivos Universitários.

Nesse cenário encontramos os jovens, tais narrativas nos levaram a afirmar que os Coletivos Universitários são manifestações de nosso tempo a pós-modernidade. Traduzem o aspecto emocional, o sentimento de estar-junto e o vitalismo das juventudes. Todas essas características que se manifesta na busca de uma vida cotidiana mais hedônica, mas isso, não lhe tira todo o caráter do formalismo, da hierarquia e da supervisão dos mais velhos, pois a sociedade e a própria universidade exigem sistemas modernas de estrutura e organização.

São sujeitos que estão imersos em uma universidade que problematizei durante o percurso. Universidade que se omite aos jovens marcados pelas desigualdades estruturais da sociedade. É problematizar que o grito destes coletivos é uma alerta aos educadores e aos governantes de quem tem algo acontecendo. É preciso vasculhar. É preciso apurar as informações.

Por fim, concluo que essa pesquisa foi um processo de autoformação. Aprendi que os jovens buscam nos coletivos algo que os unem, algumas vezes é algo identitário, para que se

aceitem, se vejam e se sintam livre. É hora de sermos mais jovens e não termos medo do novo e do ineditismo. É afundarmos cada vez mais no mar.

Finalizo dizendo: Até logo! Pois, todo fim é um começo.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

BOURDIEU, Pierre et al. **A juventude é apenas uma palavra**. Questões de sociologia, p. 112-121, 1983.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Zahar, 2013.

CORROCHANO, Maria Carla; LACZYNSKI, Patricia. Coletivos juvenis nas periferias: trabalho e engajamento em tempos de crise. **Linhas Críticas**. Brasília, DF, v. 27, p. e36720.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista brasileira de educação**, n. 24, p. 40-52, 2003.

DE AZEVEDO, Elaine Maria; GIACOMINI, Sonia Maria. Coletivo de mulheres universitárias: nova forma de fazer política feminista? Uma análise utilizando process-tracing sobre a criação dos coletivos universitários no contexto da PUC-rio. **Cadernos de Estudos Sociais e Políticos**, v. 6, p. 8-18, 2018.

FORACCHI, Marialice Mencarini. **A juventude na sociedade moderna**. Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. Unesp, 1991.

GROPPO, Luis Antonio. **Juventude**: Ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas. Rio de Janeiro – RJ: DIFEL, 2000.

_____. **Introdução à sociologia da juventude**. Paco Editorial, 2017.

GROPPO, Luís Antonio et al. Coletivos juvenis políticos em uma universidade pública mineira: microespaço público e experiências de participação no movimento estudantil. **Praxis educativa**, v. 14, n. 3, p. 1027-1048, 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Lamparina, 2006.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: O que é o esclarecimento?**. Tradução: Luiz Paulo Rouanet. Crítica, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **O Instante eterno**: O retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. São Paulo: Zouk, 2003.

_____. **O mistério da conjunção**: ensaios sobre comunicação. Sulina, 2005.

_____. **No fundo das aparências**. Petrópolis. Vozes, 2010a.

_____. **Apocalipse**: opinião pública e opinião publicada. Porto Alegre: Sulina, 2010b.

_____ **A Transfiguração do político:** a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____ **O tempo das tribos:** o declínio do individualismo nas sociedades de massa.
Tradução Maria de Lourdes Menezes. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

MEDEIROS, Léa Regina de et al. Representatividade em coletivos estudantis: análise com base nas relações estabelecidas no contexto universitário. **Revista de Ciências Humanas**, n. 1, 2017.

OLIVEIRA, Amanda Graziela de. "**A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte...**": Projetos de Extensão Universitária na UFG-RC/UFCAT (2017-2020). 2021. 89 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Catalão, Catalão, 2021.

PEREZ, Olívia C.; SOUZA, Bruno M. Velhos, novos ou novíssimos movimentos sociais? As pautas e práticas dos coletivos. 41º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, **Anais**. Caxambu, 2017.

RANCIÈRE, J. **O desentendimento:** política e filosofia. Trad. Â. L. Lopes, São Paulo: 34, 2018.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de Movimentos Sociais**. São Paulo: Editora Loyola, 2009.

TOURAINE, Alain. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____ **O que é democracia?** Petrópolis: Vozes. 1996

_____ **Pensar outramente:** o discurso interpretativo dominante. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

Anexo A - Termo de Consentimento e Livre Esclarecido (TCLE)

07/03/2022 17:04

PESQUISA JUVENTUDES E EDUCAÇÃO NA PÓS-MODERNIDADE: EXPERIÊNCIAS, SENTIDOS E RUMOS

PESQUISA JUVENTUDES E EDUCAÇÃO NA PÓS-MODERNIDADE: EXPERIÊNCIAS, SENTIDOS E RUMOS

Você está sendo convidado (a) a participar e que se intitula "JUVENTUDES E EDUCAÇÃO NA PÓS-MODERNIDADE: EXPERIÊNCIAS, SENTIDOS E RUMOS" sob a responsabilidade da pesquisadora Prof^a Dr^a Juliana Pereira de Araújo. O objetivo da pesquisa é compreender as juventudes, suas relações/ cultura com as instituições educativas no cenário da pós-modernidade e ainda: a) Fortalecer estratégias para a pesquisa com e sobre as juventudes, b) Estruturar bases conceituais sobre as juventudes e sua relação com a educação; c) Delinear um panorama das juventudes em suas experiências nas instituições educativas. A pesquisa "JUVENTUDES E EDUCAÇÃO NA PÓS-MODERNIDADE: EXPERIÊNCIAS, SENTIDOS E RUMOS" se justifica porque temos ainda muito a compreender sobre os próprios jovens e a forma como compreendem a si mesmo enquanto juventude e sua relação com a educação.

Antes de iniciarmos a pesquisa, por favor leia o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Se concordar com os termos, e aceitar participar da pesquisa assinale a opção Sim (corresponde a sua assinatura eletrônica) nas questões ao final deste formulário.

*Obrigatório

1. E-mail *

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

1- Informações importantes sobre a pesquisa:

A pesquisa contará com 30 participantes com os seguintes critérios de inclusão: aceite do convite e consentimento para participação na pesquisa, ter entre 18 e 29 anos, residir e atuar em coletivo universitário em uma das seguintes cidades: Barreiras (BA), Juiz de Fora (MG), Santarém (PA), Catalão (GO) ou São Lourenço do Sul (RS). Lembramos que a participação na pesquisa é de caráter voluntário, portanto serão excluídos (a) da mesma os (as) participantes que manifestarem o desejo de não participar da investigação ou que por qualquer motivo desistirem de participar mesmo após o início da ação. No caso de recusa na participação você não será penalizado (a) de forma alguma.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Juliana Pereira de Araújo após a apresentação da pesquisa quando fará o convite para participação.

Na sua participação entre janeiro de 2022 a abril de 2022, em data combinada a partir de sua disponibilidade receberá por e-mail um link que o direcionará a um questionário auto aplicado em momento que julgar oportuno contém questões sobre seu perfil socioeconômico e sobre educação. Posteriormente, no período entre janeiro de 2022 a abril de 2022 será entrevistado individualmente sobre o coletivo universitário e sua experiência nele. Essa entrevista acontecerá em meio virtual pelo link

<https://conferenciaweb.rnp.br/webconf/juliana-20> e terá duração entre 30 e 50 minutos. Estas entrevistas serão gravadas e posteriormente transcritas se você assim permitir assinando no box abaixo essa opção. Este material será mantido em sigilo. Não haverá divulgação destas gravações nem das identidades dos (as) participantes. Não haverá uso de sua voz nem de sua imagem. O material como os termos de compromisso, as gravações e transcrições da entrevista serão guardados na Universidade Federal de Catalão em arquivo físico sob a responsabilidade dos pesquisadores por 05 anos (até 2029) e será destruído após esse prazo.

Você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar na pesquisa. Podemos mencionar como possibilidade de riscos que você poderá sentir desconforto emocional desencadeados pelas emoções como tristeza, ansiedade e nesse caso, se necessário, a pesquisadora responsável fará o encaminhado ao serviço de atendimento adequado. Você será esclarecido antes do início da entrevista que poderá recusar a responder questionamentos que lhe causem constrangimento durante as entrevistas ou mesmo de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa sem penalização alguma. Em NENHUM MOMENTO VOCÊ SERÁ IDENTIFICADO (a). Haverá compromisso dos pesquisadores com o sigilo absoluto de sua identidade. Os benefícios estão relacionados ao fato de que a entrevista é instrumento de formação que lhe permite (pelo ato de narrar) refletir sobre aspectos importantes da vida e da trajetória escolar. Você é livre para deixar a pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa. Você tem o direito de pleitear indenização para reparação de danos imediatos ou futuros decorrentes de sua participação na pesquisa. Uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será enviada ao seu e-mail.

Mas se aceitar participar contribuirá para a compreensão dos coletivos universitários que são ainda pouco compreendidos. Nos comprometemos a partilhar os resultados da pesquisa que serão publicados em eventos e revistas científicas. Você receberá pelo e-mail fornecido uma cópia dessas publicações.

Em caso de qualquer dúvidas ou reclamação sobre a pesquisa você poderá entrar em contato com Juliana Pereira de inclusive sob a forma de ligação a cobrar no telefone: (64) 98158-0325 Endereço profissional: Bloco H- sala 01. Av. Dr. Lamartine Pinto de Avelar, 1120, Setor Universitário - CEP 75704-020. Fone (64) 3441-5300 vinculada a Faculdade de Educação da UFCAT ou com o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP: UFCAT- Universidade Federal de Catalão. Av. Dr. Lamartine Pinto de Avelar, 1120, Setor Universitário - CEP 75704-020.- Bloco Didático 1, segundo piso. E-mail: secretaria.cep.ufcat@gmail.com, telefone: 64 34417609.

1. Qual seu nome completo? *

1. Você se sente esclarecido (a) sobre a pesquisa? *

Marque todas que se aplicam.

☐ Sim

☐ Não

2. Se você se sente esclarecido (a) e concorda com os termos da pesquisa você aceita participar dela? (* corresponde a sua assinatura eletrônica) *

Marque todas que se aplicam.

☐ Sim, concordo em participar da pesquisa. Não

☐ concordo em participar da pesquisa

3. Você permite a gravação e transcrição da entrevista? *

Marque todas que se aplicam.

☐ Permito a gravação e transcrição de voz para uso na pesquisa; Não

☐ permito a gravação e transcrição de voz para uso na pesquisa

Outro: ☐ _____

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICES

Roteiro de Entrevista com os Coletivos Universitários – Via grupo focal

1. Como iniciou o coletivo (LGBTQ+, Todas Putax, ...)?
2. Como está organizado a história do coletivo, vocês têm documentos, diários ou fotos? Vocês preocupam em guardar esses documentos?
3. Há preocupação de passar essas informações históricas do início do coletivo aos novatos?

1. Vocês sabem de onde vem o nome coletivo? Quando vocês pensaram no grupo de vocês, vocês já sabiam o que era um coletivo, ou se tornaram coletivo posteriormente?
2. O que é um coletivo? O que vocês fazem? Existe uma definição do que é um coletivo? Há uma estrutura de cargos dentro do coletivo?
3. Como está organizado o coletivo no sentido de terem agenda, cronogramas de atividades, ações durante o ano?
4. Então qual é o papel dos coletivos na universidade?
5. Observamos nos coletivos as bandeiras da diversidade sexual, os étnicos raciais dentre outras. Como são definidas essas lutas no coletivo?
6. Qual a relação dos coletivos com o Movimento Estudantil?
7. Há uma relação entre o coletivo e outros grupos estudantis? (outros movimentos fora da universidade)

1. Como descobriu o coletivo? O coletivo convida os estudantes?
2. Como e porque você entrou no coletivo?
3. Como vocês se denominam dentro do coletivo? (militante, ativista, membro ...)
4. Como uma pessoa torna-se integrante do coletivo? Se tem algum ritual (apresentação) de entrada?
5. Então me tornei integrante do Coletivo, a partir de agora tenho que assumir uma lealdade com o coletivo (de estar presente, de participar, de integrar o coletivo)
6. Além do coletivo (LGBT, todas Putax) vocês participam de outro coletivo ou movimento estudantil?
7. Observamos a participação ativa da juventude no movimento. Como vocês observam o papel da juventude no coletivo?
8. Terminei a graduação ou a pós-graduação e agora como fica a minha participação no coletivo? Como é a saída do coletivo?
9. O coletivo já expulsou alguém?
10. Já chamaram a atenção de algum integrante por terem atrapalhado ou por terem utilizado o nome do coletivo indevidamente?

1. Como é a relação de vocês no interior do Coletivo? Quais os canais de comunicação entre vocês?

2. Como vocês observam a relação dos estudantes que não estão participando do coletivo, dos professores, dos técnicos e da comunidade com os integrantes dos coletivos? (Perguntar histórias de algum acontecimento.)

3. Com que outros movimentos da universidade você vem estabelecendo um diálogo? (representante de turma?)

4. Os encontros dos coletivos ocorrem na sua maioria dentro da universidade? Porque dentro da Universidade?

5. O coletivo já sofreu uma parada?

6. Como acontece a renovação/perpetuação do coletivo? Há um preparo de um novo integrante para assumir?

7. Quais foram as aprendizagens ao longo do coletivo? O que você vai levar para a vida?

8. Pretendem continuar as atividades do coletivo fora da instituição?

Gostaríamos de abrir o final para discussão de alguma história, ou relato ou experiência com o coletivo que vocês poderiam acrescentar neste momento. Se não tiverem, para finalizarmos queria que definissem o coletivo em uma palavra.